



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CULTURA E
TERRITÓRIO
MESTRADO INTERDISCIPLINAR**

GIANE LOURDES ALVES DE SOUZA FIGUEIREDO

**TERRITORIALIZAÇÃO E MODOS DE VIDA DOS NARRADORES DO
ASSENTAMENTO SANTA MARTA DO MUNICÍPIO DE PIRAQUÊ – TO**

ARAGUAÍNA
2018

GIANE LOURDES ALVES DE SOUZA FIGUEIREDO

**TERRITORIALIZAÇÃO E MODOS DE VIDA DOS NARRADORES DO
ASSENTAMENTO SANTA MARTA DO MUNICÍPIO DE PIRAQUÊ – TO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins (PPCULT/UFT), Câmpus de Araguaína, como requisito para obtenção do título de Mestre em Interdisciplinaridade Cultural e Territorial, vinculado à linha de Pesquisa: Paisagens, Narrativas e Linguagens (L2).
Orientador: Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros.

ARAGUAÍNA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F475t Figueiredo, Giane Lourdes Alves de Souza .
Territorialização e modos de vida dos narradores do assentamento
Santa Marta do município de Piraquê - TO. / Giane Lourdes Alves de
Souza Figueiredo. – Araguaína, TO, 2018.
120 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) em Estudo de Cultura e Território, 2018.
Orientador: Euclides Antunes de Medeiros

1. Modo de vida. 2. Desterritorialização. 3. Reterritorialização. 4.
Agronegócio. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

GIANE LOURDES ALVES DE SOUZA FIGUEIREDO

**TERRITORIALIZAÇÃO E MODOS DE VIDA DOS NARRADORES DO
ASSENTAMENTO SANTA MARTA DO MUNICÍPIO DE PIRAQUÊ – TO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins (PPCULT/UFT), Câmpus de Araguaína, como requisito para obtenção do título de Mestre em Interdisciplinaridade Cultural e Territorial.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros.

Aprovada em: 26 / 01 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros
Orientador e Presidente da banca – UFT/PPGCULT



Prof.ª Dr.ª Idelma Santiago da Silva
Membro examinador externo - UNIFESSPA



Prof. Dr. Plábio Marcos Martins Desidério
Membro examinador interno – UFT/PPGCULT

DEDICATÓRIA

A minha mãe Maria de Lourdes Alves de Souza (in memória) que partiu desta vida em 17 de Julho de 2016, abalando-me profundamente. Toda a minha vida e o que sou devo a esta mulher forte, guerreira, amiga incrível, carinhosa e tranquila. Ela possuía o dom de proferir as palavras certas nos momentos em que precisei de consolo, de força, de bronca e até de compreensão por não poder visitá-la devido a distância que nos separava.

Aos meus pais José Leite de Souza e Maria de Lourdes Alves de Souza (in memória) que sempre foram minha base sólida de vida, que em muitos momentos deixaram de viver os sonhos deles para que eu pudesse realizar os meus e ensinaram-me que é com muita luta, humildade e perseverança que conquistamos os melhores degraus na vida.

Ao meu filho Hugo Gabriel, meu bem mais precioso, que mesmo pequeno soube entender que sua mamãe nem sempre podia estar junto para compartilhar os passeios e as brincadeiras em família, e ainda assim, incentivava-me com abraços e beijos inesperados e inocentes.

Ao meu sogro Miguel Nunes Rodrigues (in memória), pois sua história de vaqueiro nordestino do sertão paraibano e o exemplo de amor as suas reses inspiraram-me em diversos momentos na produção escrita desta dissertação e na compreensão do modo de vida tradicional.

AGRADECIMENTOS

À força divina, ou Ser Supremo que rege minha vida e permite que a cada dia eu tenha novas oportunidades de me tornar um ser humano mais completo e melhor.

Ao meu esposo Hugo, que esteve sempre junto nos piores e melhores momentos desta fase de minha vida, dando-me forças e providenciando para que nada me faltasse, além de cuidar para que nosso filho não sentisse tanto as minhas ausências.

Ao meu incansável orientador Dr. Antunes, a quem aprendi a admirar e respeitar. Que acolheu com carinho, sabedoria e mansidão as minhas demandas de dificuldades; que compartilhou conhecimentos primordiais e ensinou-me a enxergar novos valores e riquezas existentes em minha pesquisa. São ensinamentos que irei levar por toda a vida.

Ao Professor Dr. Plábio, Coordenador do Programa de Mestrado, e ao colegiado que juntos puderam entender minhas demandas e, prontamente, direcionaram-me para as soluções viáveis que resultaram nesta dissertação.

*Quando vejo tanta terra/ Espalhada por aí
Eu lhe pergunto com qual direito/ Quer expulsar a gente daqui. (bis)
Todo mundo tem direito/ De ter terra pra morar
Porque aquilo que é de todos/ Mas o roubo acumular.*

*A maneira de ter terra/ Ela é muito conhecida
Expulsa o fraco das suas gleba/ E põe o fogo a sua saída (bis)
Quem me dera eu chegasse/ Porque o que expulsa os pobre
Da cidade do sertão/ Porque Amazonas
Tá sendo entregue/ Pra outra gente e outra nação (bis)
Quem me dera eu chegasse/ O ano da libertação*

Aonde a terra fosse de todos/ O bem da terra de cada irmão (bis)

Tudo o que para fazer/ Tudo o que para aprender (bis) (Sr. Otacílio Reis)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi problematizar em que medida e por quais formas o avanço do agronegócio tem encejado uma desestruturação do modo de vida dos pequenos produtores de leite, moradores do Assentamento Santa Marta, na Zona Rural do Município de Piraquê – TO, à medida em que a atividade leiteira faz parte de um processo de reterritorialização forçada e tentam adequar-se as exigências de aumento de produtividade impostas pela lógica econômica capitalista. Buscamos compreender também em que medida esses pequenos produtores rurais, forçados a se tornarem produtores de leite, dada às novas circunstâncias experimentadas, se acomodam e reagem à esta desestruturação. Para isso, utilizamos as técnicas de produção de entrevistas semi-estruturadas conjugadas com a produção de narrativas de histórias de vida que possibilitou conhecer o modo de vida dos sujeitos em tela, suas memórias e os novos desafios enfrentados no processo de desterritorialização dos seus lugares, pois a maioria foram remanejados do município de Babaçulândia – TO, devido a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito – MA e a reterritorialização no Assentamento Santa Marta, tendo que se submeter às mudanças impostas pela Cooperativa Vallecoop. Para abordagem teórica interdisciplinar, utilizamos a interação entre as perspectivas da História Cultural, da Geografia e História Oral, respectivamente baseados em Edward Palmer Thompson e Raymond Williams, Marcos Aurélio Saquet e Alessandro Portelli. Concluimos que a desestruturação do modo de vida tradicional impacta em grande medida a base de reprodução cultural, material e dos valores responsáveis pelo desenvolvimento da comunidade, gerando a desvalorização das práticas de produção agrícola de caráter familiar.

Palavras-Chave: modo de vida; desterritorialização; reterritorialização; agronegócio.

ABSTRACT

The objective of this research was to question the extent to which and in what ways the advance of agribusiness has entailed a disruption of the way of life of the small dairy farmers, residents of the Santa Marta settlement, in the Rural Area of the Municipality of Piraquê - TO, as that dairy activity is part of a process of forced reterritorialization and tries to adapt to the demands of increased productivity imposed by the capitalist economic logic. We also seek to understand to what extent these small rural producers, forced to become milk producers, given the new circumstances experienced, are accommodated and react to this destructuring. For this, we used the techniques of semi-structured interviews combined with the production of narratives of life stories that enabled us to know the way of life of the subjects on the screen, their memories and the new challenges faced in the process of deterritorialization of their places, since most of them were relocated from the municipality of Babaçulândia - TO, due to the construction of the Estreito Hydroelectric Plant - MA and reterritorialization in the Santa Marta Settlement, having to submit to the changes imposed by the Vallecoop Cooperative. For an interdisciplinary theoretical approach, we used the interaction between the perspectives of Cultural History, Geography and Oral History, respectively based on Edward Palmer Thompson and Raymond Williams, Marcos Aurélio Saquet and Alessandro Portelli. We conclude that the destructuring of the traditional way of life impacts to a great extent the base of cultural, material reproduction and of the values responsible for the development of the community, generating the devaluation of agricultural production practices of a family character.

Keywords: way of life; deterritorialization; reterritorialization; agribusiness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Controle de Captação de leite	99
-------------	-------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Faixa etária dos pequenos produtores de leite	31
------------	---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADAPEC	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MATOPIBA	Maranhão, Tocantins, Piauí, Bahia
PA	Pará
PDA	Plano de Desenvolvimento Agropecuário
PPGCULT	Programa de Pós Graduação e Estudos da Cultura e Território
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
RURALTINS	Instituto do Desenvolvimento Rural do Estado Tocantins
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHE	Usina Hidrelétrica de Estreito
VALLECOOP	Cooperativa dos Produtores do Vale do Araguaia Ltda
SENAC	Serviço Nacional do Comércio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 – OS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE: VIDA E TERRITÓRIO	20
1.1. OS PERFIS DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE	23
1.2. A ATIVIDADE LEITEIRA, UMA RETERRITORIALIZAÇÃO FORÇADA	31
2 – MODOS DE VIDA EM PROSA E VERSOS: PAISAGEM E TERRITÓRIO	51
2.1. MODO DE VIDA.....	51
2.2. O ESPAÇO DA ROÇA COMO CULTURA: VALORES E TERRITORIALIDADE.....	76
3 – A DESESTRUTURAÇÃO DO MODO DE VIDA TRADICIONAL.....	82
CONSIDERAÇÕES.....	111
REFERÊNCIAS.....	114

INTRODUÇÃO

O final do século XX trouxe consigo um universo de novas perspectivas para todos os campos de atuação humana, desde as atividades mais simplórias até as mais sofisticadas e avançadas no campo da tecnologia de modo a exigir de todos os sujeitos da história mudanças profundas e, às vezes radicais, no sentido de satisfazer suas necessidades e aspirações futuras. Este fenômeno pode ser chamado de revolução tecnológica.

Neste sentido, desde as atividades primárias até as mais complexas mereceram significativos empenhos de todos na busca de obtenção dos novos conhecimentos e, conseqüentemente, a satisfação de suas necessidades.

A partir de um olhar mais seletivo, curioso e investigador, passou-se a observar as relações de produção, envolvendo elementos de origem primária e as complicações a que estão submetidos, quando desejam participar objetivamente da vida plena no mundo da produção de bens e serviços, tentando se evitar, assim, a exclusão devido a incapacidade de produzir cada vez mais e melhor de acordo com a lógica de produção.

Com esta questão em mente no início, o projeto de pesquisa visava estabelecer as relações, as influências e as possíveis contribuições da dinâmica da territorialização no desenvolvimento de um novo modelo de produção e vida da comunidade constituída por pequenos produtores rurais assentado no Assentamento Santa Marta no município de Piraquê-TO. Tal assentamento foi constituído depois do deslocamento forçado do município de Babaçulândia-TO após a construção da Usina Hidrelétrica de Estreito com a conseqüente inundação das terras desses pequenos produtores rurais que, no assentamento foram condicionados a se tornarem pequenos produtores de leite.

De início, tinha-se por objetivo principal analisar as influências e verificar o desempenho produtivo e os mecanismos de implantação e utilização de tecnologias modernas e a competitividade da cadeia produtiva do leite, o que constatou-se ser uma visão bastante superficial e limitada do assunto devido aos imbricamentos de questões indissociáveis do contexto. Entendeu-se que seria importante mudar a sistemática e o perfil da linha da pesquisa. Assim, no decorrer do primeiro ano, muitos entraves, tanto de ordem pessoal, quanto profissional, constituíram-se em barreiras para que esta pesquisa não tivesse andamento. Neste sentido, por

intervenção e deliberação do colegiado do Programa de Pós Graduação em Estudos da Cultura e Território, houve alteração do professor orientador, que após examinar a transcrição das falas dos narradores fez me refletir sobre os novos rumos, novas possibilidades de análise e novas perspectivas que foram incorporadas nesta pesquisa.

Na primeira fase dos trabalhos de pesquisa, as leituras das disciplinas do programa, especialmente as que tratam da teoria e da metodologia, fizeram perceber que a abrangência territorial era bastante extensa e seria um fator de dificuldade para a consecução da proposta e se tornaria impossível conseguir pesquisar em todas as propriedades dos dezessete (17) municípios que compõem a microrregião de Araguaína - TO. Diante dessa realidade delimitou-se para o lócus da pesquisa em apenas um assentamento relativamente bem estruturado em sua organização; o Assentamento Santa Marta, localizado na Zona Rural a 15 quilômetros do município de Piraquê - TO, distante 60 quilômetros do município de Araguaína – TO.

Realizada a delimitação espacial, organizou-se um questionário semiestruturado com questões abertas, que foram utilizadas nos primeiros contatos com os pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, no município de Piraquê – TO. As questões contemplaram aspectos socioeconômicos e culturais, que deram suporte para caracterizar os sujeitos alvo desta pesquisa.

A segunda fase da pesquisa fluiu de maneira mais coerente com a proposta reorientada pelo novo orientador por proporcionar um aprofundamento do estudo que só foi possível abandonando a técnica de formulários estruturados e adotando a técnica de produção de entrevistas semi-estruturadas conjugadas com a produção de narrativas com história de vida dos pequenos produtores, uma vez que a pesquisa também precisou ser redirecionada assumindo o seguinte objetivo geral: Verificar como o avanço do agronegócio tem encejado a desestruturação do modo de vida tradicional dos pequenos produtores de leite e como estes se acomodam e resistem a esta desestruturação.

A produção das narrativas foram realizadas a partir de entrevistas gravadas, envolvendo oito sujeitos ativos na atividade produtiva do leite de maneira que não houvesse constrangimentos e respeitando a privacidade de todos, bem como a volição contributiva de cada um dos entrevistados. Do conjunto das oito pessoas envolvidas, apenas uma indicou não querer ser gravada, fato respeitado sem

questionamento, considerando-se também que não representaria perda substancial das informações pesquisadas. Vale salientar que a pessoa que não aceitou ser gravada participou efetivamente das demais ações empreendidas na pesquisa.

A reorientação do procedimento metodológico proporcionou possibilidades de se conhecer melhor sobre os modos de vida dos pequenos produtores rurais, agora tornados, por força das circunstâncias experimentadas no assentamento, pequenos produtores de leite¹. Problematizar seus valores, suas crenças religiosas, o trabalho diário, as experiências e memórias que são fundamentais para a construção do território em que vivem além das expectativas e anseios referentes à parceria com a Cooperativa Vallecoop.

Conforme consta em seu Estatuto Social, a Vallecoop (Cooperativa dos Produtores do Vale do Araguaia Ltda) é uma cooperativa mista e foi constituída em 20 de outubro de 2000 com sede e administração no município de Araguaína.

Procurou-se construir uma abordagem interdisciplinar para a pesquisa, fazendo interagir às perspectivas da Histórica Cultural de Matriz Inglesa, cuja fundamentação apoia-se em Edward Palmer Thompson e Raymond Williams com a perspectiva geográfica no que concerne à territorialidade especialmente as discussões de Marcos Aurélio Saquet e com a perspectiva da História Oral de Alessandro Portelli enquanto campo de conhecimento assim também como método de interpretação.

Para se compreender o modo de vida dos pequenos produtores de leite, buscou-se conhecer melhor o papel que o território assume e que influencia a cultura, os aspectos econômicos e sociais que proporcionassem análise da territorialidade não somente tomando por base a propriedade, mas também sua família e os modos empregados do trabalho para assim entender as dificuldades, desafios, vivências e expectativas desses sujeitos.

Para este estudo interessa a desterritorialização dos pequenos produtores de leite do município de Babaçulândia para o Assentamento Santa Marta, localizado a 15 km do Município de Piraquê - TO, na região Norte do Estado. O referido assentamento foi reestruturado há 9 anos objetivando remanejar as pessoas do município de Babaçulândia, haja vista que estes foram impactados com a

¹ Doravante iremos trata-los como “pequenos produtores de leite” pois é assim que auto se denominam, além de estarem se dedicando quase que exclusivamente a esta atividade, tendo as outras atividades que exerciam antes de serem deslocados permanecido apenas como complemento, e em alguns casos até deixadas de serem praticadas.

construção da barragem no Rio Tocantins para a Usina Hidrelétrica de Estreito no Maranhão (UHE).

São pessoas que se propuseram a narrar suas histórias de vida e relatar como conseguem, apesar dos avanços do agronegócio, manter suas práticas de cultivo da terra, criação de animais domésticos e, ainda, produzirem o leite que é entregue diariamente à cooperativa.

Em lugares onde a desapropriação de terras e conseqüentemente a realocação de pessoas acontece, muitas vezes é importante a reconstrução da identidade cultural e a reorganização do território, onde novas relações e expressões culturais podem ser incorporadas ou impostas pelos indivíduos. Assim sendo, considera-se que o sentimento e percepção territorial são decorrentes de experiências do cotidiano, ou seja, são adquiridos ao longo do histórico de vida particular e das territorialidades de cada pessoa. Dessa forma, é bastante relevante a reconstrução da identidade cultural dos assentados no Assentamento Santa Marta, haja vista as imposições que estes sujeitos sofreram e ainda sofrem em todo esse processo de (desterritorialização / reterritorialização).

Ao longo do estudo, os sujeitos da pesquisa vão contando histórias de sua infância, de sua juventude até os dias atuais. Assim, suas experiências de vida, hábitos, as tradições permitiram compreender a importância de se reconstruir os processos vividos por esses trabalhadores sofridos.

As heranças culturais vivenciadas na infância e na juventude influenciam de maneira decisiva na vida pessoal e profissional do indivíduo, e ainda determinam seu modo de perceber as coisas, de enfrentar desafios, de resolver conflitos, de se posicionar frente as mais adversas situações.

Muitas mudanças ainda podem acontecer no Assentamento Santa Marta em decorrência de relações sociais, sejam elas entre os indivíduos assentados, seja com a Vallecoop. Percebe-se também que, mesmo em meio à labuta do cotidiano ainda existem esperanças, sonhos. Esses sujeitos ainda acreditam que pode se adaptar, estruturar-se e atingir os índices de produtividade do leite exigidos pela cooperativa. No estudo apontado, ressaltou-se principalmente a luta pela ressignificação dos modos de viver dos produtores de leite, suas esperanças, suas formas de vencer as adversidades, o que direcionou a estruturação do trabalho como um todo, como também na organização dos capítulos, dispostos a seguir.

No capítulo I, intitulado “Os Pequenos Produtores de Leite: Vida e Território” foi caracterizado o perfil dos narradores quanto aos aspectos culturais, econômicos e sociais, buscando ainda compreender como se deu o processo de desterritorialização e reterritorialização, já que a maioria deles viviam em Babaçulândia – TO e foram atingidos pela construção da Usina Hidrelétrica do Estreito – MA, sendo alocados na zona rural do município de Piraquê – TO, por imposição do Estado. Porém, a imposição não se limitou apenas ao estabelecimento territorial, assim como ao tipo de organização territorial produtiva sem levar em consideração os saberes tradicionais, aspectos culturais e de construção social, inculcando a ideia de intensificação de produção para atender as exigências da Vallecoop, gerando uma relação conflituosa de subordinação a lógica capitalista de produção.

No capítulo II, intitulado “Modos de Vida em Prosa e Versos: Paisagem e Território” são apresentados os relatos referentes ao modo de vida dos pequenos produtores de leite, tendo como representatividade o Sr. Otacílio Reis que improvisa versos e repentes com contribuições e subjetividades que permitiram adentrar num universo de possibilidades de interpretações do contexto social, político, econômico e cultural. Dos outros produtores entrevistados, foram discutidos diversos assuntos relacionados à terra, às relações familiares e do convívio social, aspectos políticos, econômico e cultural das vivências desses sujeitos e ainda, foi possível exercitar a compreensão dos processos de desterritorialização e reterritorialização, refletindo ainda sobre os comportamentos a reprodução das concepções de controle da lógica econômica capitalista, de articulação, de ideologias políticas, econômicas e sociais.

O capítulo III, trata da desestruturação do modo de vida tradicional atrelado à intensa influência da lógica capitalista de produção de leite. Nele discutiu-se também, o papel da cooperativa Vallecoop nas imposições de produzir mais e melhor, de modo a traçar a forma de como os pequenos produtores se utilizam da memória e da oralidade para tentarem resgatar e manter vivos os valores do modo de vida tradicional.

Vários teóricos assumiram relevância fundamental na construção do corpus deste estudo, assim, serão citados tão somente aqueles que são julgados como essenciais para compreender a cultura, em seu sentido geral e poder analisar as falas dos produtores de leite no que se refere à visão de mundo / trabalho e sua

relação temporal (presente/passado/futuro) utilizou-se os entendimentos de Edward P Thompson (1998).

O entendimento acerca dos significados que assume a relação homem / espaço territorial e os valores relacionados à identidade cultural foram dadas por Medeiros (2008).

Little (1994) fundamentou as bases acerca do significado moral, simbólico e cultural do espaço geográfico enquanto território, trazendo importantes conhecimentos sobre a necessidade e as formas através das quais os seres humanos criam raízes em determinados lugares. Por sua vez Portelli (2010) assumiu relevância fundamental ao trazer direcionamentos acerca da compreensão de como a memória coletiva e memória individual, interferem na cultura de um povo e de como estas memórias sofrem interferência das instituições, das ideologias, do senso comum e, sobretudo das linguagens.

O entendimento acerca da organização cooperativa e a forma como esta interferem na vida dos cooperados (neste trabalho, os produtores de leite) levando-os a se adaptarem a políticas capitalistas veio através de Chayanov apud Abramovay (2007). Também e não menos importante, Raffestin (1993) direcionou a respeito da compreensão da forma como o poder se manifesta na relação de construção do território, da importância das relações sociais, políticas, econômicas e culturais ali estabelecidas.

Santos (2006) assume relevância ao afirmar que o território é o local onde o governo faz articulações políticas, a fim de estimular o desenvolvimento econômico. Ensina também que o conceito de território deve ser visto sob a perspectiva da sociedade, ou seja, das interações existentes entre seus sujeitos, das práticas sociais, políticas, econômicas estabelecidas no contexto do espaço geográfico ocupado.

Castells (2006) afirma que a identidade se constrói a partir dos fatos fornecidos pelas ciências (história, geografia, biologia) e pelas instituições produtivas. Ao passo que Tuan (1983) defende o princípio de que o significado de espaço e lugar se funde a partir do momento em que o indivíduo vai tomando conhecimento e atribuindo valor ao território geográfico ocupado.

Woortmann (1983) contribuiu de tal maneira, fazendo-se compreender nas falas dos pequenos produtores de leite a percepção a respeito da degradação ambiental provocada pela plantação de capim e da subordinação destes indivíduos

às técnicas, metodologias e exigências mediadas pelas grandes instituições (aqui representada pela Vallecoop) e também pelos grandes pecuaristas.

Bourdieu (1989), argumenta sobre dominação simbólica, bem como, sobre os instrumentos que esta utiliza para legitimar a dominação de uma classe sobre a outra, fato que possibilitou reconhecer, nas falas dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, a percepção da dominação que sofrem por parte da Vallecoop, além de se fazer perceber com maior propriedade a dominação masculina no âmbito familiar ao traçar o perfil dos pequenos produtores de leite, quando estes contam fatos de sua infância.

A contribuição de Williams (1979), para o estudo diz respeito ao entendimento de hegemonia e de como esta se enraíza nos sujeitos fazendo com que assumam valores e expressões de um determinado interesse de uma determinada classe. A respeito dessa hegemonia, Oliveira (2007), conduz, na compreensão nas falas dos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, o orgulho e o prazer de fazer parte do agronegócio e ao mesmo tempo a aversão de sua condição de assentados.

1 – OS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE: VIDA E TERRITÓRIO

O pequeno produtor de leite, de acordo com a cooperativa Vallecoop (Cooperativa de Produtores do Vale do Araguaia Ltda), que é a intermediária entre o que eles produzem e os grandes laticínios, é aquele que produz por dia até 50 litros de leite. Para esse estudo, é qualquer produtor que esteja submetido à lógica de produção/exploração dessas cooperativas e que sua produção seja “pequena” o suficiente para essa submissão.

Thompson (1998), propõe uma perspectiva que compreende a interação com passado e o presente pela qual se faz necessário dialogar com o mundo da práxis, e a partir desse encontro apreender, no campo das potencialidades e possibilidades dos sujeitos as práticas costumeiras, as experiências e os significados culturais construídos por um grupo social.

O que se propõe realizar aqui foi compreender então como os pequenos produtores de leite vivenciaram um processo de desterritorialização e reterritorialização mediado entre a autonomia do passado e as exigências de um presente, no qual os sujeitos em questão se aproximam, guardados os devidos distanciamentos espaços-temporais daqueles exemplificados por Thompson, e que: “viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a serem, condenados em vida, vítimas acidentais”. (1981, p. 13)

Nesse sentido, o encontro entre a perspectiva historiadora e os indícios das experiências desses sujeitos pressupõe uma compreensão específica de cultura, que se afasta da noção de cultura como a mera somatória de características e costumes de um grupo. Nesta perspectiva, pauta-se em uma noção de cultura que não se separa da dimensão das tensões sociais, como alerta Thompson (1998, p. 17):

Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, entre o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos que somente sob uma pressão imperiosa - por exemplo, o nacionalismos, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de um consenso pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto. (1998, p. 17)

A compreensão de cultura como uma dimensão da realidade cujo feixe de experiências é mediado por tensões entre grupos e classes diferentes e desiguais se torna preponderante por iluminar as diferentes formas de expressar as práticas culturais e, ao mesmo tempo, as relações desiguais entre os pequenos produtores de leite, de um lado, e a cooperativa de outro, à medida que os costumes significativos dos primeiros são construídos e fraturados com a presença dessa instituição, desde suas práticas de trabalho até a formação de seus valores em meio às disputas no processo por eles vivenciados.

Tal processo é recortado aqui, a partir do momento em que tais sujeitos se deslocam, e a maioria é deslocada, de seus locais de origem para o Assentamento Santa Marta. Tal Assentamento é localizado na zona rural a 15 km da sede do Município de Piraquê – TO, região Norte do Estado e foi criado em 31/05/1996, com uma área de 2692,133 hectares e capacidade de assentar 76 famílias. Atualmente são 72 famílias assentadas e há cerca de 9 anos, foi reestruturado para abrigar as famílias remanejadas do município de Babaçulândia – TO, impactados pela construção da barragem, no Rio Tocantins, da Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) - MA, divisa com o Estado do Tocantins.

Trata-se de assentamento relativamente consolidado, em virtude de ser um território em constante mudança, mudança impressa pelos padrões e relacionamentos sociais.

O território de um assentamento é constituído por um grupo de pessoas que vivem no mesmo espaço e que lá vivem não por se identificarem, mas porque se engajaram em um movimento cuja identidade comum é ser sem-terra [ou desalojado da] e cujo objetivo comum é a busca da terra. (MEDEIROS, 2008, p. 219)

Esse território foi estruturado como um espaço de pertencimento, ou seja, um lugar efetivado na conquista propiciada pelo acesso a terra, que, em última instância, deveria garantir a reprodução do modo de viver daquele que vive da terra. Assim, o assentamento se configura não apenas em “concessão” de terra a pessoas sem ou com pouca terra, mas espaço onde se reúnem pessoas com o mesmo sentimento, onde se desenvolvem relações de vida, de produção, que se negocia, cobiça-se, que é sonhado e a força intrínseca presente é simbólica e forte. Entende-se ainda, que este espaço geográfico conquistado é resultado do processo que territorializa sua luta pela terra na reformulação de uma identidade efetivada na organização espacial e nas relações do grupo.

A territorialidade construída em um assentamento está composta de relações simétricas, estabelece as trocas necessárias e equilibra os ganhos e os custos revelando assim a multiplicidade do espaço vivido. Pouco a pouco, o território dos assentamentos vai produzindo os seus próprios símbolos, suas identidades; cria suas próprias significações. Os significados e as estratégias vão se multiplicar em um conjunto de ações. [...] Nesta relação do ser humano com o espaço do território, ele coloca valores relacionados aos sentimentos e à identidade cultural. (MEDEIROS, 2008, p. 219)

O processo de conquista do Assentamento Santa Marta, se configura no conjunto de características territoriais da reforma agrária e após a obtenção da terra, inicia-se uma nova luta pelo domínio do território, para assim garantir o modo de vida camponês, o que na maioria das vezes, os valores rurais são desqualificados e que, conseqüentemente, colaboram para que os jovens, filhos dos pequenos produtores, não se sintam interessados em permanecer no meio rural.

Sendo assim, o território do assentamento pode caracterizar diversas funções sociais, políticas e geográficas, apresentados por meio das representações, dos valores e das memórias.

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva. (HAESBAERT, 1997, p.41)

Little (1994), também defende esta investigação ao afirmar que a memória é um aspecto importante de se estabelecer territorialidades, atribuindo-lhe significados morais, simbólicos e culturais.

Cada povo deslocado procura, de uma ou outra forma, sua realocação no espaço. O processo de criar um espaço novo torna-se, assim, primordial, e se dá, em parte, pela manipulação múltipla e complexa da memória coletiva no processo de ajustamento ao novo local. (LITTLE, 1994, p. 11)

Sendo assim, vários questionamentos surgem dessa “manipulação múltipla e complexa da memória” dos sujeitos em foco e que foram desterritorializados de seus lugares, tendo que abandonar suas raízes e a forma como viviam, para se submeterem a novos desafios dessa mudança imposta. A memória sempre fará referência às experiências vividas no lugar anterior para suprir as necessidades existenciais, isto é, “[...] utiliza a memória para os fins atuais de se apoderar do espaço perdido.” (LITTLE, 1994).

O modo de vida rural dos assentados do Assentamento Santa Marta será sempre incorporado em suas experiências presentes e futuras na tentativa de criar um novo lugar de aconchego, de bem estar, de qualidade de vida,

proporcionalmente, às formas de reterritorialização construídas neste espaço geográfico.

Tal incorporação se realiza, dentre outros mecanismos, também por meio da memória social e por meio de suas narrativas que conferem a si o direito de perpetuar suas memórias para que não se esvaia sob a memória histórica, aquela que privilegia uma história vencedora, no caso em tela, a que reverbera a lógica capitalista de produção na qual se insere a cooperativa a que estão vinculados. No entanto, Portelli (2010), considera necessário problematizar a memória coletiva, que é preferível tratar como social, como representativa do processo mais geral de rememoração:

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é bem assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. [...] a memória é social e pode ser compartilhada [...]; mas ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. [...] Quando compreendemos que "memória coletiva" nada tem a ver com memórias de indivíduos, não mais podemos descrevê-la como a expressão direta e espontânea [...], mas como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições. (PORTELLI, 2010, p. 127).

O enunciado acima foi importante, pois, até o momento em que foram selecionados alguns sujeitos, dentre os pequenos produtores de leite do município de Babaçulândia - TO, realocados no Assentamento Santa Marta, não se tinha conhecimento específico acerca de suas características referentes à produção/produktividade e muito menos sobre a dimensão cultural desses sujeitos e seu correspondente modo de viver. Nesse sentido, foi importante se estar munidos de tal referencial, que possibilitou se acercar desses sujeitos com o olhar já aguçado para se perceber por meio de suas narrativas algumas singularidades, tendo algumas se tornado “contraponto” de questões mais gerais reveladas pela pesquisa.

1.1. OS PERFIS DOS PEQUENOS PRODUTORES DE LEITE

O primeiro pequeno produtor² a ser entrevistado é o Sr. Jânio³, casado, com 55 anos de idade e é natural do município de Araguacema – TO, onde viveu por

²Os verdadeiros nomes das pessoas entrevistadas serão mantidos em sigilo utilizando-se um pseudônimo para identificá-los, com exceção o nome do Sr. Otacílio Reis que é autor de diversos versos e repentes utilizados nesta dissertação.

³Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

muitos anos na zona rural e teve os primeiros contatos com a vida do campo ensinados pelo pai. Vive atualmente no Assentamento Santa Marta, com sua esposa e um neto de 11 anos. No seu relato, o Sr. Jânio diz: “Nós samos. Dois filho meu mesmo. Eu tenho dois filhos, eu crio um neto. Mas eu considero tudo como filho. Eu tenho três filhos”.

Ele e sua família, foram remanejados para o Assentamento Santa Marta, como enfatiza o Sr. Jânio: “Eu fui remanejado de outro assentamento pra cá. Eu morava em Babaçulândia. Mas aí, com a barragem, eu fui remanejado pra cá.” o tom de voz e um abaixar de cabeça que acompanha a expressão “remanejado para cá” deixa vazar na narrativa que as terras em Babaçulândia constituía um bom lugar de se viver, em sua opinião. Por outro lado, denota que a incorporação do termo “remanejado”⁴ que trás imbricado a ideia que esses sujeitos são tratados como “objeto” pelo poder de Estado, foi resignificado pelos mesmos que lhe atribuem apenas o sentido de “ir de um lugar a outro”. Nesse sentido, a linguagem se desloca de um campo a outro, entre dominantes e “dominados”.

[...] funcionando segundo mecanismos rigorosos e capazes de impor aos agentes sua necessidade, faz com que os detentores dos meios de controlar esses mecanismos e de se apropriar dos lucros materiais e/ou simbólicos produzidos pelo seu funcionamento possam fazer a economia das estratégias orientadas [...] para a dominação das pessoas. (BOURDIEU, 2008, p. 194)

Seus dois filhos, contemplam a idade adulta, pois possuem 23 e 22 anos e, respectivamente, o primeiro trabalha no município de Araguaína e o segundo numa fazenda próxima. Ambos conseguiram concluir o ensino médio e são trabalhadores em serviços braçais. O neto de 11 anos ainda é estudante do ensino fundamental e cursa o quinto ano. Já sua esposa estudou até o 9º ano. Percebe-se que os filhos, não dão prosseguimento às tradições rurais do pai à medida que a lógica capitalista de produção adentra o campo e mesmo estes tendo concluído o ensino médio, que em tese lhes possibilitariam acesso às formas de trabalho que exigem essa qualificação mínima, têm que contentar-se com o “trabalho braçal”.

O segundo entrevistado foi o Sr. Pedro⁵, casado, 42 anos de idade, natural do município de Babaçulândia, igualmente remanejado para o Assentamento Santa Marta onde vive há 6 anos. Possui oito filhos, sendo o mais velho com 24 anos e o

⁴ Termo jurídico que expressa à situação de deslocamento forçado promovido pelo Estado.

⁵Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min. e 12 seg.).

caçula com 1 ano e 4 meses. Os dois filhos mais velhos, de 24 e 22 anos estudaram até a antiga quinta série, trabalham em frigoríficos no município de Araguaína – TO, e sempre contribuem financeiramente com a família. A filha de 18 anos vive em Xambioá – TO, é casada. Os outros 5 filhos moram com ele e são estudantes, sendo que os maiores ajudam na lida do gado nas horas vagas. Semelhante ao caso anterior, aqui se vê o processo de deslocamento dos filhos para outras atividades que não as vinculadas à tradição rural dos pais.

Outra moradora do Assentamento Santa Marta é a Sra. Jussara⁶, esposa do Sr. Joca⁷, um produtor que na ocasião da abordagem estava ausente da propriedade. Ela tem 42 anos de idade, nasceu em Babaçulândia e estudou até a antiga 4ª série. Sua família também foi “remanejada” de Babaçulândia e indenizada por ter sido atingida pela barragem. O casal tem três filhas, com 18,19 e 20 anos respectivamente, das quais duas moram em Araguaína – TO, e a mais velha em Goiânia - GO. Todas concluíram o ensino médio e trabalham no comércio.

Sr. Joca tem 50 anos de idade, esposo da Sra. Jussara e são casados há 30 anos. Também vieram de Babaçulândia e suas terras foram atingidas pelas águas da barragem da Usina Hidrelétrica do Estreito. Ele afirma:

Eu sou de Babaçulândia. Nasci em Babaçulândia e fui criado lá no município. [...] Aí fui criado lá. Lutando toda vida nesse mundo aqui. Meu pai tinha umas terras. [...] Aí quando a barragem saiu. A minha a barragem comeu e eu saí vim para cá. E comprei essa arinha aqui. (Sr. Joca)

O processo de mudança do modo de vida deste produtor será enfatizado no terceiro capítulo desta dissertação, aqui será informado apenas que ele sempre teve contato com a vida rural e que sentiu muito em ter que sair de Babaçulândia quando a barragem “comeu” a sua terra, expressão que denota o sentimento de se sentir “engolido” por uma lógica de produção que lhe era estranha.

Toda vida trabalhei na roça. Lá não trabalhava com leite. Lá eu mexia mais com trabalho de vazante, plantando vazante na beira do rio, roça, milho, feijão, melancia. [...] Nasci lá. Gostava demais de lá e achava bom demais! (Sr. Joca)

No primeiro contato com sua esposa, ela havia informado que não entregavam a produção de leite para a cooperativa, mas em outra visita mais tarde, feita aproximadamente um ano depois, afirmou que produz cerca de 50 a 55 litros de

⁶Entrevista concedida pela Sra. Jussara, **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. Não foi permitida a gravação em áudio das falas.

⁷Entrevista concedida pelo Sr. Joca, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

leite por dia e faz entrega do leite diariamente no resfriador, instalado na terra do vizinho, Sr. Jânio. Entende-se que essa mudança deve-se ao fato de o casal não conseguir mais resistir à lógica de produção preconizada pela Cooperativa e pelas indústrias de laticínios uma vez que, para vender o leite *in natura* existem as interdições impostas pela vigilância sanitária, a impossibilidade dos deslocamentos e quanto aos produtos derivados como o doce e queijo, tem que enfrentar, em condições desfavoráveis, a “concorrência de mercado”.

Entrevistou-se ainda, o Sr. Moacir⁸, 56 anos nascido na zona rural de Araguaína – TO, em 1961, nas proximidades onde hoje é um bairro periférico do município. Ele afirma: “Quando eu era menino, meu pai tinha uma terra aqui, [...], criando um bichinho, um animal, um gadinho, e meu pai mexia com farinha, pra poder arrumar o pão de cada dia.” Em 1973, o seu pai vendeu a propriedade e mudou-se para a Região do Bico do Papagaio, no município de São Bento do Tocantins, onde, segundo ele, só nesse momento pôde estudar.

Nois era 6. Dois homem e quatro mulher. A irmandade. Meu pai e minha mãe. Mas a minha infância, foi toda essa na roça, carregando lenha, fazendo farinha, arrancando mandioca. [...] Nois tinha [...] não tinha o motor pra quebrar a mandioca pra fazer a farinha. A gente tinha uma roda com arreio e uma banca. [...] Aí meu pai trabalhava dum lado e eu doutro. Rodando aqui. Aí tinha vez que ia lá na bola e minhas irmã, botando a mandioca alí pra virar massa, né!? Todo mundo trabalhava. Era na carpina da roça, limpando arroz, limpando mandioca, plantando feijão, plantando mandioca. Essa era a nossa vida. E a dificuldade era grande! (Sr. Moacir)

Frequentar a escola então significou para esse narrador, uma possibilidade de distanciá-lo da lida na roça, pois, até então precisava estar nessa lida como forma de contribuir para a sobrevivência da família, tornando-se mão de obra essencial.

O Sr. Moacir, quando adolescente foi trabalhar no Estado do Pará e diz:

Eu solteiro, depois vim embora pra Araguaína, aqui de novo. Aí cheguei em Araguaína. Me casei. E fiquei trabalhando. Esta aqui é a terceira propriedade que eu possuo. [...] Mas toda vida mexendo com lavoura. Eu tenho um caminhãozinho que faço um fretinho aqui e acolá, pra ajudar. (Sr. Moacir)

Percebe-se, que mesmo tendo a possibilidade de ter se distanciado daquela lida, por meio dos estudos ele optou em manter suas origens e o modo de vida rural de seus pais. Há 34 anos é casado. Tem dois filhos e diz: “Eu tenho dois filho, mas tudo trabalha na cidade. Um é motorista e outro trabalha num supermercado”. Seus filhos puderam concluir o ensino médio e não tiveram a mesma dificuldade de

⁸ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min. e 5 seg.).

acesso aos estudos como o Sr. Moacir, contudo ele fala com certa dor em saber, que no futuro, talvez eles não queiram cuidar de suas terras. Hoje, seus filhos são adultos e arrimos de família. No assentamento, ficam apenas, ele e a esposa, de 54 anos. Vivem lá há 6 anos e antes viviam no Assentamento Costa Rica, do município de Wanderlândia - TO, mas tiveram que ser “remanejados” devido suas terras não ter a medida necessária, de acordo com os padrões estabelecidos pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Outro entrevistado foi o Sr. Otacílio Reis⁹, sua história na vida rural é bastante presente, vividas em um período que coincide com o desbravamento de novas fronteiras agrícolas de expansão mediante a construção da Rodovia Belém/Brasília, quando houve migração de pessoas dos vários Estados para a Região Norte do País. Morador do Assentamento Santa Marta, ele nasceu em 1935 no município de Araripina – PE, tem 82 anos e, afirma:

Acabei de me criar até certo mês de idade na cidade de Carolina [Maranhão]¹⁰. Nosso povo veio de lá. Meu avô, minha vó, minha mãe. Aí nois viemo pra cá.[região Norte]¹¹[...] Aqui mesmo faz pouco tempo que moro. Nóis chegemos em Outubro do ano passado. [...] Aí tá o nome aqui de acharca Boa Esperança. [...] Eu cheguei em Marabá em 53. Em 54 botei a primeira roça na beira do patoá Estado do Pará. (Sr. Otacílio Reis)

Em relação a sua família, do primeiro casamento tem 3 filhos e orgulha-se em afirmar que todos estão “agasalhados”, no sentido de ter garantido a cada um o seu “pedaço de chão”, embora observa-se um certo desapontamento pelo fato de uma das filhas ter vendido a terra que possuía.

Tenho 3 filhos. Duas mulher e um homem. Uma mora no Pará tem uma terrinha no município da Piçarra. A mais velha exigiu ficar com um pedaço de terra, mandei tirar 4 alqueires pra ela e um sítio. E o filho, pegou, vendeu e comprou uma terra aqui no Assentamento da Mantiqueira [município de Piraquê – TO]. E a filha vendeu a outra parte, que ela mora no Araganã [Tocantins]¹² e é solteira. Disse que não tinha como tocar a terra. Vendeu a terra. (Sr. Otacílio Reis)

No seu entendimento, a terra pode garantir a eles sobrevivência, onde poderão plantar e colher, permitindo ainda dar continuidade ao seu modo de vida rural, conforme enfatiza Woortmann (1990, p. 43), “Vê-se então, que o significado da terra é o significado do trabalho e o trabalho é o significado da família, como o é,

⁹Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ Grifo nosso.

¹² Grifo nosso.

igualmente, a terra enquanto patrimônio. Mais que objeto de trabalho, a terra é o espaço da família”.

Para o Sr. Otacílio Reis a terra possui significados que vão além de ser o patrimônio ou herança da família, mas repleto de valores e princípios na relação entre trabalho e família, como nas palavras Woortmann (1990, p. 23) “[...] não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família”.

Seu Otacílio Reis é viúvo da primeira esposa e, há pouco mais de 7 anos casou-se novamente com Dona Maria Etelvina para a qual carinhosamente compôs os seguintes versos.

E eu passei 7 ano viúvo procurando Isabel
 Ai encontrei foi com Maria
 Caiu a sopa no mel
 Do jeito que o veinho queria
 Quando a noite é de chuva
 O namoro é todo dia
 E não gosto de covardia. (Sr. Otacílio Reis)

Ele é compositor de diversos repentes e autor de versos utilizados nesta dissertação que em muitos momentos demonstram aspectos da vida cotidiana do produtor rural, seus questionamentos sobre as consequências do avanço do agronegócio, de conhecimentos diversos e sua interpretação do mundo e de tudo que faz parte do cotidiano e da desestruturação do modo de vida tradicional.

Ter o Sr. Otacílio Reis como narrador, trata-se de uma grande responsabilidade. Interpretar os seus versos tem sido um exercício de muita reflexão que exige além do que as palavras significam e que, talvez, não expressem integralmente seus sentimentos e pensamentos intrigantes que o fizeram produzir tais riquezas. Jamais ter-se-á como agradecer tamanha contribuição. Resta apenas uma missão: eternizar nesta dissertação suas composições. Vários de seus repentes são de sua autoria e outros são interpretações de repentes que constituem uma memória social do nordeste, sua região de origem.

Nos primeiros contatos com os pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta não foi possível entrevistar a Dona Maria Etelvina, segunda esposa do Sr. Otacílio Reis, pois na ocasião estava muito atarefada com os afazeres domésticos, preparando o almoço e ajeitando sua casa. Com maior tranquilidade, ocorreu a oportunidade de entrevistá-la na segunda visita ao assentamento.

Dona Maria Etelvina¹³ tem 74 anos, nascida no Estado do Ceará. Há 50 anos vive na Região Norte, mais especificamente no município de São Geraldo, no Estado do Pará, onde até hoje vivem a maioria dos seus filhos. Ela diz: “Aqui tá com 50 ano que nois mora aqui. Eu tenho vinte neto no São Geraldo e onze bisneto. Tudo nascido dalí de dentro. [...] E foi porque tudo se caparo! Num tem mais menino nenhuma. Senão já tinha bem uns 50 ou 60.”

Com 8 anos de idade começou a trabalhar na roça e nos relatou com muito orgulho, sua trajetória na vida rural.

Todo tempo foi na roça. Nasci e me criei foi na roça trabalhando! [...] quando eu fiquei com 8 ano em 58. Eu saía de manhã e chegava de noite. Ia atrás de trinta gado. Pastorava no mato. Eu almoçava no mato. Lá é donde o filho chora e o pai num sabe! (Dna Maria Etelvina)

Toda sua infância foi marcada pelo trabalho na roça de sol a sol, plantando, colhendo ou com a “lida” do gado. Não existia tempo para “brincar”. Sua formação educacional familiar é marcada por princípios religiosos muito presentes até hoje em sua vida diária e nas pequenas coisas relacionadas a decisões importantes, ela pede a Deus, como diz: “Deus prepara. Pode pedir. Se você sofrer fala com aquele homem. [Apontando para o céu]¹⁴ Nem que não seja, Deus te dá”. Em um dos trechos de sua narrativa, ela conta com detalhes de como “Deus preparou” para que Sr. Otacílio Reis fosse seu companheiro.

Aí quando é de noite eu sonhei, muié!

Eu falei com Deus:- Jesus tu me dá uma pessoa que presta.

Eu sonhei com aquela pessoa com a boquinha funda, sem nenhum dente.

Eu digo:- Jesus, e tu vai me dar um aleijado? Ô num queria aleijado!

Era ele. Quando dei fé, bateu na porta. Eu cheguei da igreja. Participo da oração e bateu na porta. Aí o bichinho saiu. Um meninozinho que estava lá em casa, passando as férias, um neto meu lá da terra do pai dele.

- Quem é meu fio?

- Um veinho. A senhora pediu a Deus pra vim buscar a senhora. É um veinho! [narra imitando o neto]¹⁵. Eu saí, aí disse:- Eu tenho um negócio com a senhora.

Eu disse:- Mas eu não tô devendo pra ninguém.

Aí quando eu saí, disse: - Bom dia senhora!

-Bom dia!

Ele num andava não. Andava assim por dentro de casa. Olha o jeito! Abandonado lá dentro dos mato. Aí ele olhou para minha casa lá, disse: _ Essa casa não me cabe! Aí eu digo: Cabe, se você for prestar mesmo, se for honesto, se não for raparigueiro, nem fumador, vai caber. Mas se for honesto! Fecha a casa pra entrar um homem verdadeiro.

Vinha desses com a gravata de pendurada, pensando que eu queria. Esse é rico! Eu disse: _ Não senhor, eu não ando atrás disso não. Eu quero saber

¹³Entrevista concedida pela ETELVINA, Maria. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Grifo nosso.

se presta! Pode ser pobre só com uma perna com bastão na mão, mas tem que ser honesto! Agora ser raparigueiro, ser sem vergonha! Prá lá! Vai lá pra banda onde está as outras mulherada.

_ Não, sou da crente! [imitando o Sr. Otacílio]¹⁶ Se for daqueles honesto, pode até caber nesta porta.

Eu gastei, no tempo do meu aposento, eu fiz um empréstimo no banco, até broquia esse broquiaram. Aí levei ele pra Araguaína. Mande fazer cinco exames do corpo.

- Doutor, só num é pra tirar as tripa, mas pode virar ele pra saber se ele é doente!

Aí ele disse que ele era doente do coração. Aí eu fui tratando, tratando. Cadê o coração? Deus sarou! Quem curou foi aquele homem! [apontando para o céu]¹⁷ Nunca mais sentiu nada. (Dna Maria Etelvina)

Neste trecho da fala de Dna Etelvina, ela pede a Deus para conseguir um companheiro que teria que ser homem “honesto” e que não podia ser “raparigueiro, nem fumador”, demonstrando seus valores e princípios exigidos em virtudes e integridade de acordo com sua cultura, pois estes são alguns aspectos que afetam o comportamento diário de cada pessoa e ela queria alguém que realmente pudesse contar nas decisões cotidianas.

Percebe-se que todos os assentados possuem experiência do modo de vida rural, em níveis diferenciados, como o Sr. Otacílio Reis que com 12 anos, já mantinha “roça” de subsistência. Essa herança rural foi o substrato primário para a reterritorialização desses assentados, na medida em que se tornou motivação para decidir pela produção de leite. Nas falas, transparece ainda a simplicidade com que vivem e uma formação tradicional vinculada, por um lado, ao trabalho na roça, e por outro, à religiosidade popular. Já o Sr. Antônio, a seguir, sua única experiência, antes da atividade com o leite, foi “cuidar” de uma fazenda do sogro na condição de administrador, por cerca de dois anos.

Outro entrevistado foi o Sr. Antônio¹⁸, pequeno produtor do município de Babaçulândia - TO. Ele é natural de Nova Iguaçu município da baixada fluminense do Rio de Janeiro, casado, tem 42 anos de idade. Tem dois filhos, uma menina de 3 anos e um menino de 8 anos e, respectivamente, estudam no maternal e quarto ano do ensino fundamental. Há 10 anos reside no município de Araguaína e é acadêmico do 8º período do curso superior de Bacharel em Administração. Sua esposa é formada em Medicina e atua na profissão. Teve o primeiro contato com a

¹⁶ Grifo nosso.

¹⁷ Grifo nosso.

¹⁸Entrevista concedida pelo Sr. Antonio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2016. Não houve gravação desta entrevista somente sendo anotadas as informações pertinentes.

produção leiteira através de uma palestra do Projeto Balde Cheio, em parceria com Embrapa e Sebrae, realizada em Araguaína – TO, e há aproximadamente dois anos que está trabalhando com gado leiteiro e reconhece também a falta de experiência na atividade. Anteriormente, era comerciante do ramo de confecções e sua renda principal advém de negócios relacionados à especulação imobiliária. Este pequeno produtor apresenta algumas singularidades em relação aos demais que serão tratadas no capítulo III.

Tabela 1 – Faixa etária dos pequenos produtores de leite

Produtor de leite	Município	Idade
Antonio	Babaçulândia – TO	42 anos
Jânio	Piraquê – TO	55 anos
Joca	Piraquê – TO	50 anos
Jussara	Piraquê – TO	43 anos
Maria Etelvina	Piraquê – TO	73 anos
Moacir	Piraquê – TO	56 anos
Otacílio Reis	Piraquê – TO	82 anos
Pedro	Piraquê – TO	42 anos

Fonte: Dados obtidos nas entrevistas.

Os perfis dos pequenos produtores de leite indicam que têm idade média 52,4 anos de idade, em seus repertórios transparecem serem adultos maduros e com experiências acumuladas em alguma atividade rural, podendo representar indicativos de motivação para trabalharem na atividade leiteira, embora apenas quatro deles tivesse contato com tal atividade durante a infância.

1.2. A ATIVIDADE LEITEIRA, UMA RETERRITORIALIZAÇÃO FORÇADA

Como é ilustrado no relato do Sr. Jânio¹⁹ “Aprendi com meus pais. [...] Quando eu mudei para cá, ai eu resolvi fazer isso aqui. [...] porque eu vim já pensando mesmo no leite”.

¹⁹Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista.** [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min. e 12 seg.).

A Sra. Jussara²⁰ também relatou que seus pais também trabalhavam com a produção de leite e foi assim que aprendeu a fazer queijos e doces. Há pouco mais de sete anos que sua família trabalha com a produção do leite. No início, não teve assistência da Vallecoop, mas afirma ser fundamental para o processo de reterritorialização no assentamento a observação, a troca de experiências e colaboração dos vizinhos produtores.

Os camponeses neste processo discussão, de ação e de prática vão incorporando um novo jeito de agir, acrescentando assim novos elementos de ação à sua existência cultural. Há assim a inclusão de elementos que, na vida diária, são colocados como desafios e que os camponeses vão incorporando à sua herança cultural. [...], neste processo de incorporação, trabalham a sua nova realidade que é o espaço do assentamento, com novos desafios diante do desconhecido que os obriga a buscar novos conhecimentos. (MEDEIROS, 2008, p. 223)

A experiência familiar com a produção de leite narrada pela Sr^a. Jussara é uma exceção. Na maioria dos casos a atividade leiteira foi incorporada há pouco tempo pelos pequenos produtores tratados nesta pesquisa. Possuem, portanto, pouca experiência no ramo, deixando entrever a imposição, corroborada por algumas narrativas, de terem que dar uma destinação específica a terra, qual seja, a produção leiteira, para justificar o ressarcimento dos impactos causados pela sua reterritorialização, a linha de crédito recebida e, talvez, para um maior controle desses sujeitos da parte do Estado e da lógica capitalista de produção.

Dos assentados, o Sr. Pedro²¹ disse que: “quando cheguei aqui [Assentamento Santa Marta]²² comecei logo a mexer com leite, antes não mexia não. Comecei mesmo por interesse mesmo”. A expressão “interesse mesmo” da fala do Sr. Pedro, revela expectativas vantajosas para além do sentido financeiro, já que ser produtor de leite e ter “gado no pasto”, pode configurar certa posição de “status social” em um estado em que fazer parte do agronegócio é sinônimo de poder, até porque soa melhor ser “produtor de leite” do que ser “assentado”. Nesta percepção está vinculada muito mais à entonação da fala e às expressões faciais que propriamente ao enunciado. Em linhas gerais, foi possível perceber que muitos dos assentados incorporaram o rótulo de produtor de leite com orgulho, o que remete a se pensar na

²⁰Entrevista concedida pela Sra. Jussara, **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. Não foi permitido a gravação em áudio das falas.

²¹Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min. e 12 seg.).

²²Grifo nosso.

dominação simbólica proplematizada por Bourdieu (1989). Segundo esse autor, essa forma de dominação ocorre:

[...] quando instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação [o rótulo] e de conhecimento que os *sistemas simbólicos* cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de forças que fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’. (BOURDIEU, 1989, p. 11)

O Sr. Moacir²³, embora produza cerca de 40 litros de leite por dia, prefere preparar queijos e doces para vender no município de Araguaína, o que lhe confere uma relativa autonomia de vender o que produz e poder atribuir, ele mesmo, o valor monetário do seu trabalho. Segundo ele, já existem “compradores certos”, pois muitos queijos e doces são feitos por encomenda, confeccionados por sua esposa que, ainda, é quem faz as entregas.

Só faço queijo. A minha esposa faz o queijo, faz doce. Aí leva pra cidade, já pra entregar. Já tem os comprador. Eu passo o queijo a dez reais a peça. E a cinco. Porque tem o maior e o menorzinho. Porque muitas vezes liga e diz: Não eu só quero o pequenino. Aí pra num ter que cortar ele no meio. Já faz ele menor. E o doce é de cinco. É de dez. Aí vai depender da quantidade. (Sr. Moacir)

Em sua concepção: utilizar o leite produzido em sua propriedade para fazer queijos e doces é mais vantajoso do que entregar no resfriador cedido pela Vallecoop, pois além de aproveitar o soro para preparação de ração para o porco, trata-se de uma transformação do seu trabalho em ganho, necessário para “colocar o de comer dentro de casa”, para manter sua família.

É assim porque eu fazendo o queijo, tem outro objetivo. Que eu tenho o soro para o porco. Aí eu já planto uma mandioca. Tiro a massa, já misturo com o soro. Já tem uma ração mais saudável pro bicho. E eu vendo lá [em Araguaína, ao invés de entregar no resfriador cedido pela Vallecoop]. Sai a mesma coisa e até melhor um pouquinho. (Sr. Moacir)

Nesse sentido, o Sr. Moacir, apesar de rejeitar, num primeiro momento, a lógica da cooperativa, demonstra que já está assimilando alguns valores oriundos do discurso do agronegócio e, como os demais pequenos produtores tentam implementar um empreendimento a seu próprio modo. Entretanto, o que há de

²³Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min. e 5 seg.).

vantajoso na visão desses pequenos produtores de leite? Quais valores estão se alicerçando na atividade? Existem valores constituídos nesta cultura do pequeno empreendimento do agronegócio? Como essas famílias estão conseguindo resistir e até adaptar as mudanças advindas dos avanços do agronegócio?

Parte desse questionamento sobre as vantagens do pequeno empreendimento do agronegócio pode ser respondida com a seguinte fala do Sr. Moacir:

O povo diz assim: Que nois tamos vivendo uma crise, mas na época da minha infância. A crise era mais do que esta que nois tamos passano. Pra mim hoje. Eu sou um herói! Porque meu pai num deixou nada pra nois, porque num tinha. Só trabalhava pra arrumar o pão de cada dia e coisinha pouquinho mesmo. Sabe? E hoje, eu dou muita glória a Deus de tudo assim que já vivi. Porque hoje eu caminho com meus pés. Eu hoje, eu me sinto melhor assim. Porque eu tenho a minha propriedade que é minha. Eu tenho um gadinho que é meu. Uns animais que é meu. Tenho um carro veio que é meu, que ajuda também. E tem dificuldade? Tem! Mas hoje pra mim, eu me sinto um herói a vista o que eu era pequeno. Porque quando eu vi meu pai comprava uma muda de roupa nossa por ano. Porque não podia comprar mais. E rapaz! Um ano pra pagar. (Sr. Moacir)

No seu entendimento, fazendo comparações com as dificuldades enfrentadas pela pobreza dos pais, se acha “um herói” e “caminho com meus pés”. É fato que, da época de seus pais para cá, muitos benefícios foram incorporados com as políticas públicas voltadas aos produtores familiares, entretanto, também tem que considerar que o Sr. Moacir é uma pessoa que aprendeu a administrar o dinheiro e seus negócios, pois na luta pela sobrevivência, o sujeito desenvolve suas potencialidades e se torna capaz de buscar alternativas que os faça enfrentar tais dificuldades, ou seja, a experiência se converte em aprendizado.

Quanto à escolaridade dos pequenos produtores, a média é de 5,4 anos de estudos, sendo que a maioria estudou somente até o terceiro ano do ensino fundamental ou sabem escrever o nome e fazer contas, ou seja, foram alfabetizados não letrados, visto que o letramento é utilizado no processo que insere o indivíduo no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita numa cultura letrada.

Como afirma o Sr. Jânio²⁴ “Estudei bem pouco. Só até a terceira na marra. Toda à vida eu morei na roça”. A expressão “na marra” na fala do Sr. Jânio significa “à força, com muita coragem”, demonstrando assim que houve muitos obstáculos e dificuldades enfrentadas para conseguir estudar, pelo fato de viver sempre na zona

²⁴Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min. e 12 seg.).

rural, enfatizado igualmente na fala do Sr. Otacílio Reis²⁵: “Eu só fiz o pré mesmo, na roça.” O Sr. Moacir também teve esta experiência e afirma “a gente morava lá na roça e só tinha colégio no Setor Barros”.

O número de filhos é em média de 3,8 por família, sendo que a maioria possui idade escolar (entre 5 e 17 anos) e estão matriculados na escola, embora também enfrentam muitos desafios para chegar à escola, especialmente os filhos dos produtores do Assentamento Santa Marta. Em média, a escolaridade dos filhos é de 7 anos estudados. Já as esposas desses produtores estudaram um pouco mais, já que a média de escolaridade delas é de 6,6 anos, sendo duas com mais de 9 anos de estudos e apenas uma não é escolarizada. Segundo relato do Sr. Otacílio Reis. “Minha esposa não assina nem o nome”, referindo-se a Dona Maria Etelvina.

Dona Maria Etelvina²⁶ afirma: “Só num sei leitura, que meu pai num deixou eu fazer nem um “a”. Disse pra eu não escrever pra caba safado. Disse que caba sem vergonha, nunca ia receber uma letra minha”. Ela não pôde frequentar a escola, pois sua educação foi pautada numa visão patriarcal de dominação da mulher, uma dominação simbólica. Seu pai alegava que aprender a ler ou escrever era perigoso porque ela podia se comunicar com o namorado.

Embora não estejamos realizando nesse trabalho uma discussão de gênero, consideramos importante ressaltar que está intrínseca neste relato, a forma de dominação masculina propriamente simbólica arraigada nos modos de comportar, pensar, falar e sentir, pela submissão e obediência que deveriam ter as mulheres da época de Dona Maria Etelvina, legitimando e mantendo a ordem social. A ressalva se faz necessária á medida que entendemos que a dominação masculina é uma característica marcante da cultura rural compartilhada pelos sujeitos em tela.

Bourdieu (2012, p. 12), afirma que as pessoas incorporam a dominação nas “[...] estruturas históricas de ordem masculina [...]”, ou seja, o modelo de família patriarcal, sob “[...] esquemas inconscientes de percepção e de apreciação [...] a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação”.

²⁵Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

²⁶Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

Para o autor, amplia-se a dimensão e complexidade da dominação masculina por meio da violência simbólica reproduzida socialmente notadamente no pensamento e na linguagem, de maneira invisível e dissimulada.

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2012, p. 9)

Em outro momento, Dona Maria Etelvina faz referência de como o seu pai era rígido na cobrança de virtudes morais de pureza, submissão e domesticidade, que se traduziam em características de boa filha, mãe e esposa e que regiam a conduta e o comportamento dela e de suas irmãs.

O veio era brabo! Eu era ali! Era um casal de veio que nois levava pra igreja e trazia. Eu sou daquele povo, que era do povo virgem mesmo! Levava e trazia aquele casal de veio pra igreja. Quando acabava a missa. – Pega o caminha de casa! E nois óia! E o veio mais a veia ói. (Da Maria Etelvina)

Observando os seus gestos de mãos, no momento da entrevista, quando diz: “eu era ali!” e “E nois, óia!”, tentamos interpretar como sendo a pontualidade com que obedecia aos pais e demonstra “orgulho” de ter sido educada desta forma, mas também que, se por um lado sugere a submissão a esse padrão moral patriarcalista, por outro, revela que a educação no meio rural está embasada em outros valores que não passam pelo campo escolar. Pareceu no momento que seus gestos e expressões faciais disseram muito mais que suas palavras, pois:

Um simples sorriso ou um contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. Na medida em que esses gestos podem ser observados, eles são públicos. São, entretanto, efêmeros e seus significados estão tão longe de uma interpretação verdadeira [...] Carecem da firmeza e objetividade de palavras e imagens. (TUAN, 1983, p. 152)

Pela lógica capitalista de produção, o nível de educação escolar interfere diretamente no acesso às informações de aperfeiçoamento nos projetos pensados pela cooperativa já que a pouca ou nenhuma escolarização significa um entrave na intensificação e implementação de técnicas e tecnologias agrícolas, além de intervir no ato da negociação. A educação formal segundo tal lógica seria um instrumento que pode proporcionar aos sujeitos condições para o exercício da cidadania e oportunidades de mudanças na qualidade de vida, porém não é regra. No caso

destes narradores, a ausência relativa dela, se por um lado é um entrave para a implantação da lógica de produção preconizada pela Vallecoop, por outro, essa ausência informa a esses sujeitos que devem lançar mão dos valores aprendidos com os pais para continuar vivendo, apesar das adversidades.

Dona Maria Etelvina enfatiza no trecho a seguir sobre a possibilidade de prosperidade adquirida através dos estudos, mas percebe-se que na verdade lamenta ao fato que não teve acesso a educação.

Pois é. Hoje a caneta ganha dinheiro. A caneta e o pensamento. Meu pai nunca deixou eu ir a nenhuma escola para eu não escrever pra cabra ruim. [...] Escola eu não fui não. Eu sei contar dinheiro. Dinheiro é comigo mesmo.
(Dna Maria Etelvina)

No assentamento Santa Marta, a propriedade de cada produtor mede 7,5 alqueires, que inicialmente, foi entregue pelo INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, com uma casa de alvenaria rebocada com quatro cômodos, composta de dois quartos, sala e cozinha. Quatro dos produtores, para melhor atender as necessidades pontuais de instalação de suas famílias, após a posse da terra, providenciaram algum tipo de benfeitoria em suas residências construindo um “puxadinho” em alvenaria sem reboco ou mesmo de tábuas aumentando a varanda, a cozinha e construíram banheiro, conforme afirma o Sr. Otacílio Reis. “Fiz um banheirinho alí ó. Que não tinha banheiro.”

A propriedade do pequeno produtor de Babaçulândia mede 102 hectares, aproximadamente 21 alqueires. Possui uma casa de alvenaria com reboco, três quartos, dois banheiros, cozinha e varanda, toda revestida em piso cerâmico e não forrada. No terreiro, próxima a casa tem um barracão que abriga um fogão de lenha. Há, portanto, considerando-se as construções e instalações nas terras destes sujeitos, uma disparidade no perfil econômico e social entre os assentados e o produtor de Babaçulândia.

Nas propriedades do Assentamento Santa Marta, as casas construídas são destinadas a moradia dos produtores e suas famílias. Todavia, na propriedade do pequeno produtor de Babaçulândia, a casa serve de moradia para o vaqueiro e família (esposa e dois filhos). Tais disparidades serão discutidas no capítulo III, especialmente no que concerne à oposição entre o modo de vida tradicional dos assentados e “empreendimento rural” referente ao produtor de Babaçulândia.

Em média, são 4 pessoas que habitam nas propriedades, ou seja, o produtor e seus familiares, sendo a família do Sr. Pedro, a maior delas.

No sistema de produção adotado pelos produtores do Assentamento Santa Marta, todos da família são envolvidos na lida com o gado e de alguma forma na manutenção financeira do lar. Geralmente, os homens que assumem as maiores responsabilidades na atividade leiteira representando assim, um papel fundamental. As mulheres mesclam seus afazeres domésticos com sua ajuda na produção do leite. Até as crianças com mais de 8 anos, filhos dos produtores, também ajudam. Como ilustrado no relato do Sr. Jânio²⁷. “A luta todinha é eu, a muié e o menino de 11 anos. Só nois mesmo.” Assim, percebe-se a luta pela manutenção e conservação de um sistema de produção tipicamente familiar, característica de modo de vida tradicional, embora este esteja sendo relativamente desestruturado pela lógica de produção defendida pela Cooperativa da qual estão filiados.

Já o Sr. Pedro²⁸ disse: “Minha esposa não ajuda na luta do gado, mas os meninos sim. De 17, 15 e 12 anos. A mulher trabalha na fazenda [empregada doméstica]²⁹”. Neste caso, o salário da esposa auxilia a complementar a renda de sustento da família, visto que é evidente que a renda gerada da produção do leite não é suficiente para subsidiar as necessidades básicas e, para isso, buscam alternativas.

É fato que as famílias entrevistadas do Assentamento Santa Marta possuem apenas a renda advinha da produção de leite e não alcançam o volume de leite suficiente para que esta renda possa atender todas suas necessidades, por isso precisam buscar outros meios que possam garantir o sustento da família, produzindo queijos, vendendo ovos, galinha e porcos. É preciso ressaltar, entretanto que estas atividades são realizadas de forma apenas complementar, e num nível ebm inferior, em termos de quantidade e diversidade produzida, se comparada quando eram realizadas por eles antes do deslocamento para o assentamento.

No caso do Sr. Antônio³⁰, que é uma exceção dentre os narradores, este mantém um funcionário permanente, registrado como vaqueiro que executa a

²⁷Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min. e 12 seg.).

²⁸Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min. e 12 seg.).

²⁹Grifo nosso.

³⁰Entrevista concedida pelo Sr. Antonio. **Entrevista estruturada**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2016. Não houve gravação desta entrevista somente

ordena, alimenta o gado, realiza todo o manejo do pasto e faz controle de vacinas, parto e desmame em fichas individuais para cada animal.

Claro que a luta pela sobrevivência está atrelada a capacidade de como cada produtor se utiliza da sua propriedade, na forma como extrai da terra, da criação de animais domésticos e da produção de leite o seu sustento financeiro.

O manejo com o gado leiteiro é iniciado sempre nos primeiros horários do dia. Às 4 horas da manhã, é destinado para a ordenha manual das vacas produtoras. Prende-se a vaca ao mourão³¹, amarram-se as patas traseiras, senta-se em um banquinho de uma só perna, higienizam-se os tetos e tira-se o leite. Em média, nas propriedades pesquisadas o número do rebanho leiteiro é de 13,4 vacas, incluindo 7% de vacas falhas³², ou seja, aquelas que não produzem leite.

Segundo relatos, esses pequenos produtores tiram em média 40 litros de leite por dia em época de estiagem e em períodos chuvosos, chegam a retirar em média 70 litros de leite por dia, quando a água e a pastagem são abundantes.

Agora na época da seca não passa de 50 litros. Em época boa vai até 80. Meu leite de primeiro não passava de 40, 30 em época boa. Agora a gente aumentou mais um pouco. Quando tava inverno a gente tira 70, 80. Minhas vacas são pouquinha. Tenho 20, 25 vacas. E tenho vaca descartada. Num vale a pena mexer. Primeiro por causa da terra que é pequena. (Sr. Jânio)³³

Neste sentido, percebe-se que é com dificuldades que os pequenos produtores sempre buscam estratégias de intensificar o aumento da produção do leite, impostas pela lógica capitalista de produção. Em tempos de estiagem, boa parte da renda mensal do pequeno produtor, é gasto para comprar insumos como o milho, o farelo de soja, cana-de-açúcar e sal mineral, para complementação da alimentação do gado leiteiro, mesmo mantendo o pasto cultivado não irrigado.

Sr. Pedro³⁴ “Nois faz pasto e na seca complementa com cana que eu tenho plantada”.

sendo anotadas as informações pertinentes. Em 2017 foi realizada outra entrevista, esta gravada e utilizando a técnica de história de vida.

³¹Mourão – estaca de madeira grossa, fixada do centro do curral que serve para amarrar o gado na hora da ordenhar, de vacinar e ferrar.

³²Os produtores referem-se a vaca falha aquelas que produzem leite suficiente apenas para amamentar os bezerros.

³³Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min. e 12 seg.).

³⁴Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min. e 12 seg.).

Já Sr. Otacílio Reis diz “A alimentação do gado é o sal branco com o sal que vem temperado. Mostra aí veinha! Sal mineral. Misturado. O pasto agora que nós comecemos a passa o trator. Aí faz uma mistura duma salada pra eles”.³⁵

Em algumas propriedades, o farelo da soja misturado à ração obteve resultados significativos de aumento de produção de leite, conforme o relato do Sr. Jânio a seguir: “A gente este ano fez um teste de ração e farelo de soja na alimentação das vaca. Elas aumentaram muito o leite.”

Na propriedade pesquisada de Babaçulândia, a alimentação do gado é à base de capim tipo Mombaça, plantado em piquetes³⁶ irrigados num sistema rotacional. Na estiagem, há uma complementação com cana-de-açúcar (triturada) e ração. Este sistema rotacional retrata uma singularidade desta propriedade, pois para organizar a plantação de pasto em piquetes são necessários certos investimentos financeiros e conhecimentos técnicos específicos. Sendo assim, este produtor se utiliza de consultoria de assistência técnica particular de um técnico agropecuário, além de possuir seus próprios meios financeiros, fruto de investimento no setor imobiliário urbano, que podem subsidiar tais investimentos.

Neste sentido, percebe-se que a cooperativa não fornece a assistência necessária para melhoria da produção, que ela mesma preconiza, já que o único produtor que alcança o que a Vallecoop indica como bom índice de produção é o produtor em referência, que se vale de assistência particular.

Um dos produtores do Assentamento Santa Marta, relatou que tem conhecimento deste sistema rotacional, mas a grande questão é como fará isto, já que este tipo de estrutura exige dinheiro. Afirma:

A gente esse ano tá querendo mudar. Botar elas tudo nos piquete. Pelejando pra isso. Eu tenho o mapa dos piquete e o pessoal da Ruraltins vem. Eu já falei com o Carlão da Ruraltins e ele disse que quando eu for pra começar ele vem pra me ensinar. Este ano pretendo mudar e colocar elas tudo nos piquete. Eu tenho sonho de mudar, mas até agora não tive condições de mudar... A gente tá trabalhando para isso... precisa de estrutura e tudo. (Sr. Jânio)³⁷

O produtor acima seria uma ponta-de-lança da cooperativa, já que tem o resfriador cedido pela Vallecoop, “repassa” aos demais produtores determinados

³⁵Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

³⁶Pequena plantação ou pasto, com divisórias de estacas de madeira ou cerca elétrica.

³⁷Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

ensinamentos desejados pela cooperativa que se vale de uma prática tradicional, a ajuda mútua, ressignificando-a de acordo com seus interesses por meio da cooptação de um dos produtores, cedendo-lhe o resfriador, que funcionará como replicador da lógica produtiva desta cooperativa.

Seria realmente com muita “teimosia”, talvez, que todos os outros pequenos produtores de leite pudessem conseguir intensificar a produção. Entende-se então, que vivem um paradoxo ao tentarem viabilizar estratégias de fortalecimento da sua autonomia, pois tal situação é praticamente inviabilizada pela intermediação da Vallecoop, configurando-se em uma situação de hegemonia que segundo Williams:

A “hegemonia” é um conceito que inclui imediatamente, e ultrapassa, dois poderosos conceitos anteriores: o de “cultura” como “todo um processo social”, no qual os homens definem e modelam todas as suas vidas, e o de “ideologia”, em qualquer de seus sentidos marxistas, no qual um sistema de significado de valores é a expressão ou projeção de um determinado interesse de classe. (WILLIAMS, 1979, p. 111).

Assim, percebe-se que se sentem pressionados a “mudar” já que o “sistema de significado de valores” oriundos dos pressupostos do “mercado” exige maior produtividade, qualidade e aquisição tecnológica. Definir e modelar suas vidas e “todo processo social” e ajustar seus meios de produção para atender tais exigências, e que permita competir de maneira significativa para se manter na atividade pressupõe submeter-se às condições impostas pela cooperativa. Nesse sentido, a melhoria desejada é sempre um devir que será discutido mais minuciosamente no capítulo III desta dissertação. Por outro lado, os laticínios simplesmente não teriam como desenvolver suas atividades sem o abastecimento do leite dos pequenos produtores, até porque na região existem poucos produtores de leite de médio e grande porte.

Identificou-se ainda, no relato dos pequenos produtores, outro fator determinante para se obter maior produção de leite e melhor qualidade do rebanho leiteiro, no caso a qualidade genética dos animais, conforme afirma o Sr. Jânio³⁸. “Tá tendo aumento do leite. Não é muito, por causa do gado. A genética. A gente espera melhorar a genética. Tá lutando pra isso. Pra melhorar.”

³⁸Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

Nos relatos, existe a predominância de vacas com raças Girolando (cruzamento entre as raças Gir e Holandês), Pardo Suiço e Holandês. Nos touros, as raças são $\frac{3}{4}$ de Pardo Suiço e Guzera, Tabapoã e Girolando.

Neste caso, a forma mais eficiente de melhoramento genético se dá através do cruzamento de animais com carga genética que contenham boas características para a produção leiteira, devendo ser escolhida conforme sistema produtivo, tecnologias empregadas na propriedade, no clima da região, enfim, vários aspectos que se tornam importantes na escolha dos animais.

Percebe-se que as adaptações que o Sr. Jânio pensa em implementar em sua produção estão intimamente relacionadas ao grau de dependência do produtor em relação a aliança firmada com a cooperativa, gerando o paradoxo já aludido, pois, nesta “parceria” a qual se resignificou enquanto pequeno produtor, incorporando a condição de “produtor de leite” em seu processo de reterritorialização, a dependência em relação à cooperativa, já que foi cooptado por essa instituição, é maior que a do Sr. Moacir, e, talvez, só consiga seus objetivos, por ser esse “ponta-de-lança”, e que, para os demais seja quase impossível. São por meio dessas experiências que a pretensão de hegemonia da lógica capitalista de produção vai se construindo no campo:

A hegemonia é então [...] todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como o domínio e subordinação vividos de determinadas classes. (WILLIAMS, 1979, p. 113)

É uma possibilidade também, que o Sr. Moacir tenha também mais chances que os demais por causa da sua autonomia em relação à Vallecoop, e aqui, percebe-se o caráter da hegemonia, enquanto um embate entre pressões e limites experimentados pelos sujeitos em suas vivências. Os pequenos produtores não vivem só do leite, mas vivem sobretudo do leite e, uma coisa é estarem já estruturados para negociar com a cooperativa, outra bem diferente é tentar se reestruturar já estando submetido à sua lógica.

Eu até que tive uma reunião com o presidente da Adapec em Araguaína e ele falou que daqui uns três ano, quem quiser vender leite vai ter que ter ordenha mecânica. Ai a gente tá trabalhando pra isso. Ela é cara. Uns 10 ou 12 mil. Assim mesmo é cara. Ai vem estrutura e tudo. (Sr. Jânio)³⁹

Observ-se que a exigência do aumento da produtividade e à melhoria da qualidade para atender ao mercado e até mesmo para que os pequenos produtores de leite se mantenham na atividade, podem configurar rupturas das formas de produção tradicional e familiar.

A organização cooperativa, neste sentido, possui propriedades semelhantes às reveladas pelo capital agroindustrial, ela: [...] obriga o pequeno produtor a mudar o plano organizacional de sua unidade produtiva, segundo a política de venda e processamento da cooperativa, para melhorar suas técnicas e adotar métodos aprimorados de cultivo e criação, garantindo um produto inteiramente estandardizado, [...] segundo a demanda do mercado. (CHAYANOV apud ABRAMOVAY, 2007, p. 80).

Intrinsecamente, a imposição estabelecida de alteração no plano organizacional da produção para produzir mais e melhor, subjugam-se o saber tradicional como ignorante e resistente às mudanças, sem considerar inclusive os aspectos culturais e a construção social que envolve o modo de vida dos pequenos produtores.

Trata-se de uma relação de conflito entre produtores e cooperativa. Por um lado, os produtores para ganhar mais precisam intensificar sua produção através de inovação tecnológica, segundo a cooperativa, e para isso, tornam-se subordinados ao capital financeiro de bancos e linhas de créditos. Por outro lado, a cooperativa controla os lucros dos produtores relacionados a venda do leite estipulando o preço de repasse do leite. Em época de estiagem, paga em torno R\$ 1,00 (um real), valor justificado pela escassez de bons pastos e que, conseqüentemente, diminui a produção do leite por parte das vacas. Já no período chuvoso, a oferta do leite se torna abundante e seu valor cai para em torno de R\$ 0,60 (sessenta centavos) o litro.

Ricardo Abramovay, sobre essa questão enfatiza que:

[...] Ao mesmo tempo, os camponeses, em sua organização cooperativa, obrigavam-se a enquadrar-se de maneira tão estrita, tão controlada, tão submetida as normas de reguladoras das quantidades e da qualidade dos produtos, que era impossível assimilar esse conjunto de propriedades familiares pulverizadas a algo que se aproxima da famosa “anarquia da

³⁹ Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

produção”, onde forças espontâneas de mercado se responsabilizam por regular a oferta de mercadorias. (ABRAMOVAY, 2007, p. 80)

Segundo as narrativas, os produtores do Assentamento Santa Marta, todos fizeram financiamentos através das linhas de créditos do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), a fim de investirem de alguma forma em rebanho de boa qualidade, ou mesmo em meios para melhorar a produção. Porém, não se sentem satisfeitos na forma como ocorre a transação financeira, conforme fala do Sr. Pedro:

E aí quando a gente vai tirar o dinheiro, num pega no dinheiro. Eles que passa o dinheiro pro dono do gado. Às vezes, não compra um gado bom. Passa direto pro dono do gado. O fazendeiro. E aí, às vezes, se num compra o gado, o dinheiro num vem pra compra uma vaca boa de leite. Não pode nem escolher o gado. Vem o valor. Aí cê quer comprar uma vaca de dez litro de leite o dinheiro num dá pra compra. Aí não tem como. Peguei 35 mil reais pra pagar em 7 anos pelo A.F do Basa. Fica 5 mil e pouquinho a parcela que paga uma vez por ano. Tem que ir guardando.⁴⁰

Assim, entende-se que os bancos limitam a autonomia dos pequenos produtores no que tange à escolha do fornecedor do rebanho leiteiro ou mesmo na escolha do gado, ou seja, da forma como irão administrar o empréstimo recebido, visto que o banco atende ao produtor especificamente mediante projeto pré-elaborado, pois “[...] eles veem o que precisa e vai ao banco. Lá existem já os que vão fazer os serviços. Que logo é contratado e depois de fazer, o banco paga direto ao que fez o serviço. Se for pra comprar vaca, a gente não pode nem escolher”.⁴¹

Seria preciso que as políticas públicas fossem formuladas tendo em vista atender às reais necessidades dos pequenos produtores. Os empréstimos adquiridos também sinalizam a necessidade dos pequenos produtores de leite para poder continuar na atividade, significando ainda o endividamento desses sujeitos com um instrumento de subordinação à lógica capitalista de produção.

O empréstimo tô pagando ainda. Mas é difícil de pagar, porque o bezerro de gado cruzado é fraquinho demais. Aí é judiado. Porque se não tirar o leite, não tem a renda né. Tem que tirar o leite aí o bezerro fica fraco. Aí demora chegar no ponto de vende. (Sr. Pedro)

Mais uma vez aparece a contradição das proposições da Cooperativa já que o endividamento, que tem que ser ressarcido em parcelas anuais, coloca o produtor na condição de baixíssima capacidade de acumular capital, o que inviabiliza a

⁴⁰Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min e 12 seg.).

⁴¹Entrevista concedida pela Sra. Jussara. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. Não foi permitido a gravação em áudio das falas.

aplicação dos lucros em investimentos na produção preconizados pela própria cooperativa.

Contudo, a esperança sempre está presente nas falas dos pequenos produtores de leite, mesmo com os desafios vividos no nosso país, sabe-se que, mediante a lógica capitalista de produção, para “melhorar” é necessário investimento financeiro. Esta necessidade é bastante presente no Assentamento Santa Marta, visto que a renda obtida pela venda do leite é, na maioria dos casos, insuficiente para garantir até mesmo a própria sobrevivência.

Essa problematização revela a dificuldade enfrentada pelos pequenos produtores para, por um lado atender as exigências da Vallecoop, e por outro manter uma autonomia, mesmo que relativa.

O Sr. Otacílio Reis enfatiza:

Aqui a base é de 20 litros, agora na seca. Porque só tem 7 vaca. [...] Porque nós num tem a renda tá pequena pra nós [...] Aqui por hora é só mesmo esse pouquinho de leite. [...] Nos quase num consegue tirar nada daqui não. Eu tenho aposento e a esposa também.⁴²

No caso, a sobrevivência do Sr. Otacílio Reis vem dos rendimentos recebidos pela aposentadoria e observa-se que é um dos produtores mais zeloso com sua propriedade, mesmo com pouco tempo que reside lá, pois na ocasião da visita percebeu-se que havia sido realizada pintura com cal recentemente, na entrada da propriedade tem uma porteira em estrutura de madeira envernizada, as estacas que prendem os arames farpados da cerca também foram pintadas na ponta na cor branca, possui criação de algumas galinhas d’angola e porcos e o terreiro todo varrido onde mantém uma pequena horta. Ou seja, apesar de ter incorporado em parte os “ensinamentos” da cooperativa ainda mantém aspectos do modo de vida tradicional, não se submetendo totalmente à lógica da produção leiteira.

Todo o leite coletado por 6 dos 7 produtores entrevistados do Assentamento Santa Marta são armazenados num tanque de resfriamento, cedido pela Vallecoop e instalado na propriedade do Sr. Jânio, que coleta diariamente e repassa aos laticínios da região.

Segundo relato do Sr. Jânio foi bastante complicado conseguir esta parceria e agora o maior desafio é manter os produtores na ativa. Assim afirma:

⁴²Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

Meu desafio. Primeiro eu passei três anos lutando para conseguir o tanque. E hoje nós tem o tanque. O desafio é de a gente tá buscando os parceiros pra colocar o leite pra ter mais renda. Tanto para mim como pros outros.⁴³

É possível detectar em muitas falas que essa é uma atitude legitimadora imbuída na crença que estão defendendo seu sustento. Forte e intensa ao ponto de encobrir as verdadeiras causas de improdutividade.

Eu acho que a maior dificuldade que nois tem é a condição própria que a gente não tem pra fazer os piquete. Porque a gente sabe que nos piquete, trabalhando com piquete, é o melhor negócio. Porque trabalhando com piquete, você é que controla o pasto. E aí igual nós tamo aqui. O gado come de qualquer jeito aí. Aí não tem como controlar. (Sr. Pedro)⁴⁴

Intensificar a produção de leite se tornou um objetivo difícil, visto as condições observadas, já que nas palavras de Woortmann “[...] a chamada “penetração do capitalismo” não se faz só no modo de produção, mas também, no modo de pensar” (1990, p. 69). Seria importante que os programas de apoio, pudessem subsidiar suporte para que os pequenos produtores não menosprezem as formas tradicionais de produção, pois pode significar o meio de sobreviver aos desafios impostos, pois:

Inversamente, o apego à tradição pode ser o meio de sobreviver à grande transformação: manter-se como produtor familiar em meio ao processo [...]. A tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro. (WOORTMANN, 1990, p. 17)

Neste sentido, torna-se um pensamento reducionista achar que a intensificação da produção de leite depende exclusivamente de investimento financeiro. Até que ponto conseguiria intensificar essa produção? E de ter o “sonho” de colocar as vacas nos piquete, com base apenas na lógica produtiva proposta pela Vallecoop?

Pode até se identificar diversas ações na tentativa de “melhorar”. É isso que constrói a esperança de se tornar um “fazendeiro”, desejo que faz parte dos pressupostos morais desse povo, e que os leva a acreditar que “trabalhando com piquete [...] é o melhor negócio” incorporando a estes pressupostos outros que lhe são externos, quais sejam os pressupostos mercadológicos e produtivistas da Vallecoop.

A expressão “Só do leite não dá” enunciada por um dos narradores e dita repetidas vezes com outras palavras por outros sujeitos do Assentamento Santa

⁴³Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

⁴⁴Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min e 12 seg.).

Marta, reflete as reações aos estímulos econômicos, pois basta mencionar a falta de estrutura exigida pela lógica capitalista de produção que tal expressão vem à tona na narrativa. A mobilização de tal enunciado revela que, apesar de uma incorporação relativa do discurso e de algumas práticas da cooperativa, os assentados tem uma consciência, mesmo que relativa, das contradições que tem vivenciado a partir do processo de desterritorialização e re-territorialização ao se instalarem no Assentamento Santa Marta. Isso ocorre, pois:

De fato, a agroindústria e o capital financeiro estavam se encarregando de fazer da agricultura familiar parte integrante da divisão social do trabalho em nível internacional, por aí subvertendo seus traços essenciais. Com efeito, a integração com a agroindústria só era possível caso a organização econômica do estabelecimento camponês deixasse de corresponder fundamentalmente às forças internas [...] e passassem a obedecer a padrões, impostos pela agroindústria, de quantidades produzidas, qualidade dos produtos, momentos de venda; em suma, essa forma de “penetração” do capitalismo na agricultura tinha o condão de revirar os fundamentos da produção camponesa, sem que isso significasse um processo horizontal de diferenciação social [...]. (ABRAMOVAY, 2007, p. 79).

Tal consciência é mediada por um sentimento de imobilidade, já que a regra da produtividade é requisito inquestionável para manter-se na atividade e, por não conseguirem “melhorar” de fato, pois os diversos custos que são utilizados para manutenção do gado leiteiro e para produção do leite, são altos e limitadores da expansão almejada. Então a expressão “não dá”, soa como explicação consoladora nas falas dos narradores.

A integração com a agroindústria significa em, última análise, que o camponês não é mais o “sujeito criador de sua própria existência”, [...] esse sujeito agora não se situa mais internamente no estabelecimento camponês, mas está no mercado. (ABRAMOVAY, 2007, p. 79)

Está integrado ao mercado não significa, entretanto, que consigam, de imediato, substituir o seu modo de vida tradicional pela modernização preconizada pela agroindústria. Pelo contrário, estes pequenos produtores buscam, por meio de várias estratégias, manter, ao menos parcialmente, sua forma tradicional de viver. Mas, te-se que reconhecer que:

[...] por mais que seja possível discernir as forças internas que determinam o comportamento camponês [seu modo de viver tradicional]⁴⁵, a atuação efetiva dessas forças depende, antes de tudo, do ambiente social do qual a exploração agrícola se insere. Neste sentido [...], trata-se de uma forma de produção [...] que cedo ou tarde, o capitalismo tende a destruir. (ABRAMOVAY, 2007, 82)

⁴⁵ Grifo nosso.

A preocupação imbricada na problematização acerca da possibilidade do desaparecimento dessas formas tradicionais de produção foi, inclusive, o que direcionou para o “refazer” da pesquisa. No que tange aos narradores em tela é perceptível que a resistência a esta destruição de um modo de vida tradicional está mais presente em uns que em outros se olharmos apenas para suas práticas de produção em suas propriedades, mas ela se expressa ainda em todos pela recorrência que fazem às memórias construídas pelas experiências vivenciadas antes de serem deslocados para o assentamento. Tal recorrência pode ser entendida também como uma forma de expressar os sentimentos quanto à exploração experimentada a partir do contato com a lógica de mercado imposta pela cooperativa.

A renda obtida pela venda do leite, em período de estiagem é em média de R\$ 1.200,00, aos que conseguem produzir 40 litros por dia, mas existem aqueles que só produzem 30 litros por dia e até menos, ou seja, renda mensal entre R\$ 600,00 e R\$ 900,00 como o caso do Sr. Pedro que afirma ser seu único meio de subsistência.

Tiro leite e vendo pra cooperativa. Eles paga R\$ 1,00 o litro. Uma vez por mês me paga. Não dá pra se manter. Só com ele não dá. No tempo da chuva até que aumenta mais, mas no verão é pouco. Tiro 30, 35. Média de 30 mesmo. Na época de chuva 50, 60 litros. Tem vez que tiro leite de 10, 11, 8 vacas. Vaca falha tem umas 3. Só vivo do leite. Aqui nois começamo a plantar [horta]⁴⁶, mas não dava nada. Às vezes, os bicho come tudinho. Se não for olhar. Os bicho come tudo. Aí eu parei de plantar. Crio galinha, mas é pouquinha. Só pra consumo.⁴⁷

Neste sentido, resta aos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, buscar alternativas para “viver” no sentido amplo da palavra, como permanecer no mesmo lugar, continuar sua existência de forma digna, alimentar-se e nutrir-se para se ter qualidade de vida, dedicar-se e entregar-se incondicionalmente em seu trabalho, que na verdade é sua única fonte de renda. Sem perceber que na verdade é explorado pela cooperativa Vallecoop.

O leite resfriado não possui apenas valor de status atribuído, não absolutamente só isso. Podem ser citados vários aspectos da venda do leite, especialmente para cooperativa, mas também para o pequeno produtor. Vender leite

⁴⁶ Grifo nosso.

⁴⁷Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min e 12 seg.).

resfriado possui um alto valor agregado. Configura-se em vantagens para a cooperativa, pois o lucro que podem ganhar é bem maior em relação ao leite “in natura”, além de ter melhor aceitação na negociação com os laticínios. Para o pequeno produtor a única vantagem é a “garantia” do escoamento da produção uma vez que a cooperativa se compromete a comprar todo o leite. Tal “vantagem” reverte-se em favor da cooperativa uma vez que essa garantia significa, em última instância que é ela que determina o preço do produto, retirando a autonomia do pequeno produtor. Há indícios, entretanto, que alguns pequenos produtores conseguem, em alguns casos, burlar a cooperativa e vender direto ao laticínio por meio dos chamados “atravessadores”.

A Sra. Jussara⁴⁸ é associada à Vallecoop, mas evitava a efetiva parceria e negocia o leite em forma de queijos na sua própria casa. Ela produzia cerca de 28 litros de leite por dia, fabrica queijos e vende a R\$ 10,00 o quilo. Foi a alternativa encontrada, pois justifica que em período de estiagem não acha vantagem negociar com a cooperativa, visto que o dinheiro da venda do leite demora a ser repassado. Como já visto, ela e o marido acabaram cedendo à lógica da cooperativa.

O Sr. Antônio⁴⁹ também é associado à cooperativa Vallecoop, como recentemente conseguiu atingir a meta mínima de 100 litros diários, um tanque de resfriamento também foi instalado em sua propriedade. No primeiro contato, estava se empenhando para tentar chegar a meta, pois só produzia 80 litros por dia e que revendia para um leiteiro autônomo e no fim de semana, quando o leiteiro não ia buscar, produzia queijos.

Quando o Sr. Jânio⁵⁰ diz que “lutou por 3 anos para conseguir o tanque”, revela que houve necessidade de apresentar a cooperativa o potencial econômico na produção de leite existente entre os assentados, como condição de parceria. Sendo assim, as mudanças que pretendem fazer em suas propriedades se reflete em estratégias de reformularem a parceria e, ainda, o desejo desses pequenos produtores de mudar de vida, com o propósito de melhorar a qualidade de vida e até reduzir a vulnerabilidade existente no processo da venda do leite, já que se

⁴⁸Entrevista concedida pela Sra. Jussara. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. Não foi permitido a gravação em áudio das falas.

⁴⁹Entrevista concedida pelo Sr. Antonio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2016. Não houve gravação desta entrevista somente sendo anotadas as informações pertinentes.

⁵⁰Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

configura um meio de vida insuficiente, como afirma: “Mensal é a única renda que tenho. Eu tenho renda assim. Eu trabalho, eu planto milho, planto feijão. Só do leite não dá. Dá não. Nesta quantidade dá não.”⁵¹

Nesse sentido, foi recorrente a ênfase em ter que lançar mão de outras atividades, ou de outras “rendas”, como aposentadorias entre outras para conseguirem lidar com a produção leiteira e relação com a cooperativa. Enfatizada inclusive no relato do Sr. Otacílio Reis: “Nóis vive só mesmo de criar uma vaquinha, vendê um bezerro, planta uma roça, um cachinho de banana, um saco de feijão, um saco de arroz pra mandar pilar pra casa ou vendê, pra pilar pra fora. A fava, o feijão, essas coisa. Farinha”.⁵²

Em entrevista, seu Moacir relata que não vive só “do leite”, frase muito repetida pelos outros produtores também.

É assim. Eu crio bastante galinha e me ajuda muito também. A gente já leva abatida. Minha mulher já leva abatida pra vende. Só pra entregar. E tem o caminhãozinho que me ajuda. Eu faço um fretinho. Carrego o gado pra um, pra outro. Faço uma mudancinha pra um. O que não é da terra, só o caminhãozinho mesmo e tem essa renda lá. Puxa uma coisa pra um e pra outro.⁵³

Outras alternativas são implementadas para garantir o sustento da família, como mostra os relatos anteriores. Na verdade, configuram-se em estratégias de ampliar o repertório produtivo e de comercialização e também de subsistência, que não indicam melhor qualidade de vida ou maior estabilidade financeira, mas sobretudo a busca por autonomia do pequeno produtor ou menor dependência da cooperativa.

O interessante dessas ampliações das práticas produtivas é que permite aos pequenos produtores de leite sair de suas propriedades e buscar mercados para seus produtos, além de garantir a permanência da prática de tradição, memória e identidade familiar, proporcionando ainda, a preservação e o apego pelo modo de vida rural, que fundamenta sua territorialidade.

⁵¹ Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

⁵² Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

⁵³ Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

2 – MODOS DE VIDA EM PROSA E VERSOS: PAISAGEM E TERRITÓRIO

2.1. MODO DE VIDA

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. [...] É uma representação do real mais difícil de gerir, porém parece-me ainda muito mais coerente, não só com o reconhecimento da subjetividade, mas também com a realidade objetiva dos fatos.
Alessandro Portelli.

O repente é uma expressão integrante da cultura nordestina elaborada muitas vezes em versos improvisados, tendo como temática os mais variados assuntos, imortalizando histórias que acontecem ou que aconteceram por muitas gerações.

Esta arte é muito presente no modo de vida do Sr. Otacílio Reis⁵⁴, nordestino do Estado de Pernambuco, as suas narrativas sempre foram marcadas por diversos versos improvisados ou mesmos resgatados de sua memória, outros que deixam vaziar uma memória social do repente nordestino, relatando fatos e manifestações ocorridas em sua vida ou apenas fatos que puderam ser observados durante sua trajetória. Existem muitas subjetividades em suas contribuições, que permitiram várias possibilidades de interpretações do contexto social, político, econômico e cultural que envolvem os pequenos produtores de leite desta pesquisa.

Parafraseando Portelli (1996, p. 62), não se tem certeza dos fatos e histórias que foram contadas em repentes pelo Sr. Otacílio Reis⁵⁵ e nem mesmo das entrevistas cedidas pelos demais narradores, “[...] mas está contado de modo verdadeiro. [...] dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis.” Até porque nenhum ser humano consegue narrar exatamente o que ou como aconteceu ao que ou como era e, muitas vezes, incorporam em sua memória individual fatos e acontecimentos da memória social do grupo ao qual faz parte.

⁵⁴Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **ENTREVISTA** [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

⁵⁵Este é o único pequeno produtor entrevistado em que a identificação é com nome verdadeiro, para dar legitimidade da autoria a todos os repentes e poemas citados nesta dissertação e, também, pela grande responsabilidade de poder eternizá-las e dar-lhes divulgação.

Os versos do Sr. Otacílio Reis se configuram então, de acordo com Portelli “[...] histórias de construção da subjetividade pessoal através da interpretação da subjetividade dos demais e da dimensão subjetiva das realidades históricas”. (PORTELLI, 1996, p. 65). No seguinte relato, ele conta um fato que ocorreu em São Geraldo – PA, onde acompanhou a reunião dos produtores de banana da região que teve como pauta a queda do preço da banana.

No tempo que o Lima, lá no São Geraldo, foi prefeito. Aí ele jogava. O povo não tinha condição. E pra vende do lado de cá em Imperatriz, São Luiz. Aí não tinha condição. Aí nos tava em comunidade, aonde tem, o povo passa acordado e a gente observando. Aí o Ribamar, um sobrinho meu mais velho, filho da cumade Maria. Ela mora na Piçarra, mãe dele. Disse: _ Gente, vocês para de falar em banana. Que a banana relaxou, a banana caiu, que vocês estão com a gravador. Talvez o homem mais pequeno que tá aqui na reunião com vocês. Ele vai fazer esses versos! Aí um mineiro por nome Mario. Ele já faleceu! Disse: _ Uai sô! Só acredito se um dia aparece! Aí foram lá. Aí eu me liguei. É! então, ele disse! então eu não vou deixar o rapaz de mentiroso, não! Aí comecei!

Eu vou lhe contar um causo
 Não me chame de culpado
 Um causo acontecido no Estado do Pará, ou lá perto São Geraldo
 O povo viaja da Piçarra pra cigana
 Todo homem tá chorando porque caiu a banana
 Caiu, caiu já não alevanta mais
 A banana dos velhinho, dos moço e dos rapaz

Vocês chegaram num beco sem saída
 Tão de cabeça baixa e a banana tá caída - Refrão

Tinha gente bem de vida, tinha gente quase rico
 O senhor de Ribamar, o Zé Preto e Alderico
 No seu Inácio, esse eu num posso falar
 Que ele é de boa gente, pode brigar com a gente, que é filho do Ceará

Refrão

Tinha gente bem de vida que se julgava feliz
 Enchia seu caminhão, pra vender no Maranhão, na capital São Luiz
 E o resto que não vendia, deixava na Imperatriz

Refrão
 Que tal? (Sr. Otacílio Reis)

Neste caso, Sr. Otacílio Reis, curioso que é, estava ali apenas observando a reunião, pois não trabalhava com este ramo de atividade, mas se sentiu instigado em ter que compor os versos sobre a situação. Interessante, que na sua composição as palavras que mais marcaram o seu entendimento sobre o fato são “a banana caiu” e as pessoas tristonhas com a situação de crise do preço da banana estavam de “cabeça baixa”, utilizando com ironia o tempo todo fazendo analogia ao pênis,

ênfatisado no verso “Caiu, caiu, não alevanta mais/ a banana dos velinhos, dos moço e dos rapaz”, ou seja, ao homem sexualmente impotente.

Claro que seus valores de homem nordestino estão intrínsecos nestes versos, pois a disfunção erétil masculina é uma preocupação que está presente na maioria dos homens. Ainda, ressalta que a “banana caída” ou “disfunção erétil” pode acometer a qualquer homem quando diz: “Tinha gente bem de vida, tinha gente quase rico [...] Tinha gente bem de vida que se julgava feliz”, mas demonstra ainda, respeito e cuidado no que falar para não ferir a “honra” de determinados senhores que se fazem presente na reunião e também por entender que estavam preocupados com a crise do preço da banana.

Assim, somente ao final do repente que Sr. Otacílio Reis se volta para o tema da reunião, a crise da banana, que era a pauta da mesma e explica a dificuldade encontrada pelos produtores de banana para fazer escoar sua produção. Aliás essa é uma característica singular desse narrador: ele sempre responde, por meio da prosa, ao que lhe é perguntado, e mesmo “respondendo” na forma de versos, ressalta sempre em seus repentes características típicas da cultura popular nordestina quais sejam: a dubiedade, a jocosidade e uma certa libidinosidade.

A seguir, o repente do Sr. Otacílio Reis revela em seus versos sua identidade da cultura nordestina, carregada de simbologias e significados, do seu modo de vida relacionados à terra, às relações do convívio social, político, econômico e cultural.

O cara lascado da vida. Aí convida a mulher pra engendrar na mata.

Mulher vamo pra mata, vamo plantar batata
 A batata é a mandioca da farinha da tapioca
 Dá um bolinho gostoso, do jeito que o povo gosta
 Mas a Brasília, capital Federal
 Onde tem os ministros e também o general
 Onde tem o senador, e o Governo Federal
 Precisam de farinha pra manter seu pessoal
 Rio Araguaia é um rio bonitão
 Já construíram uma ponte na cidade Conceição
 Onde tem o sindicato, tem que ter a união
 Seu Salomão me convido meus irmãos
 Vamos lá pro roçado fazer um mutirão
 Plantando milho, arroz e um pouquinho de feijão
 Plantando banana e um pouquinho de mamão
 Mas Seu José, vamo plantar o café
 Seu Nicolau vamo planta o cacau
 Você precisa de farinha pra fazer o seu mingau
 O povo rico que não tem imaginação
 Só aplanta o capim ⁵⁶Mombaça e brachiarão

⁵⁶Mombaça e brachiarão são os nomes das gramíneas capins utilizados para alimentar o gado de corte.

Pra criar gado de raça, para viver por bom milhão
 Eu planto mandioca porque tenho precisão
 A mandioca é boa de se rapar
 A mandioca é boa de farinhar
 Dou um alô pra Brasília e volto pra esse lugar
 Me desculpe companheiro porque eu não sei cantar
 Sou um papagaio velho só aprendi a gaguejar. (Sr. Otacílio Reis)

No início dos seus versos, convida a mulher, na figura da esposa, para “plantar batata” deixando claro o caráter familiar do seu modo de produção agrícola, mostrando ainda que esse sistema é que mantém a alimentação do povo brasileiro, desde os mais pobres às mais nobres autoridades de “Brasília, capital federal”, pois é com a farinha de mandioca que é possível fazer o bolo e a tapioca. Faz ainda referência a união do trabalho comunitário em forma de mutirão, chamando a atenção para não deixar desaparecer o modo de vida tradicional e enfatizando a possibilidade de manter subsistência alimentar do pequeno produtor que, muitas vezes, se torna refém dos desgastes causados ao solo mediante a intensificação das monoculturas e do plantio de capim de qualidade para alimentar o gado do agronegócio exportador.

Com isso, faz alusão sobre a carne de gado, tipo exportação; é um alimento acessível apenas aos ricos que podem pagar o “bom milhão”. O povo rico, para ele é o agroexportador que “não tem imaginação”, que só cultiva em suas terras monoculturas que não alimentam o povo brasileiro. Para facilitar a localização a que se refere, apresenta o município de Conceição do Araguaína do Estado do Pará e faz referência do ponto geográfico, além de mencionar alteração da paisagem natural com a construção da ponte do Rio Araguaia. No final, o Sr. Otacílio Reis se apresenta como uma pessoa humilde que disfarça sua sabedoria, conhecimento e consciência crítica sobre os assuntos políticos e econômicos do país.

Ou seja, a partir de suas vivências, tendo como base as condições de vida e trabalho, os produtores, por meio de linguagens diferenciadas possibilitam compreender seus processos de desterritorialização e reterritorialização. É na interação entre elementos constitutivos internos de todos os envolvidos no espaço geográfico e o poder de influências externas, referentes ao poder de Estado que estabelece, define e executa medidas que viabilize estratégias com vistas ao desenvolvimento do território que se revelam por meio dessas linguagens os interesses diferenciados, dos pequenos produtores por um lado e da cooperativa, por outro.

As relações estabelecidas e as práticas sociais formam um conjunto de discursos dando visibilidade aos agentes-atores envolvidos no território. Cada discurso é formado por enunciados carregados de concepções de controle, de articulação, de ideologias políticas, econômicas e sociais, e que reproduzem os comportamentos “adequados” de ordenação do território.

Toda produção do sistema territorial determina ou condiciona uma consumação deste. Tessituras, nodosidades e redes criam vizinhanças, acessos, convergências, mas também disjunções, rupturas e distanciamentos que os indivíduos e os grupos devem assumir. Cada sistema territorial segrega sua própria territorialidade, que os indivíduos e as sociedades vivem. (RAFFESTIN, 1993, p. 161)

Logo, é importante compreender que qualquer abordagem de conceito do território presume a delimitação de imprecisos limites administrativos e a existência de fronteiras, sustentado por ações e/ou comportamentos sociais para articulação das atividades e ações direcionadas na construção e formulação de políticas públicas territorializadas.

É no território que se torna possível viabilizar as potencialidades do exercício do poder político ou econômico, permitindo a manipulação de informação, os sistemas de inovação e a participação social, no qual também ocorre o crescimento econômico produzindo emprego, estabilidade social e política e, ainda, as manifestações e práticas culturais, ou seja, se enquadra no produto de toda produção humana efetivada no espaço. (RAFFESTIN, 1993). Ainda segundo o autor, concordando com Foucault, afirma que “[...] o poder se manifesta na ocasião da relação [...]” de construção do território, exercido através do saber pelas pessoas e grupos.

No caso do Assentamento Santa Marta está ocorrendo uma disputa de saberes, com vistas ao controle desse território: de um lado a Vallecoop, irmanada com as instituições representantes do Estado, Incra, Adapec, Ruraltins, e o Senac representando a iniciativa privada que prestam “assistência e suporte técnico” aos assentados. Assistência que se resume, quase que exclusivamente aos enunciados ideológicos que sustentam a lógica de produção capitalista. Do outro lado, nossos narradores que deixam vazar em suas narrativas a luta pela manutenção de saberes oriundos de um modo de vida tradicional que está sendo desestruturado pela intervenção dessas instituições. Assim, neste emaranhado de relações sociais e de poder fecundam a construção do território e controle dos espaços.

Sendo toda relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente à manipulação dos fluxos que atravessam e desligam a relação, a saber, a energia e a informação. Manipulação? Isso quer dizer formação, acumulação, combinação e circulação da energia e da informação implicadas pela existência de um campo relacional, qualquer que seja. [...] O laço entre o poder e o saber é evidente, mas não há nem informação pura nem energia pura. [...] O espaço-tempo relacional é organizado pela combinação de energia e informação”. (RAFFESTIN, 1993, p. 53 – 54)

Assim, verifica-se que território, poder e saber estão intrinsecamente relacionados, onde existem subordinação e dominação nas ações e que, muitas vezes, possibilitando a sujeição de determinados indivíduos, ou seja, a possibilidade do poder se constrói no território. Como bem nos asseguram Raffestin (1993) e Haesbaert (1997, apud Saquet, 2007, p. 136) que o território é “[...] num conjunto de obras e relações sociais, historicamente definidas, que se desterritorializam e se reterritorializam [...]”, atrelado as relações políticas, econômicas e culturais conjuntamente com os movimentos sociais.

De fato, com a distribuição das terras do Assentamento Santa Marta, que antes era uma fazenda e foram previamente reguladas pelo Estado, sendo utilizado pela ação governamental para condicionar os processos políticos e econômicos para compensar a incapacidade do mercado. Assim, projeta externalidades numa malha de unidades políticas e de infraestruturas imateriais e materiais a fim de sustentar a disponibilidade de bens públicos com vistas ao desenvolvimento territorial (reterritorialização). Evidentemente tal desenvolvimento procura atender aqueles que têm mais poder, ou seja, aqueles que melhor articulam o poder econômico com o poder político.

Santos (2006, p. 225), afirma que o território é “[...] o espaço de articulação e de intervenção do governo na qual se pretende estimular o desenvolvimento por meio de oportunidades coletivas econômicas, políticas e sociais, através da institucionalização de políticas públicas [...]” e para tanto, só se torna um conceito em si quando analisado socialmente pressupondo sua utilização pelos atores envolvidos.

A força do poder que envolve os atores sociais pode sofrer influências internas e externas, estimulando reações sociais decisivas no ordenamento das práticas territoriais e definem posições de interesses diferenciados no contexto político-econômico-social.

Para os atores que detêm o território pode ser um trunfo de poder concretizando várias possibilidades resultantes da apropriação e utilização dos recursos existentes, modificando as relações existentes, produtivas, existenciais, da natureza ou sociais, e até se “automodificando”, no intuito de manter a posse do território e defendê-lo. No caso do Assentamento para o termo “automodificação” as aspas não resolvem, pois entende-se que as ressignificações promovidas pelos narradores no seu conjunto de significados e valores, em grande parte, revelam que sua autonomia está paulatinamente sendo restringida e se estão se “modificando” o estão de acordo com a lógica de produção que lhes é imposta.

Neste sentido, o território não pode ser entendido apenas na delimitação de área perimetral, nem tão pouco como o gueto ou uma parcela de terra. A reflexão exige a consideração da dinâmica social em sequência das relações entre os que nela vivem e de outros territórios. Assim, a construção do território em questão foi influenciado, principalmente pelas atividades agrícolas desenvolvidas pelas políticas públicas de desenvolvimento regional, pelas transformações ocorridas nas cidades e pelos hábitos de consumo dos pequenos produtores assentados, constituindo assim o reflexo das transformações ocorridas no espaço.

É fundamental entender que espaço antecede ao território, porque este é gerado a partir do espaço, constituindo o resultado de uma ação conduzida por um ator que realiza um programa em qualquer nível. [...] o território é a prisão que os homens constroem para si, reorganizando as condições iniciais. (RAFFESTIN, 2008, p. 26)

Pressupõe-se que os narradores se utilizam da combinação dos elementos compreendidos dos diversos sistemas e dos resultados da sua experiência anterior para dar significado a continuidade ou a reterritorialização no processo de produção territorial, conduzindo ações de elaboração, modificação ou, simplesmente, de destruição. Em sua estrutura, o território deverá resultar em paisagem a partir da “intermediação da imaginação condicionada de um mediador peculiar” (Raffestin, 2008), ou seja, a paisagem será criada através da observação daquele que vive no território, das experiências vividas neste lugar, das transformações que incorporou ao espaço para atender suas necessidades básicas no processo de territorialização.

Este aspecto é observado na entrevista com o Sr. Otacílio Reis⁵⁷, o qual se utiliza do cruzamento da percepção de um espaço material e sua observação ele

⁵⁷Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

expressa num misto de sentimento e razão traduzindo em paisagem os significados éticos da realidade e manifestação de esperança de viver harmonicamente.

Tiraram a presidente, mas eu tenho um repente que fala sobre a lei da Maria da Penha. Quer escutar aí? A mulher hoje tem mais curso que os home. Aí, eu não apoio ter tirado a mulher não. Porque é de bota um corrupto. A mulher tava pro lado dos aposentado e dos seres humanos. Ela tava melhor.

Aí eu levo assim:

Começou novo milênio, começou a tribulação
 Tem acidente de moto, de carro e de avião
 Os ponteiro do relógio, já não tem sossego não
 O horário do inverno, tão passano pra verão
 O João passou ser Maria, Maria passou ser João
 De nascente a poente, tudo ficou diferente, no costume do sertão
 Ninguém sabe quem é Maria, ninguém sabe quem é João.
 A lei Maria da Penha, no congresso já aprovou
 O cara que bate em mulher, agora já se lascou!
 Tem mulher falano alto, igual som de sino
 Já tem cara humilhado, que parece um viado, que parece um cretino
 Do jeito que as mulher gosta, dá um tapinha na costa
 Ainda chama mofino.
 O homem faz projeto e a mulher mete o protesto
 E questão vai terminar, pois já sai tudo assinado
 Lá do centro do congresso
 Ninguém sabe o que é errado, ninguém sabe o que é certo
 Meu nome é Otacílio, meu nome não é Roberto. (Sr. Otacílio Reis)

Nestas expressões, é construída a paisagem, que faz transparecer sua cultura, as marcas das relações entre o material e as relações humanas, e ainda, a elaboração de uma consciência crítica política e econômica do país.

Começar o novo milênio, para qualquer cristão, significa passar para um novo período que será contado mais mil anos, mas para o Sr. Otacílio Reis significa iniciar um período de mudanças e de preparação no planeta criado por Deus, para a volta de Jesus Cristo, período que a terra sofre pelo pecado cometido pelos homens e com isso sofre tribulação, ou seja, em seu repente há uma clara alusão ao apocalipse, interpretado pelo viés do catolicismo popular, típico da cultura nordestina.

Ele denomina como “tribulação” a todas as suas angústias, aflições ou sofrimentos como castigo de Deus, decorrentes da modernização e maldade dos homens sobre a Terra, que o pressionam a enxergar as coisas por um outro viés, o de um mundo mais “moderno”, que não é o mesmo pelo qual foi instruído e que construiu seus valores. Nesta expressão também carrega um sentido bíblico de cunho cristão, referindo-se a “volta de Jesus” e ao “julgamento final de Deus”, expondo como consequências das atitudes dos homens, os “acidentes” e as

alterações climáticas, fazendo o tempo “não [ter]⁵⁸ sossego não” devido a agilidade com que o tempo está passando e estão alterando o “costume do sertão”. E ainda, reflete estranheza e até certo preconceito quanto à orientação sexual das pessoas que são homossexuais, não com desrespeito, mas vê que “tudo ficou diferente”.

Embora seja a favor da Lei Maria da Penha no seu entendimento “Já tem cara humilhado” aludindo machismo e tradicionalismo na relação homem mulher. Já quando afirma que o homem é “chamado de mofino”, Sr. Otacílio Reis, dá um sentido dúbio ao interpretar tal expressão, pois entende-se que, ou o homem, ao bater em mulher é um covarde, ou ao ser julgado pela lei se tornou um homem sem ação, inoportuno, infeliz e “desempoderado”.

Observamos que sempre existe um ponto de partida para que o território se torne paisagem, que não é necessariamente o outro território do processo de desterritorialização, ou mesmo outro estado de natureza, mas que confere a relação entre o passado e o presente, reveladas no território como continuidade das estruturas. Assim, o Sr. Otacílio Reis possui uma percepção representativa em relação aos pequenos produtores, pois o território agrícola produzido constitui apenas o mundo material e que pode se tornar “matéria-prima” para construir a imaginação, conforme afirma Raffestin (2008).

Os territórios constituem o mundo material percebido e se tornam a “matéria-prima” oferecida à imaginação, para ser “trabalhada” e produzir imagens ou representações que podem ser manifestadas através de diversos tipos de linguagem: a língua natural para uma representação literária, a linguagem gráfica para o desenho e pintura, a linguagem plástica para a escultura, a linguagem sonora para uma representação musical, as diversas linguagens, simbólicas, lógico-formais e/ou matemáticas. (RAFFESTIN, 2008, p. 33)

A imaginação encontra terreno fértil na reflexão do sujeito, criando a existência de uma paisagem, que para Raffestin (2008), é “[...] uma obra do homem, um fato autenticamente geográfico [...]” produzido através de “[...] imagens da realidade e, também, fatos pictóricos, literários e, provavelmente, musicais [...]”. Essas representações nada mais são que algo advindo da “cultura linguística” do autor, capturadas no olhar peculiar de uma reflexão toda sua, carregado de temporalidade e das diversas interferências rurais que estão no seu cotidiano.

⁵⁸ Grifo nosso.

Em outro trecho da entrevista com o Sr. Otacílio Reis⁵⁹, ele interpreta um repente, aumentado ainda mais a complexidade de seu olhar, pois sugere algo que ultrapassa a paisagem visual, revelando seus conhecimentos sobre espaço geográfico e das histórias relatadas na Bíblia e que lhe dá conforto para os momentos de desamparo e dificuldades da vida rural.

Agora eu vou cantar uma que chama os 4 pontos cardeais. Eu sou crente!

De norte a sul, de nascente a poente
Samo a semente de gente, de uma nova geração (bis)

Essa semente é descendente de Abraão
Por causa dessa aliança, nós todos samos irmão
É Deus da vida, de Isaque, de Jacó de Abraão
É Deus de todo Deus, é Deus da criação
É Deus de José, de Moisés e de Aarão (bis)
É Deus de Daniel e de Davi e de Salomão (bis)
É esse Deus que me deu a vocação
Que invés de eu chorar, eu cantar esse refrão
Pra minhas irmã e meus irmão
Quem chora hoje, amanhã vai se alegrar
Quem espera em Deus, nunca vai se atrapalhar

Que tal? (Sr. Otacílio Reis)

Os quatro pontos cardeais que o Sr. Otacílio Reis utiliza-se neste repente, além de fazer referência a um recurso de orientação muito utilizado pelo homem nos mais diferentes períodos históricos, também possuem a intencionalidade de afirmar que por toda parte do mundo existem os “descendentes de Abraão” e assim, “nós todos samos irmão”, conforme o trecho da Bíblia a seguir.

Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás o pai de muitas nações; E não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto; E te farei frutificar grandissimamente, e de ti farei nações, e reis sairão de ti;(Gênesis 17:4-6)

O repente do Sr. Otacílio Reis, também expressa a cultura imaterial carregado de simbologias que envolvem este pequeno produtor e que dão sentido para sua vida, para o seu mundo, na sua crença de “aliança” dos descendentes de Abraão formando a irmandade com os cidadãos da igreja, enfatizando sua religião e sua fé para “Quem espera em Deus”.

Para Castells (2006, p. 23),

A construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, a geografia, a biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória

⁵⁹Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min e 38 seg.).

coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

São, pois, por meio desses substratos de sua personalidade, construída ao longo de uma vida árdua, que o Sr. Otacílio Reis constrói paisagens por meio de seus versos, ora uma paisagem mais ficcionalizada servindo-se do substrato religioso construindo uma união entre os sujeitos, ora com mais materialidade mobilizando substratos do espaço geográfico e de suas vivências nesse espaço. E, ao fim e ao cabo, a expressão “Que invés de eu chorar, eu vou cantar esse refrão” denota a utilização de um saber específico de sua cultura nordestina, o repente, para “amenizar” as dores experimentadas no processo de reterritorialização no assentamento, bem como os processos de desterritorialização experimentados ao longo da vida.

Já completou dois milênio
Que Jesus visitou a Terra (bis)

Ele veio trazer a mensagem
Deixando a semente da paz
Ele num vei faze guerra

Aleluia, aleluia, aleluia
Dou glória o meu Salvador
Jesus, é o príncipe da paz e da luz
Jesus, Ele é o bom pastor – Refrão

Já chegou o principio das dores
Começa a tribulação (bis)

Tem Estado arrasado por água
E outro sofrendo o verão
Já tem, tremores de terra
Rumores de guerra
Vamo prestar atenção

(Refrão)

Já tem reino contra reino
Nação contra nação
Já tem filho contra os pais
Irmão contra os irmãos

Olha o evangelho anunciando no deserto
A vinda do Filho está perto
Vamo viver em oração

(Refrão)
(Sr. Otacílio Reis)

Neste outro repente de sua autoria, Sr. Otacílio Reis⁶⁰, demonstra ser conhecedor dos escritos bíblicos que preconizam o retorno de Jesus Cristo à Terra, assim como seus feitos e todos os exemplos e atributos deixados por Ele. Também enfatiza, seus valores religiosos pautados na crença do “Salvador”, “Jesus, é o príncipe da paz e da luz”, como o “bom pastor” como a única esperança por um mundo de paz, sem “rumores de guerras” e contendas familiares.

Neste sentido, para ele é importante “viver em oração”, ou seja, orando sempre como foi “anunciado no deserto” e que é a melhor maneira de se preparar para “a tribulação” e suportar os diversos males e contendas que atualmente assolam a humanidade, que fazem com que “irmão [seja]⁶¹ contra irmãos”, “filho contra os pais” e que ameaçam verdadeiramente a paz. Nesse sentido, suas crenças religiosas funcionam como um lenitivo para as agruras de um mundo “modernizado” que coloca em xeque os valores tradicionais da cultura nordestina pela qual é orientado.

Raffestin (2008), afirma que assim como “[...] existe uma historicidade do território material, também há uma da imaginação, pois as mediações utilizadas para decifrar a realidade [...]” revelam-se como manifestações extraordinárias com fundo histórico, fantástico ou mesmo moralizante de territorialidade que raramente são explícitas.

Já Portelli (1996, p. 70), abre outras possibilidades de interpretação desses versos do Sr. Otacílio Reis, visto que seus relatos orais e a suas memórias o remetem a ser representativo em relação à subjetividade social comungada aos demais pequenos produtores de leite. Assim, “[...] no plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável [...]”, é construída a complexidade dessas possibilidades imaginárias.

A seguir será apresentado mais um repente interpretado pelo Sr. Otacílio Reis, que mobiliza elementos da memória social para representar as vivências e os valores contidos na realidade vivenciada dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

Se já viu eu fala dos home que aplanta só o capim? Pois vou cantar aqui.

⁶⁰Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

⁶¹Grifo nosso.

Alô amigo, é triste a situação
 Os pobre que morava no roçado,
 tá mudando pra cidade, tá vivendo na invasão
 Trabalha de boia fria, é triste a situação

Estão colhendo arbusto, para mim chegou ao fim
 Pelo jeito que se vê, o povo vai comer capim (Refrão)

Quando for de manhã cedo, na hora de levantar
 A semente do capim, vai ser café para tomar
 Na hora do almoço, o Pangola, Jaraguá,
 Colonião e Mineirão vai ficar pra merendar
 Na hora da refeição, Brachiaria e Mombaça deve estar
 É famoso em vitamina para o povo reforçar
 A grama vai ser papinha, pro menino desmamar

Refrão

Alô amigo, como é que vai ficar?
 A carne nois num come, num damo conta de compra
 O leite, o caminhão, todo dia vem buscar
 Num pudemo pranta roça, como é que vai ficar?

Refrão (Sr. Otacilio Reis)

Nos versos deste repente seu Otacílio Reis⁶², que se apropria de elementos comuns ao repente nordestino, interpretando-o a partir de sua própria experiência, deixando vazar sua indignação em relação à expansão do agronegócio e a pecuária de corte, pois agora se vê subordinado ao capim, tal subordinação não apenas se refere a diminuição no tamanho da terra como ao espaço destinado para plantar, parafraseando Woortmann, exigindo readaptação dos pequenos produtores em o que plantar, mas [...] também pelo fato de “ a terra de trabalho vai sendo “fechada” pela pastagem [...]” (WOORTMANN, 1983).

Com isso, denuncia que muitos agricultores estão “mudando da cidade, tá vivendo na invasão”, sendo obrigados a enfrentar grandes dificuldades de adaptação nas cidades, morando nas ruas, aumentado inclusive os problemas sociais ligados a marginalização, já que a pouca escolaridade e a baixa qualificação não permitem conseguir um emprego que os sustentem de forma digna, sujeitando-se em muitas vezes, a trabalhar de “bóia fria” ou qualquer atividade que garanta pelo menos a alimentação.

⁶²Entrevista concedida pelo REIS, Otacilio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

No refrão, o “Estão colhendo arbusto, para mim chegou ao fim, pelo jeito que se vê, o povo vai comer capim”, Sr. Otacílio Reis notadamente retrata o desperdício de terras que são utilizadas para plantar capim, que podiam ser aproveitadas para plantar legumes, verduras e hortaliças, uma vez que o plantio de alimentos é a base da agricultura familiar.

Neste sentido, ele se recente da desestruturação de um modo de vida que lhe é caro, pois é recorrente na fala dos narradores, assim como na dele o “não dá mais”. Tal expressão se refere a não ser mais possível realizar cultivos diversificados, devido às imposições para a produção do leite que exige muito espaço para o cultivo do capim e dispêndio de tempo para a lida com o gado. O mais interessante aqui é como o mesmo problema é narrado por dois sujeitos tão diferentes, em linguagens também diferentes e chegando-se as mesmas conclusões. Um pequeno produtor iletrado e um “cientista social”.

Com a pecuária, “o capim tomou conta de tudo”. Se as formas anteriores de acesso subordinado às soltas não interferiam no processo de trabalho nem impediam a reprodução continuada da lavoura camponesa, agora não só a lavoura se vê subordinada ao capim — pois é este que ocupa posição hegemônica no sistema. [...], determinando inclusive o espaçamento entre os legumes [...] Com isto, muitos sítios, com suas terras desgastadas, vão se tomando inviáveis, e se acentua o processo de diferenciação social [...] (WOORTMANN, 1983, p. 213 – 214)

No caso, o Sr. Joca que é vizinho do Sr. Otacílio Reis, também reconhece essa desestruturação do modo de vida rural, enfatizada em sua fala culpando principalmente os “maiores” no uso da terra para o plantio do capim.

Aquela história que Sr. Otacílio fala o negócio da cantiga dele do capim é coisa mais verdade que existe. Que nós tamo vendo tudinho. Que está acontecendo é aquilo mesmo. Que os cara esses maior aí, eles percebe só de plantar capim. É igual ele fala que vai comer a semente do capim de papa e não sei o que. É tudo verdade mesmo o que ele fala. (Sr. Joca)

Para além da percepção dos impactos de degradação ambiental o Sr. Joca reconhece em seu vizinho Otacílio Reis, um portador de um saber, sobre essa desestruturação vazada na frase: “É tudo verdade mesmo o que ele fala”. Estes pequenos produtores rurais são forçados a enfrentar graves problemas mediante as transformações das atividades humanas e intensificação de novas técnicas, causando prejuízos irreversíveis ao meio ambiente e que alteram o ciclo natural das plantas, afetando assim a qualidade de vida desses sujeitos.

Lembro, muito bem. Eu nunca vi o papai jogando um bomba de veneno no mato pra poder colher uma roça no meio. E colhia bem. Agora nos tem esse dificuldade aqui por que? É porque aqui já foi fazenda, entendeu? Era fazenda de cria gado mesmo, fazenda grande aí ficou ai e depois o Incri comprou. Desmatado muitas vezes. Aí muita vezes você uma terra dessa boa, se você não adubar ela você não colhe um legume bom. E de primeiro não, tudo bem você devorava a mata, plantava uma roça lá naquela mata. Quando queimava bem muitas vezes se plantava o arroz e colhia sem fazer uma limpa. Aqui se você limpa só duas vezes e olha lá para você colher ela no limpa. Aí é veneno nela. É assim!⁶³

Na fala do Sr. Moacir, acima, também está presente a queixa das dificuldades impostas pelo agronegócio e os diversos impactos em seu modo de viver, pois percebe a dificuldade em cultivar suas terras por conta da degradação ambiental existente, devido a intensificação do uso de agrotóxicos utilizada para amadurecer a soja nas fazendas vizinhas que afetam a terra, a forma de plantar, o tempo de colher e até a saúde desses sujeitos. A terra responde aos impactos da degradação, sendo necessário limpar muitas vezes e até fazer uso de veneno para poder plantar e colher.

Mas o pequeno ele é ruim por causa do veneno. O maior atrapalho nosso é o veneno. Porque toda doença vem do veneno. Hoje as água tudo é contaminada. O peixe você vai criar o peixe você tem que cuidar e se não cuidar eles morrer. Tudo é por causa do veneno. A soja começou a amadurecer eles joga veneno pra seca, dessecar ela. Ali já vem a doença pro pequeno, pro produtor e pra nós que compra a casquinha, o farelo pra dar pras vaca, já vem também pro leite. Tudo vem do veneno. Não tem pra onde. Se nois come a carne tem o resíduo do veneno, se vem come o leite, tem o resíduo do veneno. Então eu acho que é bom por umas parte e é ruim por outras. Que na verdade hoje, é todo no geral os assentamento é muito desmatado. Não é só os assentamento não, é as fazendas também. E hoje, se nós num proteger as nascentes, eu vou botar longe, daqui há uns 10, 15 anos. Eu acho que não chega a isso. A gente vai entrar numa seca muito grande.⁶⁴

Na fala do Sr. Jânio existe a consciência de que qualquer situação que afete sua vida, também poderá afetar a vida dos demais assentados, deixando transparecer o sentido de respeito básico pelos outros, compaixão, partilha e até empatia, pois viver coletivamente pressupõe enxergar o outro que está ligado diretamente consigo. Em seu relato, deixa evidente os impactos sentidos, pois não consegue plantar denunciando a má qualidade em que se encontra a terra em consequência do uso intensivo do veneno pelos fazendeiros da região. Profetiza períodos drásticos de seca, falta de água potável em alguns anos, doenças e outras

⁶³Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

⁶⁴Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

possíveis mazelas se continuarem com as mesmas práticas devastadoras. Novamente, percebe-se uma tensão, fruto da contradição, entre o apego a um modo de vida tradicional e a necessidade imposta pela relação com a Vallecoop no processo de reterritorialização no Assentamento Santa Marta.

Hoje aqui eu tenho um bucado de amigo meu que plantava melancia. Plantava, plantava. Mas tá parando de plantar. Porque não tá dando. A melancia nasce, começa a iramar e morre tudinho. Não é seco. Eu digo que é por causa do veneno. Eu acho que é. Não sei. Isso depende dum técnico pra fazer um exame, analise do solo. Essas fazenda mesmo. Aqui tem uma fazenda grande aí. Que todo ano eles passam uma semana todinha jogando veneno nos pasto de avião. E é nas cabeceiras dos córregos. Aqui mesmo bem de frente, na beira desta BR aí. Pau grande, do tamanho daquele lá. Morre tudinho. A gente fica triste.⁶⁵

Nos versos do repente sobre o capim do Sr. Otacílio Reis, já ficava subentendido a existência de tecnologia avançada voltada exclusivamente para o cultivo do melhor capim, afim de aumentar cada vez mais a produção de leite e de gado de corte de qualidade. Os melhores espaços são destinados para criação do gado escolhidos pelo próprio Estado, sendo reservadas as terras improdutivas para os assentados. Ou seja, esses dois pequenos produtores, por meio de linguagens muito diferentes expressam a mesma contradição, o conflito, a mesma tensão gerada entre um modo de vida tradicional que os formou e a lógica produtivista de mercado preconizada pela cooperativa.

Este aspecto, também é relatado nas falas do Sr. Moacir a seguir.

Hoje tá tendo dificuldade de você formar uma terra, numa região principalmente nessa nossa aqui. Se você não cuidar dela com veneno, você não dá conta do mato. E aí é aonde nos acabamos com a terra, porque o veneno você sabe, tá envenenando né. Aí o pessoal diz assim: Esse veneno num vai afetar a terra! mas vai. Nunca meu pai fez isso. Então hoje é assim. Hoje a verdura que nos come a maioria dela é com veneno, a soja hoje, até para ela amadurecer, ele joga o veneno para ela amadurecer mais rápido. Então eu vejo esse lado aí que nos hoje vevi mais doente eu acho que é o veneno.⁶⁶

Em outras estrofes do repente sobre o capim, o Sr. Otacílio Reis utiliza-se de ironia e satiricamente apresenta um cardápio diário com os diversos tipos de capim dos mais nutritivos em “vitaminas para o povo reforçar” e nem a criança ficará de fora, pois “a grama vai ser papinha”, queixando-se ainda, que “a carne nois num come, num damo conta de compra”, na qual o preço é exorbitante e também em

⁶⁵Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

⁶⁶Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

pensar que não pode ter acesso aquela carne produzida, uma vez que até o leite que ele mesmo produz, “o caminhão, todo dia vem buscar”.

O leite produzido por esses pequenos produtores é entregue diariamente no tanque de resfriamento, localizado na propriedade do Sr. Jânio e coletado pela Cooperativa Vallecoop. A articulação realizada junto aos pequenos produtores teve inicialmente como garantias a promessa de comercialização do leite, controle de atravessadores na comercialização e assistência técnica, que aos poucos vêm sendo menos frequentes. Esse modelo de associativismo, na verdade instaura uma nova modalidade de subordinação capitalista e expansão do agronegócio, tornando o pequeno produtor dependente da Vallecoop, incentivando uma busca pela alta produtividade e a monocultura do capim, desestruturando as atividades tradicionais de produção de alimentos, levando-os a crer que para produzir mais, a melhor coisa seria investir em tecnologia para poder ter lucros, conforme a lógica capitalista.

[...] onde o capitalismo se implanta, onde o mercado começa a dominar a vida social, onde a racionalidade econômica toma conta do comportamento dos indivíduos, os laços comunitários acabam por perder seu poder agregador e os camponeses vêm desvanecer as bases objetivas de sua própria reprodução social. (ABRAMOVAY, 2007, p 56).

Neste sentido, esses pequenos produtores vivem desafios e dilemas frequentes. Precisam produzir mais para conseguir ao menos manter o gado alimentado, por outro lado, para não romper com sua herança rural, tentam a todo custo rememorar suas referências para orientar a determinação de suas práticas no presente.

No relato do Sr. Moacir, um dos pequenos produtores que prefere fazer queijos e doces com o leite que produz ao invés de entregar no resfriador da cooperativa, observa-se também esta ideia de subordinação, mediante a imposição da alta produtividade e qualidade.

Eu vou ser sincero com você. Eu hoje se fosse para eu mexer só com leite pra cooperativa, eu tinha que me preparar mais. Seria eu ter mais pasto, eu fazer um pasto para eu ter um manejo. E me preparar para eu ter um milho para fazer ração, a cana pra fazer ração. Porque aí eu tinha que me preparar pra cuidar bem dessas vacas, pra mim ter um retorno. Propriedade de 7 alqueire e meio. Seria possível só teria que reestruturar. É porque assim, eu tenho um, eu vi um cumpade meu fazendo uns piquete na propriedade dele, ele tem 10 vacas, ele tira 100 litros de leite de verão a inverno, 100 cento e pouco, tirando as despesas. Mas 100 é batido. Ele tem 21 piquete, ele me chamou pra mimir lá, eu fui. E as vaca só come um dia no piquete. Ele tirava uma faixa de 60, 70 litros. Hoje ele tira 100 e o gado é mais gordo. Ele fez 21 piquete, quando chega com 21 dia, ele torna a fazer

o manejo de novo. E tem a ração. As vaca não dorme no piquete, só passa o dia. No período chuvoso elas dorme, no período do verão elas dorme numa remanga. Aí ele preparou um barracão. Aí ele faz o milho, ele faz a ração pra quando chega a época da seca ele ajuda. Aí ele dorme com elas numa remanga. Fez uma cobertura e botou os coxo e a água. Aí lá eu fiquei curioso com aquilo. É pouco terreno e a produção é maior.⁶⁷

Reestruturação e retorno são duas palavras que definem bem a ideia imbuída na lógica capitalista e passam a reforçar o desejo de boa parte dos pequenos produtores. Reestruturar o terreno, o cultivo, a vida e até os valores para ter retorno financeiro.

Nos versos sobre o capim do Sr. Otacílio Reis, além da denúncia da subordinação desses sujeitos aos avanços do agronegócio, sobretudo ao que diz respeito a degradação do meio ambiente e enfraquecimento das terras, também são lembradas as vivências sociais dos pequenos produtores quando afirma: “não pudemo pranta roça, como é que vai ficar”, referindo-se a um tempo e a um modo de vida em podiam plantar todo e qualquer alimento que precisavam para subsidiar as suas famílias e até venderem, complementando assim a remuneração com menor índice de desmatamento e sem uso de venenos ou agrotóxicos.

No modo de vida tradicional, fazer mutirão para plantar roça, tratava-se de uma prática bastante recorrente. O mutirão resolvia o problema de escassez de mão de obra na comunidade, quando um morador solicitava dos vizinhos e parentes para ajudar nos trabalhos atrasados, oferecia-lhes um almoço e, muitas vezes, ao final do dia tinha uma festividade. Nos tempos atuais, esta prática tem sido cada vez mais rara, pois o individualismo e a concorrência estão arraigados entre os pequenos produtores, como mostra o relato a seguir.

Os vizinho ajuda assim. Se você vai vacinar um gado, ou mudar de um lugar pra outro, ou buscar de algum lugar. Mas agora nas tarefa do dia-a-dia tem que ser pago. Num tem aquele grupo porque eu vi muito pai, na época de derrubadada roça de machado, juntava os vizinho tudinho e ia ajuda a derriba lá. Aí juntava tudinho ia derriba a dele. Aí juntava tudinho e ia derriba do outro. Isso não existe mais.⁶⁸

O Sr. Moacir lamenta o fato de não existir mais esta prática, pois a voluntariedade do mutirão desempenhava um papel importante nas relações da vida rural, visto que se expressava, aí, um sentimento de solidariedade, de amizade e de companheirismo, já que o mutirão poderia ser organizado por alguém que

⁶⁷Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

⁶⁸Id, 2017.

percebesse no outro a falta de mão de obra ou até mesmo dificuldades financeiras em executar um serviço. Como na seguinte fala do Sr. Moacir que relata intrinsecamente a dificuldade financeira de contratar um serviço, que em muitas vezes, deveria ser algo especializado, mas acaba o executando para economizar.

É assim, muitas vezes eu não posso pagar uma diária aí eu tenho que fazer ela. É roçano pasto, fazendo cerca, é olhando um gado, mudando de um lugar pra outro. Quando aparece uma viajinha, eu paro lá vou fazer aquela viajinha no caminhão.⁶⁹

O território do assentamento é entendido como o lugar das “vivências significativas”, formado através do processo que constitui o movimento social, onde os indivíduos identificam a posse da sua propriedade e, a partir daí, fixam seus lugares, as suas culturas e os seus modos de viver, criando assim territorialidades e identidades subjetivas que extrapolam as proporcionalidades no sentido político, cultural, econômica e social. (MEDEIROS, 2008)

Os grupos humanos têm uma necessidade profunda de criar raízes em lugares específicos. As formas desse enraizamento são múltiplas [...] A memória coletiva é, sem dúvida, uma das maneiras mais importantes pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico. (LITTLE, 2002, p. 6)

Nesse sentido, para fazer frente às imposições externas que interferem em seu modo de vida tradicional, os assentados, que experimentam a dominação simbólica por meio do discurso autorizado da cooperativa, os narradores, em especial o Sr. Otacílio Reis, recorrem à memória social que deixa vazar pela oralidade os elementos internos constitutivos de uma cultura mais tradicional que os formou fazendo ressaltar aspectos de suas vivências, até mesmo aqueles se pretende silenciar.

Nos relatos do Sr. Otacílio Reis, que ele chama inicialmente de jornada, verbaliza “[...] eventos, imagens, símbolos, raciocínios e sentimentos profundamente enraizados na memória coletiva [...]” (AMADO, 1995, p. 130 – 131) de sua origem nordestina e, também, dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

Eu sou de 1935, dia 03 de maio. A primeira jornada que eu vou dizer. Quando eu era menino, ameninado, meu avô, que ficou no lugar de pai de criação. Que eu num conheci pai e num fui criado por minha mãe. Então quando a pessoa é assim, que num é criado com pai nem com mãe, ele comeu o pão que o diabo amassou com os pés, né com as mão não.

⁶⁹Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

Apanhou de gente que num era nem parente. É uma parte que eu num gosto que ninguém me investigue nesta parte.⁷⁰

Percebe-se aqui outro movimento da memória: a tentativa de omitir as memórias traumáticas individuais, valendo-se de uma memória coletiva, aquela que é compartilhada pelo grupo e que pode ser narrada. As memórias traumáticas de suas vivências, principalmente quando se refere à sua infância, que se comparados aos dias de hoje, podiam ser analisados como fatos que deixariam sequelas irreversíveis em sua personalidade. No entanto, ao manipular o conjunto de memórias, individuais e coletivas, especialmente por meio de repentes, esse narrador coloca as individuais em segundo plano, propositadamente.

Ao narrar, é nítido em sua expressão facial o sentimento de dor e tristeza ao relembrar os momentos difíceis vividos e, algumas pausas, foram necessárias para que continuasse a falar, pois “As pessoas tendem a eliminar aquilo que não podem expressar [...]” (TUAN, 1983, p. 7).

A aparência do Sr. Otacílio Reis⁷¹ possui marcas registradas das lutas vividas com o trabalho, marcadas ao cabo da enxada, com rugas que o sol aprofundou em seu rosto, embora demonstre muita disposição para trabalhar, mesmo com 81 anos de idade.

Eu andar em cinco estado, andando mais de noite do que de dia, pra num morre. E vou dizer aqui meu velso, pouca coisa pra você.
[canta o repente a seguir]

A aeronáutica, a marinha são minha madrinha
E o exército é meu padrinho
Se num fosse esses três órgão
que seria do pobre desse vinho.

Porque esses num se vende. Quando eu lhe disser isso, já analisei minha vida em poucas palavras. Num foi? (Sr. Otacílio Reis)

Muitas das suas experiências de vida do Sr. Otacílio Reis são cantadas em repentes de sua autoria e, neste caso, supõe-se que as instituições citadas das Forças Armadas do Brasil, deram-lhe abrigo e proteção em vários momentos, já que “andando mais de noite do que de dia, pra num morre”, revela que estava

⁷⁰Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

⁷¹Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

escapando de algum perigo, que poderia ceifar sua vida. É possível ainda, supor, já que mencionara que passou pela experiência do trabalho compulsório na região, que estaria fugindo das milícias armadas do latifúndio, talvez a mando de seus antigos patrões latifundiários, já que reforça “Porque esses [as forças armadas]⁷² num se vende”. Tal narrativa foi contextualizada por ele no momento em que o Exército estava na região combatendo os militantes da Guerrilha do Araguaia, e provavelmente foram esses militares que possibilitaram que escapasse do trabalho compulsório. E mais uma vez ocorre o escamoteamento de suas memórias traumáticas com a frase “Quando eu lhe disser isso, já analisei minha vida em poucas palavras. Num foi?”

Suas vivências também são ricas em percepções sobre os diversos lugares em que esteve vivenciando diferentes relações de territorialidades e que se configuram em processos de desterritorializações seguidas de reterritorializações.

Para Little (2002, p. 8)

[...] um estado de desterritorialização, embora muitas vezes acompanhado por trauma ou sofrimento, é também uma parte fundamental da condição humana. Embora seja frequente o desejo por parte dos desterritorializados de encontrar raízes, situações de carências de lar, *homelessness*⁷³, [que] podem durar gerações.

Assim, em cada novo território que o Sr. Otacílio Reis esteve pôde conhecer, sentir e experimentar novas formas de territorialidades e, em cada uma delas, foi diverso as razões que o levaram a mudar de lugar.

Nasci em Pernambuco. Araripina. Eu vim mais meu avó e meu avô, minha mãe veio pra cá, pra Carolina [Maranhão]⁷⁴, aí ela arranhou outro homem. E eu fiquei mais meus avô. Ai quando foi em 47, meu avô morreu aí eu tomei de conta de responsabilidade de casa. Até meus tio e tia, separaram tudinho. Aí eu ganhei o mundo. Desci pro Marabá [Pará]⁷⁵, do Marabá pra Amazônia. Trabalhei em demarcação de terra, trabalhei. Conheço o Brasil, pode dizer que só a capital que eu não conheço é Palmas. Eu tinha doze ano. Sempre lidou com roça. Gosto da roça e ainda faço poesia sobre a roça.⁷⁶

Este mesmo processo, os demais pequenos produtores de leite que foram entrevistados para esta pesquisa, também vivenciaram, ou seja, os processos de

⁷² Grifo nosso.

⁷³ Homelessness = falta de moradia.

⁷⁴ Grifo nosso.

⁷⁵ Grifo nosso.

⁷⁶ Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **ENTREVISTA** [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

desterritorialização e de reterritorialização citados anteriormente. Antes de se estabelecerem no Assentamento Santa Marta, os Srs. Jânio, Pedro, Joca e Sra. Jussara foram remanejados do município de Babaçulândia devido à construção da Usina Hidrelétrica do Estreito. Já o Sr. Moacir foi remanejado de um assentamento do município de Wanderlândia para o ajustamento de terras realizado pelo Inbra.

Little (2002, p. 9), apresenta sete categorias de movimentos geográficos grupais e os considera principal para se utilizar no entendimento das territorialidades e desterritorialidades. O primeiro são os nômades que “[...] incorporam noções de movimentos regulares e ciclos de concentração e dispersão [...]”. O segundo é caracterizado pelo fenômeno da *diáspora* onde o grupo tem o deslocamento forçado de um lugar em um determinado momento histórico e passa a usar a memória deste lugar como identidade única. O terceiro “[...] compreende as vítimas de *deslocamentos diretos e forçados*”. O quarto grupo, “[...] refere-se à *migração grupal reativa*” dos quais ao reagirem a pressões externas migram coletivamente e se reagrupam em um novo local. A quinta são “*migrações colonizadoras*” imbuídas em colonizar as fronteiras internas nacionais. A sexta, “consiste em *migrações laborais temporais*” atrelados principalmente ao “nível de formação e qualificação dos migrantes”, dos quais numa escala inferior “encontram-se os trabalhadores com pouca educação formal e com qualificação mínima” e, numa escala superior, “profissionais que migram em condições de segurança de trabalho”. E, por último, “*migração sobreviventista*” representando os refugiados e exilados políticos e econômicos.

No caso do relato anterior sobre a trajetória do Sr. Otacílio Reis, observa-se que uma das razões da desterritorialização diz respeito ao nível de formação e qualificação profissional, que é a “migração laboral temporal”, sendo inerente o não estabelecimento de um novo espaço de reterritorialização, porém vários significados são incorporados à sua experiência como perspectiva pessoal e do trabalho servindo de referência para formação da atual territorialidade do seu modo de vida no trabalho com a roça.

Muito difícil, porque aqui dentro do Parazão, eu servi de burro pra carregar castanha nas costa. Então, era burro do povo rico, quando ia acertar as conta, é com seis meses que trabalhava. Tinha um tal de capanga, que hoje fala de pistoleiro, pra poder tirar a pessoa, pra num fala. Aí eu tinha que

passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite. Aqueles Mutram⁷⁷ que tinha no Marabá. Que eu cheguei, era bem novinho no Marabá.⁷⁸

Neste trecho da entrevista com o Sr. Otacílio Reis, ele conta sua experiência de trabalho do Estado do Pará, que no caso específico a desterritorialização concorda relativamente com a categoria de “migração grupal reativa”, visto que, ele sofre pressões de natureza capitalista que são capazes de transformar as suas memórias espaciais, conforme as condições existenciais e a localização mudando assim, forçadamente, seus objetivos de vida.

Little (2002), enfatiza que essas migrações, e no caso foram vividas pelo narrador, tornam possíveis divergentes formas de territorialização histórica como formas de lutas e reivindicações pelo espaço proporcionando, assim a reterritorialização que será o produto de tais migrações.

No relato do Sr. Otacílio Reis apresenta denúncia quanto a exploração do trabalho escravo na fábrica de castanhas da Família Mutram no município de Marabá – PA. Supõe-se ainda, as condições de precariedade do trabalho, das condições de vida, da jornada exaustiva, da servidão por dívida, formas degradantes e desumanas a que foi submetido enquanto trabalhador neste local, já que após seis meses de trabalho não teve direito a remuneração e, tão pouco, pôde reivindicar seus direitos trabalhistas, sendo assim, cerceado de se libertar. Mais uma vez, ele enfatiza a necessidade da fuga escondido, já que “tinha que passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite” para sobreviver aos capangas do “povo rico”. Percebe-se na sua narrativa que era submetido também à segregação espacial utilizada, propositadamente, pelos fazendeiros para dificultar a fuga, a comunicação, vida social ou familiar.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor... A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforma em lugar. (TUAN, 1983, p. 6)

⁷⁷Mutram é nome de uma família tradicional que possuem fábrica de castanha no Estado do Pará.

⁷⁸Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

No processo de reterritorialização vivido pelo Sr. Otacílio Reis trouxe mudanças em sua vida, que provocaram alterações em sua memória espacial com novas territorialidades.

Botava eu na mata para fazer picada no meio dos índio. Ainda aprendi ainda a linguagem de índio. Vou dizer aqui o Amazona em velso. Improviso.

Estado é Amazonas, a Manaus é a capital
Boa forma de governo, tem palácio e catredal
Amazona extrema com Peru
As Guianas são La paz e Tabatinga
Seus produtos são madeira e seringa
Tem caboclo de flecha que anda nú
A comarca é Manacapuru
Na latitude da Grande Cordilheira
Tracajá, tartaruga vai pra feira
Nos igarapé tem clima doentio
Os influente engrossa os grande rio
Para o Atlântico, o Amazonas faz carreira. (Sr. Otacílio Reis)

A riqueza de informações neste repente em relação ao Estado do Amazonas refere-se a aspectos físicos, geográficos, hidrográficos e políticos que fizeram parte da sua reterritorialização após migrar do Pará. Os pontos relevantes do repente do Sr. Otacílio Reis pontuam com riqueza de detalhes, os diversos lugares no Estado do Amazonas, demonstrando conhecimento geográfico condizente com o conhecimento formal científico e mobilizando elementos da cultura letrada para compor seus versos.

Nestes versos sobre o Estado do Amazonas Sr. Otacílio Reis não identifica, exatamente, o local que se estabeleceu e nem tão pouco se efetivamente esteve nas várias cidades mencionadas, mas sugere que se ocorreu não foi um processo tão simples, visto que além da mudança de lugar teve de se deparar com o novo e o desconhecido, tanto no que se refere ao ambiente quanto à cultura. No caso, suponha-se que tenha sido difícil a sua (re)adaptação, já que discorre situações e lugares totalmente diferentes da sua origem nordestina. Relata nos versos, aspectos de vida urbana, mas também do seu trabalho “na mata para fazer picada no meio dos índio”. Percebemos ainda, uma riqueza de detalhes que abrange todo o Estado, percorridos de um extremo a outro.

Quando afirma que o “Amazonas extrema com o Peru”, refere-se ao limite oeste da fronteira do Brasil com a República do Peru e da capital federal da Bolívia, La Paz que conferem com os cânones geográficos. Tabatinga é um município do Estado do Amazonas que faz fronteira com a Colômbia. De Manaus só é possível ir

a Tabatinga de barco e o trajeto dura cerca de três dias ou de avião, revelando assim que talvez Sr. Otacílio Reis tenha conhecimento da sua existência. Trata-se de uma cidade que exporta madeira, adubo orgânico e frutas. No verso “Na latitude da Grande Cordilheira”, refere-se a distância entre o Norte e o Sul medida entre a Linha do Equador e o Meridiano de Greenwich, localizando nos seus versos a Cordilheira dos Andes que em sua extensão ainda fica próximo à fronteira do Amazonas e Peru.

Quando cita “Seus produtos são madeira e seringa”, refere-se às principais atividades econômicas da Comarca de Manacapuru, importante centro comercial do Estado do Amazonas. Relata de ter visto “caboclo de fecha que anda nu” e também experiências relacionadas à fuga para sair do Estado do Pará, já que em outras falas do seu depoimento diz que “tinha que passar aqueles igarapé, tudinho, nadando de noite”, assim possivelmente, tenha ficado doente ao fazer a travessia “nos igarapé tem clima doentio”. Nos últimos versos deste repente, Sr. Otacílio Reis mostra aspectos hidrográficos demonstrando a utilidade dos afluentes que formam o Rio Amazonas e o tem conhecimento geográfico refinado ao afirmar que o seu percurso final, isto é a foz é no Oceano Atlântico.

Para ilustrar o período de convívio com os índios, durante a entrevista faz questão de cantar outro repente.

Agora eu vou cantar um pouco indígena.

Zara, Zara, o piau pegou quati, zara, zara, zara

[...] Essa é a brasileira. Eu só tive o pré! Pois é. É porque tem muito índio que é cristão. É crente.

Ijá, ijá, Jesus Cristo ressuscitou, ijá, ijá, ijá

No português. (risos) Que tal irmã? Cê notou que o vinho conhece um pouco? (Sr. Otacílio Reis)

No entanto, com as novas relações que são estabelecidas no novo lugar, a reterritorialização não só modifica as vidas das pessoas reterritorializadas, mas também modifica a vida das que já estavam no local, mediante as novas descobertas e aprendizagens presentes nas relações interpessoais. A possibilidade de o narrador não ter de fato conhecido todos os espaços citado no repente existe, mas, o que importa aqui é que seu repente revela as formas pelas quais ele sentiu a experiência de des-re-territorialização e, como deixa vazar em sua narrativa que se serve de diversificadas fontes de informação, incluindo a cultura letrada, mesmo

sendo iletrado, e passado pelo aprendizado com os outros assentados, para construir as representações sobre o processo.

2.2. O ESPAÇO DA ROÇA COMO CULTURA: VALORES E TERRITORIALIDADE

Neste sentido, o território gerado a partir dessas relações internas e externas, das identidades e heterogeneidades do território passa a ter grande relevância, como enfatiza Saquet (2008, p. 88). “Na reterritorialização, reproduzem traços comuns e heterogeneidades que, ao mesmo tempo, estão na base da apropriação e produção dos *novos* territórios”.

Dessa forma, o processo de reterritorialização também ocorre com os outros pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, ao chegar no espaço destinado para ser a sua terra, eles trazem consigo suas territorialidades e se deparam com as territorialidades impostas pela lógica capitalista de produção, onde o desafio será a construção de nova territorialidade.

Os modos de viver mais tradicionais e as relações familiares são pensados, tendo a terra e o trabalho como categorias vinculadas estreitamente aos valores, aos princípios e a honra. O trabalho é utilizado como forma complementar na educação dos filhos, como relata o Sr. Moacir “Meu pai, toda vida, eu já nasci tendo de levantar e acordar cedo para cuidar cedo. E eu me sinto bem com isso. Eu levanto cedo vou trabalhar”⁷⁹. Assim, neste modo de vida, os meninos desde pequenos acompanham e aprendem com os pais na lida diária com a roça, no cuidado com os animais e ajudam no cultivo da terra. Já as meninas, são inseridas nos mais diversos afazeres domésticos e serviços na lida da roça também, acompanhando e ajudando as mães. Nos relatos de Sr. Joca⁸⁰ diz: “No meu tempo todos eram na lida da roça. Toda a vida. Eu mais meus irmãos nois tudinho trabalhava para isso mesmo.” enfatizando esta questão, que no seu caso faz questão de demonstrar que desde infância trabalhava na roça.

Neste outro trecho Dona Maria Etelvina conta como era seu trabalho durante a adolescência, enfatizando ainda a diferença dos dias atuais em que os adolescentes preferem ter uma vida social em festas e baladas.

⁷⁹Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

⁸⁰ Entrevista concedida pelo Sr. Joca, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

Eu nasci e me criei foi na roça, não foi em festa não. No inverno com muié trabalhando, cada uma com uma enxadona de três libras. As veia com cachimbo de lado e as moças, cantando e falando em namorado. E a enxada oia! O veio chegava com a foiceira. Você sabe como era antigamente! (Dna Maria Etelvina)⁸¹

Ao contrário do que muitos pensam que as meninas da zona rural de “antigamente” eram educadas apenas para ser mães e esposas, as falas de Dona Maria Etelvina demonstram justamente o contrário, o trabalho mostra outra realidade, pois neste caso a mulher era preparada para o trabalho, a lidar com os trabalhos tido como masculinos e com os desafios que a vida proporcionava.

Muitos pequenos produtores de leite se queixam e expressam tristeza ao ver que os filhos não aceitam o destino de se fixar nas terras, mas buscam novos rumos aventurando-se em empregos assalariados fora do mundo rural, deixando de contribuir com o processo de trabalho, como relata o Sr. Moacir: “Meus filhos é tudo pai de filho. Já tenho quatro neto. Eles me ajuda assim. No dia que vem, as vezes, chega aí e me ajuda a fazer alguma coisa”.

Contudo, mesmo defendendo esta hierarquia cultivada de autoridade sobre a família e transmitida pelo seu pai, percebe-se no trecho a seguir, um descontentamento em não poder fazer nada para poder manter os filhos no assentamento considerando um rompimento nos valores tradicionais da família e defendida na fala, “Sempre o pai é quem tá ali calçando e pra manter o nome também”.

E hoje eu tenho dois filhos. Todos dois são empregado. Quando precisa de um apoio eu tenho meio de ajudar. O que eu tô vivendo hoje. Tem a crise? Tem! Mas avista o que eu já passei, eu tô muito bem. Graças a Deus! Eles me parece, que eles lá ganhando o dinheirinho deles lá particular, seria melhor. Porque aqui pra nois fica nois tudo aqui. Aí eu tinha que ter um investimento maior pra poder segurar nois. Porque hoje, o jovem de hoje, num é aquele jovem igual eu fui criado. Porque eu fui criado pensando no pão de cada dia. E aquilo meu pai não deixou faltar. Aquilo pra nóistava bom. E o jovem de hoje não. Ele quer luxar mais, ele quer calçar bem, ele quer vestir bem, quer sair. Aí chega aquela posição que muitas das vezes a gente não tem tudo suficiente. Aí eles acharam que na rua trabalhando, ganhando, acharam o serviço tudo. Achou que é melhor e eu não pude proibir. Tive que dar apoio.⁸²

Com isso, Sr. Moacir se sente impotente economicamente, pois teria que investir para produzir mais e ter como atender as necessidades dos filhos quanto às

⁸¹ Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

⁸²Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

imposições da moda, as influências midiáticas que incentivam o consumismo, do “luxo”. Enfatiza ainda, que no tempo dele a coisa era diferente, tudo mais simples, pensando apenas no pão de cada dia, exaltando o significado do alimento para ele.

No trecho a seguir, O Sr. Moacir conta com orgulho dos valores transmitidos pelo seu pai referente ao trabalho, a comida, a honra e a honestidade.

Sempre o pai é quem tá ali calçando e pra manter o nome também. Porque meu pai criou a gente assim. Se nois ficasse sem quebrar o jejum até meio-dia, mas o almoço ele não devia nada a ninguém. E aí por onde ele passou, mesmo pobre ele deixou um nome. Então eu hoje trabalho assim. Muitas vezes a gente fica devendo, faz um coisa, faz um serviço. [...] E fico devendo mas chega aqueles dias eu quero cumprir com aquilo que a gente fez o compromisso. A minha vida é essa! É trabalhar, arrumar o pão de cada dia. Cumprir com meus dever, com minhas obrigação que eu tenho que cumprir.⁸³

Para ele, o papel atribuído a figura do pai é ser o provedor da família, aquele que não irá deixar faltar “o pão de cada dia”, pois sempre estará “ali calçando e pra manter o nome” através do trabalho que irá dignificar a “obrigação que tem que cumprir”, não apenas perante a família por “arrumar o pão de cada dia”, mas também diante toda a sociedade para manter a sua honra inabalada, comunicando a importância da autoridade doméstica exercida pelo pai na base da organização familiar tradicional.

Assim, “o pão de cada dia” se torna elemento central nesta discussão conferindo-lhe alto valor social e de troca, conforme Woortmann (1990, p. 59), que enfatiza: “O valor de uso da comida não se limita às suas qualidades alimentícias; ele envolve também suas qualidades como linguagem, uma linguagem que fala do pai, da família, do trabalho, da honra e da hierarquia”. Mais uma vez percebemos aqui o encontro do conhecimento sistematizado e o conhecimento construído pela vivência de sujeitos letrados.

O pai exercia, fortemente o poder pátrio em sua casa, nos moldes em que a cultura tradicional desses sujeitos orienta. Aqui, a ausência de menção à mãe revela que em seu entendimento que a educação que recebeu e da qual se orgulha é proveniente da figura masculina. Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com a normatização estabelecida por essa cultura.

⁸³Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

No trecho da entrevista do Sr. Moacir, em que “o almoço ele não devia nada a ninguém” a honra do pai está correlacionada a honestidade, pois à pessoa honesta é conferida a honra, no sentido de dignidade e reputação e fala dessa lembrança com tom de respeito e admiração.

Todos os pequenos produtores de leite afirmaram que permanece uma quantidade de leite na propriedade para alimentar a família, sendo base da nutrição das crianças para compensar também a perda de alguns itens que não conseguem produzir, como relata o Sr. Pedro⁸⁴ “Por dia fica 2,5 litros. Nós quase não bebe leite. É mais o menino pequeno.”

A comida é o elemento central da produção e do consumo, ambos realizados pela família. [...] a comida é produzida pelo trabalho do pai na terra, que é terra de trabalho [...] no sentido de ser a terra construída pelo trabalho. Comida, trabalho e terra são[...] categorias centrais do discurso camponês e expressam uma relação moral entre os homens e deles com a natureza. (WOORTMANN, 1990, p. 37)

Através da produção do alimento, no caso destes pequenos produtores de leite, é possível observar ainda que se estabelece uma “relação moral entre os homens” de solidariedade com a comunidade, como explica o Sr. Jânio.

Fica em média de dez litros. Tem dia que fica mais, outro dia que fica menos. Só para consumo mesmo. A gente tem porco e bota um pouquinho pro porco. Não vendo leite não. Só quando chega um vizinho que quer leite. A gente dá um pouco. Sempre a gente dá o leite para o vizinho.⁸⁵

Dessa forma, oferecendo leite e outros alimentos produzidos em suas terras, os pequenos produtores estabelecem vínculos enquanto comunidade com algum vizinho que necessita de auxílio. Existe ainda, uma forte “relação com a natureza” de muita estima e cuidado com os animais da propriedade que são acompanhados durante todo o ciclo de vida, atribuindo-lhes valores não econômicos, ao ponto de alimentar o bezerro órfão, ou ainda, os porcos, conforme na fala a seguir do Sr. Otacílio Reis: “Nóis fica com 2 litros para uma bezerra que tá sem a mãe. Que a mãe morreu. Aí a gente dá o leite pra ela. Eu tô achando que foi cobra que matou”.⁸⁶

Faz parte do cotidiano dos pequenos produtores de leite a experiência de presenciar o nascimento, crescimento e morte dos animais. Alguns recebem nomes

⁸⁴Entrevista concedida pelo Sr. Pedro. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min e 12 seg.).

⁸⁵Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

⁸⁶Entrevista concedida pelo REIS, Otacílio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

e são considerados de estimação da família como gatos, cachorros, galinhas e cavalos; já outros possuem apenas o valor de troca ou de subsistência, como porcos, galinhas, gado de corte, etc., como mostra a fala da Sra. Maria Etelvina “Aí eu tinha o gado lá pra vender. Então, vendi o gado, a bezerrada e coloco nesta terra”.⁸⁷

Neste sentido, a alimentação estabelece um vínculo direto com o trabalho e a terra, que para o pequeno produtor de leite significando muito além que produção dos alimentos para garantir a sobrevivência e satisfazer as necessidades básicas humanas, mas é o que define de fato o modo de vida tradicional rural e afirmação de sua identidade.

Agora eu vou lhe dizer uma coisa. Sinto um graaande prazer, me agrada muito eu tá lidando com os bicho. Eu acho melhor que tá na estrada dirigindo. Eu aqui sempre produzo o feijão, eu tenho a mandioca. Eu tenho ovo, eu tenho frango, eu tenho o leite. Eu a única coisa que eu num planto é o arroz. Porque eu trabalho só. E pra mexer com a roça você tem que ter uns companheiro. Aí já vai ter despesas.⁸⁸

No depoimento do Sr. Moacir, o cuidado com o gado leiteiro e a terra são atribuídos valores afetivos demonstrado com satisfação em atuar na atividade, visto que sem elas não se produz o alimento para a família, não se deixa a herança aos filhos e tão pouco se negocia, buscando inclusive aproveitar ao máximo o potencial de suas terras, produzindo boa parte do alimento que consome.

O sentimento de gratidão é percebido na fala de Dna. Maria Etelvina quando diz “eu não saio não. Foi quem tratou da minha doença. Eu tô operada, com cinco operação e meu gado quem tratou de mim. Foi esta terra. Eu não saio não. Vou morrer aqui. Quero morrer aqui”.⁸⁹ A curiosa inversão “meu gado que tratou de mim”, já que a ideia mais comum é a de que é o humano que cuida do animal, deixa vaziar todo o respeito que o pequeno produtor tem pelos animais que possibilitam o seu sustento. Tal respeito, vazado com afeto, é uma marca indelével de um modo de vida tradicional rural que se opõe a lógica capitalista de produção no campo.

⁸⁷Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

⁸⁸Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min. e 5 seg.).

⁸⁹Entrevista concedida pela Sra. Maria Etelvina. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

Assim, a terra e o gado possuem importantes funções na economia do pequeno produtor de leite como uma reserva econômica que em períodos de crise, permite ser negociado à venda podendo sanar alguma dívida, ser “moeda” de troca, ou mesmo, auxiliar numa situação em que precisa de dinheiro como em tratamentos da saúde. E, para além dos aspectos econômicos relacionados ao valor de troca, o valor de uso impregna-se de valores éticos, morais e afetivos.

Mais uma vez, é explícito nos relatos que “viver só do leite, não dá”. Alternativas são buscadas pelos pequenos produtores para poderem viver dignamente “sem dever a ninguém”.

Encerrando o capítulo com a inclusão do repente do Sr. Otacílio Reis que ressalta sobre a vida do vaqueiro, marcado pelo o amor e pelo prazer em cuidar do seu rebanho, e isso o torna um ser carismático, querido por qualquer pessoa.

Vaqueiro que é vaqueiro
Ama seu gado e quer bem
Todo dia vai ao campo
Contar as rês que tem
Quem não gosta de vaqueiro
Não gosta mais de ninguém
Eeeerroooooo! (Sr. Otacílio Reis)

Aqui, ilustrando a figura do vaqueiro, um ícone da cultura rural nordestina, é mobilizado pelo narrador para vazar o sentimento, que é representativo de todos os assentados, de ligação afetiva dos sujeitos com a terra e com seus animais. O narrador transforma todos, pois, narrativamente, em “vaqueiros”, os que cuidam das reses que produzem o leite, e por extensão, quem não gostar desse sujeito, que é o responsável direto pela produção leiteira, “não gosta de mais ninguém”.

3 – A DESESTRUTURAÇÃO DO MODO DE VIDA TRADICIONAL

Neste capítulo é abordada a desestruturação do modo de vida tradicional que, é em grande medida, influenciado pela lógica econômica capitalista arraigada nas relações existentes com as instituições que oferecem assistência técnica, ou mesmo, das imposições de intensificação de produção de leite juntos aos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, zona rural do município de Piraquê – TO, cooperados ou não à Vallecoop (Cooperativa de Produtores do Vale do Araguaia Ltda).

Para isso, atribui-se ênfase aos sujeitos que se utilizando da oralidade de sua história de vida como uma forma de tentar manter, ao menos narrativamente, os valores do modo vida tradicional, visto que se sentem “encurralados a mudar” para não ter prejuízos ou mesmo não perder as pequenas conquistas conseguidas e, que acaba interferindo na forma de pensar e agir desses pequenos produtores de leite.

Para melhor entender esta relação entre cooperativa e cooperados, inicialmente foi entrevistado o Presidente do Conselho de Administração da Cooperativa Vallecoop que apresentou diversos aspectos de sua atuação e o tipo ao qual se enquadra.

É cooperativa mista. A cooperativa na verdade é de agropecuária. Chama cooperativa mista que engloba todos os ramos do agronegócio. Nosso negócio é só envolvendo o corte, do leite, do ovino, caprino, na área de produção também. A gente pode atuar nesta área também.⁹⁰

Conforme consta em seu Estatuto Social (TOCANTINS, 2013, p. 1), a Vallecoop (Cooperativa dos Produtores do Vale do Araguaia Ltda) foi constituída em 20.10.2000 com sede e administração no município de Araguaína - TO, tendo sua área de ação abrangendo todo o território do Estado do Tocantins, mas para esta pesquisa, é interessante apenas relacionar os dados referentes ao município de Piraquê, especificamente ao Assentamento Santa Marta e a cadeia produtiva do leite.

Na Constituição Federal de 1988, o artigo 174, §2º estabelece que “A lei apoiará e estimulará o cooperativismo e outras formas de associativismo”. Neste sentido, o Estado tem a função reguladora do cooperativismo como atividade econômica.

⁹⁰Entrevista concedida pelo Presidente do Conselho de Administração da Vallecoop. **Entrevista.** [Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 59,2 MB (32 min e 8 seg.).

Neste tipo de cooperativa, os produtores se envolvem em toda a cadeia produtiva, acompanhando desde a produção dos produtos até a comercialização e industrialização. No caso da Vallecoop, a maioria dos produtores de leite se envolve apenas na produção do leite diária até a entrega no tanque de resfriamento.

No 2º Capítulo do Estatuto, constam os Objetivos Sociais da Cooperativa Vallecoop:

Art. 5º - A Cooperativa objetiva prestar serviços aos seus cooperados, congregando os agropecuaristas, de sua área de ação, realizando o interesse econômico dos mesmos, observando rigorosa neutralidade política e indiscriminação religiosa, racial e social [...](TOCANTINS, 2013, p. 1).

Dos seus objetivos não acontece exatamente o que se propõe quanto à “neutralidade política e indiscriminação [...] social”, pois existe uma diferenciação quanto ao atendimento destinado aos pequenos produtores de leite em relação aos médios ou grandes produtores, principalmente no que se refere à assistência técnica, prestação de serviços e capacitação. Com isso, indagou-se ao Presidente da Vallecoop sobre o fato de alguns produtores de leite ter resistência em manter a parceria com a cooperativa, preferindo fabricar os derivados do leite para vender.

Olha, eu acho que é um pouco falta de orientação direitinho e muita gente não entendeu ainda, principalmente o pequeno produtor. Ele precisa muito de uma cooperativa pra negociar o seu produto, pra procurar preço melhor e nós aqui inclusive nós temos aqui praticamente durante todo ano a gente tem curso de capacitação, da OCB [Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Tocantins⁹¹] através do Serviço Nacional de Aprendizagem e Cooperativismo, através do SESCOOP, e são ministrados vários cursos durante todo o ano. Inclusive muitos nesta área de leite. Eu acho que é um pouco de falta de informação desse produtor, principalmente, o pequeno que ele precisa muito de se unir em associações ou cooperativa. E hoje nós prestamos um trabalho bem melhor aí pros pequenos do que às vezes até para os grandes produtores, que muito do nosso trabalho é voltado mais para os pequenos produtores. (Presidente da Vallecoop)

Nesta fala do Presidente da Vallecoop, ele reconhece que muitas informações importantes não são repassadas aos pequenos produtores de leite, embora seja ofertados cursos de capacitação. Ressalta que o pequeno “precisa muito de uma cooperativa para negociar o seu produto”. Mas para isso, tornar-se-ia necessário que a cooperativa fosse mais presente no dia a dia dos cooperados devendo repensar as estratégias para dinamizar a oferta e acesso destes cursos de capacitação “in loco” com intuito de atender os pequenos produtores

⁹¹Grifo nosso.

disponibilizando todos os recursos humanos e materiais necessários já que muitos não possuem meios de locomoção que viabilizem tais capacitações.

Neste sentido, após as indagações sobre a viabilidade dos cursos de capacitação aos pequenos produtores, o Sr. Presidente informou o seguinte:

[...] no ano passado teve assistência técnica, houve uma paradinha, mas está começando este mês a assistência técnica permanente em alguns produtores. São alguns, nós escolhemos algumas propriedades que vai servir de modelo para os vizinhos. Inclusive no município de Piraquê, hoje, por exemplo, nós temos três propriedades até cadastrada que vai servir de modelo. Essa assistência técnica vai ser executada pelo Sebrae. O Sebrae paga uma parte, a OCB [Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Tocantins⁹²] outra e a Vallecoop entra com algumas participações. Por exemplo, no município de Piraquê hoje nós temos 3 produtores, 3 propriedades que vão ser modelo. Inclusive eu vou até e quando a gente vai fazer reunião nessas propriedades em união com os técnicos do Sebrae, pelo menos ficou acordado que vai ser convidado todos vizinhos daquela região para ir lá ver como é que está o trabalho, o que é recomendado. Então são propriedades que vão servir de modelo para região. (Presidente da Vallecoop)

A decisão de como, para quem e onde serão ministrados os cursos de capacitações é definido pela Cooperativa, e pelo que se vê beneficia apenas aqueles que produzem mais leite, que tem condições financeiras de investir na produção e ainda que seja alçado à condição de “modelo para região”. O pequeno produtor de leite pode ser que seja convidado para assistir as tais capacitações, mas de fato não o é.

Em outro trecho da entrevista com Presidente da Vallecoop, foi informado que a cooperativa retém o valor de R\$ 0,10 (dez centavos) por litro de leite repassado pelo laticínio como taxa administrativa, além de constar em seu Estatuto Social (TOCANTINS, p. 19), no Art. 61º, parágrafo 1º “As sobras líquidas do exercício social serão distribuídos obrigatoriamente entre os Fundos Sociais: [...] a- 10% (dez por cento) Fundo de Reserva; b- 5% (cinco por cento) ao Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social”.

A gente trabalha muito claramente, negocia com os laticínios e depois repassa. Na verdade os pagamento do laticínio e a gente faz a retenção da taxa administrativa, porque justamente a gente trabalha para essa assistência. [...] As cooperativas principalmente a nossa, elas tem uma parte inclusive que é retido, quando há as assembleia que apresenta o resultado positivo, quando sobra, inclusive uma parte desta sobra é destinado para a educação. [...] É obrigação da cooperativa né! Pensar muito no meio social. (Presidente da Vallecoop)

⁹²Grifo nosso.

Neste sentido, deveria ser de interesse da cooperativa que todos os pequenos produtores de leite pudessem ter melhores condições para intensificar sua produção, já que essas taxas e fundos podem ser destinadas para “[...] reparar as perdas eventuais da Cooperativa e, atender ao desenvolvimento de suas atividades [...]” (TOCANTINS, p. 20). Existem verbas destinadas para promover “[...] Assistência Técnica, Educacional e Social [...]”, no entanto, poderia colocar em prática efetivamente tais intenções para que a cooperativa proporcionasse os serviços adequados de assistir, estar presente, educar e ajudar, principalmente os pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

Enquanto ao discurso da cooperativa é de assistencialismo, temos relatos da Sra. Jussara⁹³ que há nove anos mora no Assentamento Santa Marta, remanejada do município de Babaçulândia – TO, devido suas terras terem sido impactadas pela construção da Usina Hidrelétrica do Estreito (UHE), esposa de um produtor de leite e cooperado à Vallecoop, afirma que “A cooperativa não dá assistência nenhuma não. É só entregar o leite e pronto. Paga mensal”. Na sua fala, afirma que nunca ocorreu nenhum tipo de assistência durante o período em que estão alocados no Assentamento Santa Marta, corroborado por todos os outros assentados. A cooperativa também não cumpre com os objetivos sociais constante no Art. 5º do seu Estatuto, conforme a seguir:

[...] d) incentivar a melhoria e o aprimoramento na fase de produção, através de ensinamentos práticos e assistência técnica; [...] h) efetuar convênios com entidades públicas ou privadas, objetivando ministrar aos seus associados ensinamentos práticos de custo operacional e defesa da produção; i) promover, por todos os meios aconselháveis, o progresso moral e material nas áreas de produção, [...] redução de fretes, amenização e melhoramento das condições da vida rural; [...] (TOCANTINS, 2013, p. 2)

Em entrevista com o produtor do município de Babaçulândia - TO, Sr. Antonio⁹⁴, associado também à Vallecoop e que atualmente produz 200 litros de leite por dia com 12 vacas em lactação em 6 alqueires com piquetes irrigados, também afirma que precisou de assistência e que a cooperativa afirmava estar “disponível”, no entanto não foi atendido.

⁹³ Entrevista concedida pelo Sr. Joca e Jussara, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivos Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

⁹⁴ Entrevista concedida pelo Sr. Antonio. **Entrevista**. [Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivos Software Smart Recorder 144,7 MB (1 h, 19 min e 1 seg.).

O veterinário nunca estava à disposição, para dar assistência para gente muito mais em conta do que seria o particular. Os preços dos medicamentos e dos insumos muitas vezes eram até mais caro do que na loja convencional. Então não havia assim um cooperativismo assim para você podia chegar e dizer que vale a pena ser associado. Não tinha isso não! (Sr. Antonio)

O Sr. Antonio é diferenciado em relação aos demais produtores de leite desta pesquisa. Suas terras possui aproximadamente 21 alqueires e após presenciar uma palestra sobre o Programa Balde Cheio, da Embrapa em parceria com SEBRAE decidiu seguir o projeto de produção de leite, como afirma:

Me chamou atenção aquilo, a questão de intensificação de pastagens de um espaço pequeno. Justamente o que eu precisava ouvir para seguir. Aí eu entrei no ramo leiteiro nesta situação. Não precisei financiar nada para comprar a propriedade. A propriedade foi com custo próprio e o que eu financiei foi à aquisição dos animais e a estrutura de irrigação. (Sr. Antonio)

Nesta fala, mostra claramente a diferença existente entre ele e os demais produtores de leite desta pesquisa, pois está na atividade há dois anos, comprou a propriedade com recursos próprios, adquiriu empréstimos através de “linha de crédito rural num banco cooperativado da área da saúde” para investir em animais e irrigação de pastagens, tendo a intenção de intensificar sua produção de leite para atingir a meta de 1000 litros por dia, além de contratar serviços técnicos agropecuários particulares, ou seja, está inserido completamente na lógica econômica capitalista de produção e quando busca economizar na contratação de um médico veterinário “mais em conta que o particular” deixa claro que suas condições econômicas são bem diferentes dos outros que jamais poderiam contratar um serviço particular, mas que ainda assim, também reivindica mais eficiência na parceria com a cooperativa.

A cooperativa preconiza manter um relacionamento com os produtores associados para oferecer melhores preços de insumos e assistência necessária para produção agropecuária tendo o caráter de prestar serviço e organizando o trabalho dos cooperados, que além de associados também são clientes, enfatizada na fala do Presidente.

Hoje, por exemplo, o leite a gente já tem trabalhado há uns cinco anos nesta área do leite e nós organizamos a cadeia na região e estamos organizando cada dia mais. E hoje é exemplo até para o pessoal do gado de corte que também estão inclusive pedindo que a gente ajudar a

organizar também essa área. Por quê? Porque eles enxergaram que o leite nós melhoramos muito.⁹⁵

Existem alguns critérios para o produtor se tornar um associado da cooperativa, estabelecidos no Estatuto Social da Vallecoop, no qual o produtor “[...] ao ser admitido deverá subscrever uma quota-parte, no valor total de R\$ 150,00 (Cento e Cinquenta Reais) [...]” (TOCANTINS, 2013, p. 4). Esta cota-parte é a subdivisão do Capital Social da Cooperativa, ou seja, é o recurso financeiro da empresa utilizado para contratar pessoas que trabalham na administração, manutenção, compra de acessórios e equipamentos e o que for necessário para ao desenvolvimento do negócio.

Segundo o Presidente⁹⁶, além desta taxa de admissão anual argumenta que existem outros critérios relacionados à participação do cooperado, mas para isso, a cooperativa deve promover o conhecimento do Estatuto Social a todos os cooperados, pois nele são estabelecidas todas as atribuições, direitos e deveres das partes envolvidas no processo de cooperativismo.

O critério para ser cooperado da Vallecoop, o primeiro é que ele tem que ser produtor rural, exigimos os documentos pessoais, documento de inscrição estadual que ele tem que comprovando que é produtor, comprovante de endereço e uma taxa de 150 reais que é uma taxa de admissão. É só isso que exigimos do produtor e que seja produtor. A taxa é anual. E o que se exige, além disso, é que esse cooperado trabalhe com sua cooperativa né. Compra, venda, pode haver negociação dos seus produtos e também fazer as compras na própria cooperativa, porque a cooperativa também está aí para atender o cooperado.⁹⁷

Na fala, “que o cooperado trabalhe com a sua cooperativa”, demonstra que quanto mais leite produzido pelos cooperados mais leite será entregue ao laticínio, e, conseqüentemente, mais o valor de R\$ 0,10 (dez centavos) por litro retido pela cooperativa se multiplicará. Quanto à exigência de que o cooperado deve “fazer compras” na cooperativa deixa claro um interesse econômico. Não sendo possível mensurar se nesta “negociação” existe algum lucro para a cooperativa na venda de insumos, pois informam que repassam a preço de custo, embora um dos pequenos produtores tenha afirmado que, às vezes, “comprar nas lojas particulares sai até

⁹⁵Entrevista concedida pelo Presidente do Conselho de Administração da Vallecoop. **Entrevista**. [Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 59,2 MB (32 min e 8 seg.).

⁹⁶Entrevista concedida pelo Presidente do Conselho de Administração da Vallecoop. **Entrevista**. [Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 59,2 MB (32 min e 8 seg.).

⁹⁷Id, 2017.

mais barato que na lojinha da cooperativa”. Os demais não mencionaram a possibilidade de comprar insumos da cooperativa em nenhum momento.

Olha, nós temos um trabalho no município de Piraquê há já um certo tempo. E os primeiros que aderiram, hoje nós temos exemplo de família que está vivendo só do leite, inclusive com a renda razoavelmente boa. Hoje nós temos um dos nossos produtores modelo no município de Piraquê, a produtora que está no nome da esposa. Que a gente, neste trabalho nosso de cooperativa a gente valoriza muito a família. [...] É a única renda da família e vivendo bem. Porque está produzindo um pouquinho mais e a gente quando já começou a trabalhar a renda era pequena, mas hoje está uma renda razoável. Hoje eles recebem aproximadamente 6, 5 salários mínimos mensal. [...] Inclusive recentemente tivemos uma reunião com o Sebrae lá e eles até declararam que a renda familiar, que a família está vivendo é uma família média, tá vivendo só do leite e vivendo razoavelmente bem. Inclusive esta propriedade vai ser uma propriedade modelo naquele município. [...] Mas ele se dedicou e aderiram desde o começo. Dedicaram e a gente já investiu bastante lá um bocado de capacitação desta família. (Presidente da Vallecoop)

Neste trecho, relata o exemplo da propriedade “modelo” em intensificação e produção de leite, é visível que houve preferência da cooperativa com este produtor “modelo” propositalmente, pois se beneficiou da cooperativa que “investiu bastante lá um bocado de capacitação desta família”, revelando mais uma vez que tais capacitações e assistências não são para qualquer produtor, mas sim destinadas para alguns. Não fica evidente quais são os critérios utilizados para seleção do produtor que receberá tais capacitações, pois deveriam ser de fácil acesso para todos os pequenos produtores de leite, principalmente aqueles que vivem em situação precária, do ponto de vista econômico, já mencionada nesta pesquisa nos capítulos anteriores.

Nos trechos a seguir, o Presidente da Vallecoop tenta justificar este fato, atribuindo “falta” de interesse dos pequenos produtores de leite, foco desta pesquisa.

Então, eu acho que isso é muita falta de adesão, falta dessa parte de trabalhar mais a parceria cativa e a pessoa investir mais no leite. Porque hoje o leite, principalmente para a agricultura familiar é muito interessante e se a família investir em cima eles podem realmente viver dali. [...] Então o que falta neles é exatamente eles ter mais aquela vontade de crescer, de melhorar, aproveitar este nosso trabalho que nós temos de assistência técnica naquele município. Participar mais dos cursos e treinamentos. [...] Eu acho que o primeiro investimento é a pessoa querer fazer né! Querer dedicar àquela atividade e ter boa vontade. Quer dizer, a partir daí, começa a participação dos cursos e treinamentos e se dedica. [...] Às vezes está faltando do produtor se chegar mais a cooperativa. Nós podemos orientar e nós estamos aí para isto né! É uma das coisas da cooperativa que nós estamos tentando fazer. (Presidente da Vallecoop)

A problematização apresentada aqui deixa claro que não está “faltando o produtor se aproximar mais à cooperativa”, justamente o contrário. Acredita-se que não é falta de dedicação ou interesse, ou mesmo falta de vontade de crescer, de melhorar suas condições de vida e intensificar a produção, mas sim a ausência de outra renda que possam tirar uma parte para investir e, com isso, acaba se submetendo a situação com a cooperativa na qual esta não “se achega” ao produtor e funcionando, quase que apenas como uma mera intermediária entre o produtor e a indústria de laticínios. Ao narrar sobre as dificuldades do cotidiano o Sr. Joca deixa claro, ao afirmar que às vezes deixa de ir para algum lugar por “causa do leite”, a impossibilidade de se deslocar para qualquer tipo de capacitação. Devemos recordar ainda que nem mesmo os “anúncios” de tais capacitações chegam até eles.

A gente for assuntar. Falar a verdade é preciso. Eu que sei da luta e a gente trabalha, porque a gente precisa, mas é pouco. Porque o feliz que eu sei não muito pouquinho não. E quem for à pessoa que não tiver coragem não vai também não. Todo dia você entrar naquilo. Porque aqui é todo dia. Que o leite, no dia que você não tira você não ganha. No dia que deixar de tirar já perdeu. A gente tem vez que deixa de ir para algum lugar por causa do leite. (Sr. Joca)

A “se achegar à cooperativa” é uma tarefa complicada para estes sujeitos, visto que poucos se ausentam do assentamento. Nos relatos, observa-se que quando se ausentam é por um motivo específico, no caso cuidar da saúde ou ir ao supermercado. Também existe a dificuldade de locomoção, já que a sede da cooperativa fica no município de Araguaína - TO. Ainda, vale ressaltar que a Associação dos Moradores do assentamento poderia ser o meio de comunicação e acesso entre os cooperados do Assentamento Santa Marta e a cooperativa, e se tivesse maior atuação poderia levar a demanda de necessidades e assistência dos cooperados. Para este acolhimento, o que falta mesmo é a cooperativa se achegar mais aos pequenos produtores de leite, através de visitas periódicas e frequentes, divulgando a realização dos cursos, orientando de perto sobre a melhor forma do manejo com o gado leiteiro. O único contato que a cooperativa faz junto aos produtores de leite ocorre uma vez por mês, conforme fala a seguir:

[...] um dos nossos colaboradores está no campo indo buscar e conferindo todo esse controle e ainda todos os nossos cooperados são visitados agora, neste período final de mês para pegar todos os dados, para finalizar pra justamente conferir com o laticínio para não haver divergência. E esta pessoa que está colhendo esses dados ele inclusive é o que dá assistência nos tanque. Se tiver algum probleminha ele já conserta, já arruma. (Presidente da Vallecoop)

Neste sentido, o contato existente entre cooperativa e cooperados se dá na conferência dos demonstrativos de coletas de leite e a “assistência”, apenas diz respeito à manutenção do tanque de resfriamento do leite. Este fato não proporciona envolvimento nem interação suficiente de ambas às partes para que possa dar oportunidade de aconchego aos produtores, já que diariamente o leite é coletado pelo laticínio.

O Presidente da Vallecoop informou que nos últimos anos tem ocorrido uma grande adesão de novos associados à cooperativa.

Olha! Hoje nós temos muitos, mas estão entrando muitos novos cooperados que ainda não foram registrados, mas aproximadamente 600 cooperados. São 110 cooperados na área de leite e que entregam o leite para Vallecoop.⁹⁸

Para o Sr. Antonio, “não fazia diferença nenhuma ser associado ou não. O ser associado, quando você participa de uma cooperativa, você espera o cooperativismo. E não havia pô, este cooperativismo.” Este período ele refere-se à antiga gestão da presidência da Vallecoop e relata que muitas mudanças estão ocorrendo com a nova gestão.

A gestão da Vallecoop hoje, as pessoas que estão de frente lá mexem diretamente. Eu acho que agora, assim, o olhar está mais para a gente, entendeu? Eu acho, pô, que vai melhorar. Incentivou até alguns que haviam saído do ramo para voltarem. Ouvi isso lá. [...] Eles trouxeram para cá a representação de uma marca boa de ordenhadeira mecânica. Eles vão dar assistência. Então, quer dizer, algo já mudou! E aí eu estou mais animado. (Sr. Antonio)

Já alertamos o quanto esse produtor é diferente em relação aos demais. Nesse trecho, percebe-se que o quê o mesmo entende como uma melhoria nas relações com a cooperativa vincula-se a assistência técnica referente às ordenhadeiras mecânicas, um equipamento que nenhum dos assentados poderiam custear. o fato da cooperativa se tornar representante de uma marca de ordenhadeira mecânica, e promover assistência técnica a esse equipamento o faz acreditar na possibilidade de atingir suas metas de ampliação da produção comprando o equipamento com desconto ou a preço de custo, pois acredita que para produzir mais leite precisa realizar mais investimentos também.

⁹⁸Entrevista concedida pelo Presidente do Conselho de Administração da Vallecoop. **Entrevista**. [Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 59,2 MB (32 min e 8 seg.).

A cooperativa, ela vai te empurrar para você aumentar sua produtividade e se não for aumentar, então você vai ter que ter o mínimo de leite para compensar para eles da cooperativa irem lá buscar. Só ai já te vincula já. (Sr. Antonio)

Por estar vinculado à cooperativa e a lógica econômica capitalista de produção, o Sr. Antonio se preocupa sempre em aumentar a quantidade de leite produzido e enfatiza em outras falas as estratégias que utiliza para tal.

Hoje eu sou um pequeno produtor de leite, pelo volume de leite que eu tenho lá e por estar no início de bovinocultura, porque dois anos é pouco tempo. Até porque o grande “X” da questão é você formar um rebanho de qualidade com poucos animais e alta produtividade. Mas para chegar a isso é preciso de genética, investimento, manejo adequado, uma série de coisa. Investimento tanto financeiro quanto pessoal, trabalhar com mão de obra, treinamento do funcionário. Eu piquetiei mesmo onde não é irrigado e é toda dividida e fiz investimento nisso. Com dinheiro do bolso e ainda estou tirando. Eu estou dividindo ela já pensando nesta ampliação. A minha bomba de irrigação é de 7,5 cavalo. Eu posso ampliar mais um hectare irrigado. Mas economicamente agora não dá pra mim. E por que, que eu estou fazendo? Organizando aos pouquinhos com o dinheiro do meu bolso e estou piquetiando para ampliar a produção sem ter que colocar mais dinheiro na irrigação. Entendeu! Porque é um imobilizado que ia me travar na parte financeira. (Sr. Antonio)

Verifica-se as diferenças socioeconômicas existentes entre o Sr. Antonio e os demais pequenos produtores de leite. Por enquanto, o Sr. Antonio é pequeno produtor se considerar a quantidade de leite diário produzido, mas todos os outros aspectos relacionados à produção, ao manejo do gado leiteiro, ao cuidado com a terra, à escolha e ao cultivo do capim adequado são totalmente diferentes dos pequenos produtores do Assentamento Santa Marta. Tudo isso se deve aos investimentos realizados pelo Sr. Antonio de recursos financeiros advindos de “dinheiro do próprio bolso”, do mercado imobiliário urbano, anteriormente mencionado não dos lucros relacionados à venda do leite, pois em outros relatos, afirma que “E aí se não tiver gestão não vai sobrar dinheiro não, porque o leite é assim. O leite é margem de lucro apertada.”

Percebe-se ainda que mesmo sem formação rural tradicional, ele decidiu produzir leite como mais uma fonte de investimento financeiro dos seus recursos e intensificar a produção pensando em lucros. Em sua visão, exigem outros investimentos que são gerenciados e estrategicamente calculados mediante sua viabilidade econômica.

O Sr. Joca⁹⁹ fala sobre esta questão de se ter recursos para investir na produtividade do negócio.

Rapaz, para fazer o negócio desse tem que ter um dinheiro bom. Eu falo isso direto. Quem não tiver, não faz não! É o que eu falo pros companheiro, só ganho dinheiro quem tem dinheiro para investir, quem não tem dinheiro não ganha dinheiro. Que não investe que não tem. Então, como é que ganha dinheiro? (Sr. Joca)

Ou seja, só consegue produzir mais que tem condições financeiras para tal. No caso do Sr. Antonio, ele não vive da renda do leite, porque desde o início começou a morar no município de Araguaína sempre esteve à frente de algum empreendimento e sua renda de sustentação advém da especulação imobiliária, conforme fala a seguir:

Antes da loja de 10 reais eu comecei a fazer umas coisinhas para alugar e tal. Isso é o que me sustenta. Eu não vivo do leite não. Para o pequeno produtor lá, pro cara for viver do leite, ele tem essa vantagem da família estar trabalhando lá, mas tem que fazer a coisa certa. Aí dá pra viver do leite. Hoje lá na minha [produção de leite]¹⁰⁰ está sobrando 0,45 centavos por litro de leite. Meu funcionário ganha 1200 reais. [...] Só o gado [de corte] mesmo. Eu tenho uma criação de galinha caipira e de porco, mas é para consumo pro funcionário, para mim. (Sr. Antonio)

A partir desse relato o Sr. Antonio afirma: “fazer a coisa certa. Aí da pra viver do leite” segundo a fala do Sr. Antonio investir em piquetes, irrigação, genética dos animais, dentre outras ações, e isso é tudo o que não é possível para os outros pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta.

No meu caso lá, eu estou iniciando com outra coisa lá que está sendo muito legal. Eu estou fazendo uma fertirrigação. Eu coloquei uma caixa d’água acoplada com a minha irrigação e na hora que liga a bomba eu raciono o registro e ela puxa o nitrogênio e joga junto com a água. Aí eu economizo na mão de obra. Pois eu teria que pagar para o cara ir lá com a bombinha. Então quer dizer o tipo de manejo, principalmente no pasto e sanitário também, pô. Faz grande diferença. (Sr. Antonio)

Outra argumentação que se pode destacar nas falas do Sr. Antonio é referente à vantagem que o pequeno produtor tem de ser agricultor familiar, pelo fato de não precisarem contratar nenhum funcionário e a mão de obra (família) estar disponível a qualquer hora e, ainda, segundo ele trata-se de uma profissão marcada para um destino de ser sempre vaqueiro.

⁹⁹Entrevista concedida pelo Sr. Joca, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

¹⁰⁰Grifo nosso.

Esse produtor aí, que mora lá ele fez a opção, ele tem uma vantagem em relação a mim. Eles teriam que fazer retirada pró-labore e dividir tudo para os membros da família, não vão ter custo trabalhista e a mão de obra não vai falhar, ela tá lá. Eles tem essa vantagem em relação a mim.[...] Porque não é fácil a mão de obra para leite é estigmatizado, o cara vai morrer de tirar leite lá. Mas não! (Sr. Antonio)

Um fato importante para ser lembrado é que os pequenos produtores de leite entrevistados do Assentamento Santa Marta, embora tenham vivências com trabalho rural, não possuíam experiência com gado de leite e tiveram que aprender a realizar a ordenha das vacas e o manejo em geral. Levando em consideração que, apesar de não precisarem custear mão de obra, como argumenta o Sr. Antônio, suas famílias são mais numerosas e portando, mais dispendiosas. Nesse sentido o Sr. Antônio assume o discurso da Cooperativa. Sem deixar de mencionar que poucos tinham experiência com o manejo da produção leiteira e mesmo que tivessem, seria do tipo tradicional, ou seja, não adequada para o que preconiza a cooperativa terem uma tradição rural. No caso do Sr. Joca, ele aprendeu e frequentemente é solicitado pelos vizinhos para ajudar e ensinar, fortalecendo os laços e identidade comunitária, presente também em outros depoimentos mencionados nos capítulos anteriores. Ou aprende a trabalhar com a nova atividade ou vai viver de quê?

Eu já tinha uma experiência já nesse ramo. Com gado de leite não. Tive que aprender. Rapaz o cara que tem a experiência faz tudo para aprender né. Agora quem não tem é meio difícil né! [...] Neste ramo que nois mexe aqui nós tem que aprender. Não vou longe não. Num tempo desse aqui um rapaz bem aqui, botou umas vacas de leite aí eu tirava aqui em casa e aí ele me chamava para mim ir lá tirar o leite para ele. Porque ele não sabia. Se ele soubesse não vinha me ocupar né? Porque eu já saia do curral cansado de tirando leite e ainda ir lá tirar mais leite para ele lá. Aí eu falo. Tem que aprender! Né não? (Sr. Joca)

Claro que os pequenos produtores de leite como Sr. Joca possuem o desejo de intensificar a produção e quem sabe até viver bem com o trabalho, pois existe dedicação em querer aprender e aperfeiçoar a atividade.

A desvantagem deles é que eles são resistentes a mudanças. A gestão, o manejo. Eles estão pegando a forma que os avós deles, que os pais vinham, o conhecimento deles ali, que não supri. [...] Porque este produtor aí é, o mais antigo que faz outras coisa para eles plantar a necessidade da época deles era outra. Nós estamos num mundo capitalista e mesmo o cara lá da roça, ele é empurrado para comprar mais coisa. A ter internet lá na roça, a ter celular. [...] Aproveitar mais os espaços com conclusões científicas de que o gado faz a seleção do broto, ele anda mais e despende mais energia. Então, há meios de melhorar a produção nas propriedades mesmo sem irrigar. O cara fazer os piquetezinho lá, fazer o cálculo do tamanho certo da quantidade de gado que ele tem e medir quantos dias aquele gado aguenta lá com pasto de no mínimo 30 centímetros. Vê se a forrageira dele é compatível com aquela terra, para fazer análise do solo e essas coisas, pô não é caro de fazer né! Uma análise de solo é 20 reais pô!

Você tem que conhecer sua terra né! Não adianta estar ali dando muro em ponta de faca. Ah meu capim, meu capim seca! Às vezes não é aquele capim que tem que estar ali. Às vezes falta uma caminha de frango, falta um adubo ali, que sai muito em conta e que todo mundo está usando que é a ureia agrícola. Não usando ela no sol, porque ela é volátil, aplicando ela à noite, na saída do gado, tem resultado muito bom. Entendeu? (Sr. Antonio)

Ao contrário do que o Sr. Antonio pensa os pequenos produtores não são resistentes às mudanças e ao uso de tecnologias que poderiam beneficiar o aumento da produtividade do leite. Em sua fala, percebe-se que são incorporados preceitos relacionados à lógica econômica capitalista de intensificação de produção concordando com a ideia da cooperativa de que é possível produzir mais com aproveitamento máximo de um espaço reduzido e gastando pouco, porque acha que “não é caro”. Porém, na perspectiva financeira dos pequenos produtores todo e qualquer valor, por menor que seja para melhorar ou intensificar a produção exige minuciosa organização financeira, “se preparar mais” e até juntar algum dinheiro. Esta tarefa é difícil para eles, visto que não sobra nada do que ganham com a venda do leite e a prioridade de vida para eles é a alimentação.

O produtor Moacir¹⁰¹ é um dos pequenos produtores que prefere fabricar queijos com o leite produzido, do que entregar a produção no resfriador e alega ser mais por questões econômicas, como afirma: “A questão é mais econômica porque você não vai fazer o queijo. O tempo que você vai fazer o queijo você já tá fazendo outro serviço. Pra fazer o queijo, é igual eu falei pra você, se tem e vai ter outra renda e a ração”, visto que ao vender o queijo o retorno financeiro do investimento da produção de leite é mais rápido do que ter de esperar o mês inteiro para receber o repasse da cooperativa. Percebe-se que no momento, busca estratégias para rejeitar a associação com a cooperativa, já que para ter uma renda financeira, como já mencionada no capítulo anterior, faz fretes com um caminhão, vende porcos, galinhas, ovos, mandioca, farinha de mandioca e feijão, tentando extrair da terra o que for possível para sobreviver. Contudo, ainda reflete que se fosse fazer valer a pena entregar o leite para a cooperativa “teria que se preparar mais”, ou seja, teria que transformar seu modo de vida tradicional e a forma como produz para se submeter a esta lógica econômica capitalista de produção.

¹⁰¹Entrevista concedida pelo Sr. Moacir. **Entrevista**. [Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min e 5 seg.).

Neste sentido, observa-se que para melhorar a produção de leite teria que mudar as estruturas dos seus meios de produção. Em outra fala, relata uma visita realizada nas terras de um compadre que produz até 100 litros de leite por dia.

Eu fiquei muito curioso com aquilo. E fiquei. Possivelmente se as coisas andar da maneira que a gente pensa que pode acontecer, meu desejo era fazer algo parecido com aquilo. Porque eu vi a renda é diferente. Só que ele gastou. Ah e ele fez muita coisa boa. Ele irrigou ela. Ele molha ela no pivô. Phiphiphiphi! Ele se preparou. E lá a propriedade dele tem uma água e tem uma queda, aí ele fez a água por gravidade. Aí já ajuda. Eu aqui pra mim fazer isso aí, eu tenho que fazer um poço artesiano, que eu não tenho água suficiente.¹⁰²

Diante disso, aumentar a produção de leite não se trata apenas de mudar um processo simples produtivo, seriam necessárias muitas alterações como a utilização de ordenha mecânica, construir sala de ordenha e a instalação de um poço artesiano, já que nas terras do Assentamento Santa Marta a água é insuficiente, como enfatizada na fala do Sr. Joca:

[...] Pode ter a vontade, mas não tem não. Ontem mesmo eu estava conversando com o Jânio e ele estava pensando em fazer os piquete. Porque no piquete, como eu falei pro Jânio: - É bom, mas tem que ter a água, menino! Porque se não tiver água não presta. Tem que ter os piquete tudo com água. Irriga o capim. Tendo uma renda extra a pessoa faz. Mas não tendo não faz não. Rapaz, eu até agora não tive vontade não. Se tivesse o dinheiro eu fazia. (Sr. Joca)

A única fonte de renda dos pequenos produtores do Assentamento Santa Marta vem do repasse da venda do leite para a Cooperativa. A Sra. Jussara¹⁰³ demonstra em sua fala como tenta administrar o dinheiro da família.

Se não for o leite não tem de onde tirar. No começo não foi bom não, mas agora a gente já botou as coisas tudo nos eixos. E esse dinheirinho dá para gente dividir em tudo. [...] Nem bolsa família nós não tem. Ou tira esse leite aí, ou vende um frango, uma dúzia de ovo. É isso! (Sra. Jussara)

Por mais que façam a demarcação das terras em piquetes seja algo que não depende de muitos recursos, o fator principal que leva a reflexão daqueles pequenos produtores que pensam em aumentar a produção é a insuficiência de água, pois seria necessário para irrigar o pasto. A água disponível nas terras desses pequenos produtores mal dá para o consumo próprio. E isso é enfatizado na fala a seguir quando o Sr. Joca foi indagado sobre a decisão de trabalhar com gado de leite.

¹⁰²Id, 2017.

¹⁰³Entrevista concedida pelo Sr. Joca e Jussara, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

Porque eu achei melhor né! É mais fácil. Porque outro aqui para gente mexer. Porque a água é pouca pra mexer com outras coisa. No inverno essa terra embreja muito e no verão a água é pouca. Não tem córrego perto ou que corta a propriedade. A água é de poçinho manual mesmo e as água é de represa. Aí a gente faz, porque essa terra é muito e ela segura. Você faz a represa, quando chove ela armazena e não seca. (Sr. Joca)

Nos lotes de terra do assentamento não possui água suficiente que proporcione plantio de roça que seria a alternativa para melhorar a alimentação da família, pois a seguir o Sr. Joca comenta sobre as condições precárias em que estão sujeitos a viver.

Um dia eu tava falando para o menino bem aí que é dono dessa chácara aí. Ele falando que na casa dele passa fome porque não tem outra renda não. Só tem essa renda aí. Não planta porque não tem água.
(Sr. Joca)

Em todas as propriedades é comum a criação de animais domésticos como galinhas e porcos utilizados, principalmente para incrementar a alimentação familiar. Esta também seria uma alternativa de aumentar a renda financeira da família, mas não conseguem, pois existem dificuldades de acesso ao mercado consumidor pelo fato de viverem na zona rural.

No relato a seguir do Sr. Jânio, demonstra essa pressão em ter que melhorar e mudar que vem até da Adapec (Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins).

Eu até que tive uma reunião com o presidente da Adapec em Araguaína e ele falou que daqui uns três ano, quem quiser vender leite vai ter que ter ordenha [mecânica]. Ai a gente tá trabalhando pra isso. Ela é cara. Uns 10 ou 12 mil. Assim mesmo é cara. Aí vem estrutura e tudo.¹⁰⁴

A partir desse relato, verifica-se que o Estado, através da Adapec, também reforça o discurso de intensificação da produção de leite e regularização da atividade visando atender o mercado disfarçando os interesses de desenvolvimento territorial por meio da oferta de assistência técnica.

[...] nosso caso aqui depois a gente passa a ver esta parte de assistência técnica, passa a enxergar que não é interessante para o produtor só o preço do leite, interessante é ele ter volume e escala mensal e trabalhar neste período seco e ele continua tirando quase o mesmo tanto de leite. Então a gente tem que trabalhar isso aí. Tem que ter volume e escala, não só o preço. Eu acho que falta mais dedicação daquele produtor. (Presidente da Vallecoop)

¹⁰⁴Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista.** [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min. e 12 seg.).

Fica claro nesta fala o interesse da cooperativa em intensificar a produção de leite para que tenha “volume e escala” para atender a demanda dos laticínios da região. Neste sentido, surgem indagações referentes ao valor do leite repassado do laticínio para a cooperativa, conforme afirma Oliveira (2016) a seguir.

A monopolização do território é desenvolvida pelas empresas de comercialização e/ou processamento industrial da produção agropecuária, que sem produzir no campo, controlam através de mecanismos de subordinação, camponeses e capitalistas produtores do campo. [...] Este processo gera o controle monopolístico do território (monopolistic control of the territory), ou seja, as empresas monopolizam a circulação das mercadorias sem precisarem territorializar os monopólios. Isto também, quer dizer, que se abrem possibilidades para o estabelecimento de alianças de classes entre aqueles que produzem de fato, [...] e, aqueles que fazem estas mercadorias circularem pelo mundo. (OLIVEIRA, 2016, p. 233)

No caso dos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta, esta subordinação acontece na medida em que não possuem alternativas para comercialização do leite produzido sujeitando-se a entregar para a cooperativa. Como afirma o Sr. Joca:

De qualquer jeito tem que compensar porque é o ramo que tem. O pulo que tem que ir é para lá mesmo. E a gente não tem outra renda. Tem que ser esta renda mesmo. Aqui é um seguinte. Levar todo dia não compensa porque o leite é pouco. Aí tira hoje coloca no freezer e tira amanhã. Aí dá uns 50 litros e aí o que fica aí nós faz o queijo. Tem que levar bem ali[...]. Tem que botar lá no resfriador.¹⁰⁵

Mesmo aqueles que se aventuram em produzir derivados de leite para comercialização se deparam com as dificuldades de conquistar o mercado consumidor, lidar com os concorrentes do seguimento e, ainda, deslocamento para outras cidades. A esposa do Sr. Joca, Dona Jussara que também produz queijo, comenta sobre a experiência do Sr. Moacir que consegue vender o queijo em outras cidades, pelo fato de possuir um meio de transporte para levar a mercadoria e relata sobre o processo de fabricação do queijo.

É que a mulher dele já trabalha na rua ai ele já vai e leva as coisa lá para vender. Coloca o leite no freezer, na geladeira. Aí toda quinta-feira ela já vai pra rua e já leva. Ela faz só uma viagem só. Eu faço o queijo e agora esses dia vai dar para vender. Porque nós tirava, hoje não. Tirava amanhã aí dá 50 litros, 55. Aí dá pra fazer o queijo. O tambor enche. Sete litros para fazer

¹⁰⁵Entrevista concedida pelo Sr. Joca, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

um queijo de um quilo. É muito leite e ainda tem o coalho ainda, tem o trabalho, tem o sal.¹⁰⁶

Considerando que o queijo é vendido por R\$ 10,00 (dez reais) o quilo, a alternativa de produzir queijo para tentar vender, rende cerca de R\$ 3,00 (três reais), pois se o litro de leite é entregue a R\$ 0,95 (Noventa e cinco centavos), para produzir um quilo de queijo é necessário 7 litros de leite e outros ingredientes. O valor de R\$ 3,00 (Três Reais) não pode ser considerado lucro, visto que possuem custos de produção relacionados à criação do gado leiteiro como insumos, sal mineral e remédios, além de gás de cozinha, coalho e sal utilizados para a produção dos queijos e das horas de trabalho da ordenha, do plantio de capim e da cana (utilizadas como suplemento na alimentação do gado) e à colheita da cana.

Se a gente for assuntar agora nos tamos na conversa vou falar. Se for uma pessoa que não souber fazer com o dinheiro dele não passa não. Que aqui é o seguinte, tem que tirar para nós e pros trem porque vem o mineral, vem um remédio e é tudo daí desse dinheiro. Não tem outro dinheiro não. Aí para uma pessoa que não souber fazer. Ruuummm! Bem controladinho mesmo. Tô falando! (Sr. Joca)

Cuidar exclusividade do gado leiteiro irá tomar tempo que seria destinado a estas outras atividades relacionadas à subsistência, porque viver só do leite “não dá”, frase repetida diversas vezes pelos produtores em referência ao preço repassado do litro de leite.

Meu desafio. Primeiro eu passei três anos lutando para conseguir o tanque. E hoje nós tem o tanque. O desafio é de a gente tá buscando os parceiros pra colocar o leite pra ter mais renda. Tanto para mim como pros outros. Mensal é a única renda que tenho. Eu tenho renda assim. Eu trabalho, eu planto milho, planto feijão. Só do leite não dá. Dá não. Nesta quantidade dá não.¹⁰⁷

Embora, o Sr. Jânio¹⁰⁸ tenha recebido da Vallecoop o resfriador em suas terras e afirma que “teve benefícios. Melhorou bastante por causa do conhecimento. Que a gente trabalhava diferente. Agora a gente tá mudando”, revela-se algum tipo de estratégia de barganha negociada que o convenceu que ser associado. E, poder

¹⁰⁶Entrevista concedida pelo Sr. Joca e Jussara, **Entrevista**. [Ago. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

¹⁰⁷Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

¹⁰⁸Id., 2016.

“empregar um filho no agronegócio”, outro instrumento da cooptação também associado a este benefício, a aquisição do resfriador.

Segundo informações fornecidas pelo Presidente da Vallecoop, “praticamente 90% dos laticínios baixaram o preço do leite agora em Julho e o da Vallecoop permaneceu o mesmo preço”, de R\$ 0,95 o litro de leite, conforme figura a seguir.

Figura 1 – Controle de Captação de Leite

CAPTAÇÃO 2017												
Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Produtores	97	103	101	98	104	101						
Preço	R\$0,80	R\$0,80	R\$0,80	R\$0,85	R\$0,85	R\$0,95						
Litros	253.389	215.672	219.865	183.060 + 12.294 195.354	206.991 + 12.016 219.007	220.323 +12.121 232.444						
Empresa	Biana	Biana	Biana	Biana Lat. Ouro Branco	BIANA LAT. OURO BRANCO	CREMOLAT LAT. OURO BRANCO						

Fonte: Arquivos Vallecoop, 2017.

Aqui vale lembrar que a Vallecoop retém R\$ 0,10 (dez centavos) por litro entregue pelos produtores o que gerou para a instituição, de acordo com o demonstrativo acima R\$ 133.573,10 (Cento e Trinta e Três Mil, Quinhentos e Setenta e Três Reais e Dez Centavos) no primeiro semestre do ano de 2017.

O mês de Julho é um período de estiagem de chuva, ocasionando seca e devido à redução de pastos ocorre a diminuição da produção de leite, variando assim a captação de leite em geral.

Inclusive os preços do leite que são negociado com as empresas são repassados por volume de leite e todos os produtores recebem igual por volume, que ele produza 20, 30, 40, 100, 200 é tudo um preço só. Às vezes tem pouca variação com alguns, com pouca gente que tem variação porque eles possuem um tanque próprio, dele mesmo que ele comprou e investiu. Então estes recebe as 2 ou 3 centavos a mais, mas o restante todo mundo recebe o mesmo preço. [...] Por exemplo, hoje o Sebrae tem na região nossa um custo de produção de leite que tem um estudo que está em 60 a 75 centavos e, no entanto, nosso cooperado é 95 centavos. (Presidente da Vallecoop)

Nas entrevistas, os produtores não queriam revelar exatamente o valor da renda mensal gerada pelo repasse do leite, talvez por se sentirem constrangidos. Só nas últimas entrevistas que conseguimos esta informação da D. Jussara, que disse: “Aí varia porque vai do leite que a gente entrega. Tem dia a gente entrega mais, tem dia que a gente entrega menos. Então, vai na média dá 800 e pouquinho, 840, 830. Muito trabalho pra pouco dinheiro.” O esposo dela, Sr. Joca completa a informação enfatizando ainda que se trata de um trabalho árduo, quando diz: “E tem vez que não está dando nem este dinheiro aí, não. Agora mesmo foi 500 e pouco. E é o seguinte, quem tiver pensando isso aqui dá muito trabalho. Eu estou falando porque sou eu que mexo.”

Observa-se que a renda mensal repassada pela cooperativa é inferior ao salário mínimo nacional, que atualmente é de R\$ 937,00 (Novecentos e Trinta e Sete Reais) estabelecido pela Constituição Federal de 1988, no Capítulo II, Art. 7º aos “trabalhadores urbanos e rurais”.

[...] capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, com reajustes periódicos que lhe preservem o poder aquisitivo, sendo vedada sua vinculação para qualquer fim; [...] (BRASIL, 1988)

Assim, o valor repassado para média de 35 litros de leite por dia não garante a sobrevivência dos pequenos produtores e como não conseguem plantar roça devido à escassez de água, todo o alimento necessário adquirem no supermercado.

Entrego o leite para cooperativa. O leite aqui tá meio pouco. Agora deu uma aumentadinha, mas eu tava tirando uns 30 35 por dia. [...] Problema de plantio aqui, eu falo pros companheiro ai que não mexo não, porque aqui não tem jeito de trabalhar. Se tivesse água para trabalhar no verão seria bom, mas não tem água. E no inverno breja tudo. E falar a verdade é preciso, [...], hoje os pequenos que não tiver dinheiro para mexer com o lado da cultura não dá não. [...] Aqui tudo é comprado. Aqui tem uma mandioca que eu plantei. Aqui tudo vem da rua. Tirando o ovo e a galinha tudo é comprado. (Sr. Joca)

E mesmo para o Sr. Antonio que “não vive” do leite e que para produzir bem fez muitos investimentos do “próprio bolso”, afirma que é muito pequena a margem de lucro da venda do leite, “sobrando 0,45 centavos por litro”.

Em época de seca, fica escasso [o leite] eles pagam mais. Em época de chuva aí tem abundância e eles diminuem o preço. Tinha que regulamentar mais isso. Isso falta dá um passo para o que tem que dar. Na hora do cara ganhar um dinheirinho a mais aí, pô os cara: “Não. Tá chovendo”. Na cadeia produtiva, quem ganha mais é o laticínio. Eu fui funcionário de um laticínio lá no Rio de Janeiro e [hoje] um dos sócios do laticínio é meu irmão. E eu

falei com ele e ele disse: _ Pô, boa sorte! (risos) Se tiver um cano para mandar para mim, você manda por debaixo da terra. (risos) (Sr. Antonio)

Para ele, a forma como estabelecem o preço do leite é injusto e que não cobre os custos e tão pouco a exigência no processo de qualidade que deve ter a produção e, muito menos, as despesas com o seu funcionário. Em sua concepção, na cadeia produtiva do leite quem “ganha” mesmo é o laticínio que inclusive o faz refletir na possibilidade de quando atingir sua meta de 1000 litros por dia, deixar de entregar para a cooperativa, e afirma.

A minha ideia é essa. Na hora que eu chegar nestes 1000 litros não vou vender meu leite para cooperativa não. Eu vou largar eles. Eu vou fazer o meu queijinho ali, vou pasteurizar. Vou fazer alguma coisa. Para produzir 1000 litros eu vou estar com um rebanho maravilhoso, escolhido a dedo, feito os devidos descartes durante anos. Aí vou ter que estar com umas 70 vacas em lactação. Isto é muito trabalho. Eu vou ter que ter 3 funcionários e não vai dar para eu entregar meu leite de mão beijada. Isto na minha opinião é um tiro no pé. O laticínio fica massacrando esses cara aí. Nós no caso né! O que consegue sair para médio produtor, que acho assim 500 litros de leite por dia, de médio para grande produtor de 1000 litros em diante, [...]. Na real, [...] entregar de mão beijada para o laticínio? Ele não vai fazer isso. Aí ele vai se tornar o concorrente do laticínio. É melhor os cara chegarem e falar: _ Oh teu leite tá bom, de qualidade, teu leite tá gordo, tal, vamos. A Piracanjuba já faz isso, ela paga um percentual de gordura. Isso incentiva demais o cara produzir melhor. Só que a Piracanjuba não chegou aqui ainda. Então eu vou ter que produzir alguma coisa. (Sr. Antonio)

Seus relatos revelam suas estratégias de crescimento e, como é investidor de negócios pensa em longo prazo, analisando toda a cadeia produtiva e já o imaginando como futuro concorrente dos laticínios. Talvez consiga de fato alcançar seus objetivos, pois mesmo tendo uma margem de lucro pequena na venda do leite tem consciência que se continuar entregando o leite à cooperativa estará sendo sujeito à exploração da mesma lógica de produção capitalista que ele acredita e coloca em prática.

Não é vantagem entregar direto ao laticínio. O laticínio quer é preço. A concorrência é grande para eles aqui dentro [...] Aí eles estão competindo com a Piracanjuba, Nestlé e uma série de peso pesado. Então eles não pensam no produtor, não. Na minha opinião, [...] eu acho que eles tinham que tentar enxugar em outra situação. No produtor é besteira. [...] Eles tinham que fazer uma forma de fortalecer o produtor de leite para o cara não desistir. Senão eles vão gastar com frete depois para ir longe buscar. A coisa não é fácil, não. É um desafio pô. Eu entrei e vou fazer e tal, mas eu vou correr atrás por fora aqui também. [...] Tá difícil. Não é fácil, não. No estágio que eu estou lá, a não ser que apareça uma oportunidade de vender a propriedade com tudo que eu fiz num preço compatível, eu vou ser sincero, eu venderia hoje. (Sr. Antonio)

Assim, verifica-se que o Sr. Antonio reconhece que mesmo com a margem de lucro pequena ainda é vantajoso ter a parceria com a cooperativa, também deixa claro que enquanto produtor não se sente valorizado, refletindo em todos os benefícios que implantou em sua propriedade para conseguir produzir leite de qualidade, e ainda assim, pensa em vender a propriedade se recebesse uma oferta “compatível”. Sua insatisfação em relação à cooperativa é refletida não apenas na desvalorização sentida, mas também na forma como é feita a negociação do preço do leite com o laticínio e o não reconhecimento dos seus esforços praticados, uma vez que para ele são necessárias medidas que possam fortalecer o produtor de leite para que não desista de seu negócio.

[...] porque o prazo de ir buscar o leite é três em três dias. Aí, pô, eles estavam chegando com cinco dias e muitas vezes com sete. Aí chegada lá com a raquete de célula somática e dizia. “Olha teu leite está ácido!”. Só que o leite já estava lá um tempão no resfriador. Não aguentava, não. Vocês que não vieram buscar! Aí, muitas vezes o laticínio deixava de buscar o leite. [...] Saía daqui com dó. O tanque lá com 400 litros de leite para jogar fora pô! Tanta gente passando fome. [...] Eu tinha que sair correndo lá e encher galão lá para vender o leite na rua para não estragar. Jogava no grupo whattzapp, e um jogava pro outro e não resolvia. [...] O resfriador foi a cooperativa que instalou. Só eu que abasteço o resfriador. Na minha região só tem eu que produzo leite. (Sr. Antonio)

Em Babaçulândia, na região em que o Sr. Antonio estabeleceu sua propriedade, ele é o único produtor de leite que abastece o resfriador e o laticínio não cumpria com o prazo determinado para buscar o leite. Talvez seja por isso que se considera pequeno produtor de leite pelo fato não se sentir “acolhido” pela cooperativa, sentimento igualmente enfatizado pelos pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta. Mais uma vez, observa-se que a cooperativa determina a quem será destinada a assistência e continua a indagação de como são determinados os critérios para tal seleção se mesmo o Sr. Antonio, que nesta pesquisa é considerado um produtor diferenciado não é o “escolhido”.

Ainda em seu relato, o Sr. Antonio denuncia sobre um esquema fraudulento de venda de gado leiteiro, pois há pouco tempo teve perdas em seu rebanho leiteiro agravado com o período de estiagem e, principalmente, pela baixa imunidade de suas vacas causada por problemas de sanidade animal.

Na época que eu estava com o tanque lá eu tive que desativar, porque eu tive um problema sanitário grave lá. Que eu identifiquei algumas vacas lá com tuberculose. Aí eu tive que estagnar a produção imediatamente. Me

gerou uma série de problemas. Tive que sacrificar animal. Isso aí me deu uma baqueada. Quase que eu saí fora! Mas aí, como eu estou numa assim de às vezes essa história aí de vida das várias tentativas, eu luto por conta disso. Eu luto no meu dia-a-dia para não desistir de mais nada. [...] Eu não faço parte mais do projeto Balde Cheio porque eu acho que eles me assessoraram na compra desses animais. Só que assessoraram mal. [...] foram irresponsáveis no sentido. Como eu não tinha muita experiência no ramo, eles tinham que ter sugerido uma quarentena para esses animais aqui na minha propriedade, para gente poder tomar algumas precauções. O fornecedor, eu acho que eles deviam ter ido atrás se era gente que mexia com genética e não era. Eram atravessadores. E a grande probabilidade de convivência do veterinário deles terem esquentado a documentação para me mandar esses animais acometidos. Porque eu não tinha animal nenhum ali que tinha histórico na região de animal com tuberculose. Então, a grande possibilidade de vindo doente para minhas terras. (Sr. Antonio)

Este fato relatado pelo Sr. Antonio é grave e transparece que ser assessorado por programas ou técnicos especializados não garante idoneidade e qualidade nos processos de compra do gado leiteiro.

Eu achei uma covardia muito grande e a forma assim, aí eu entrei em contato com esse fornecedor de Bela vista. E para você vê que a coisa é de maldade mesmo. O cara já mandou “_ Se quiser entra na justiça” Pô não é assim. O cara de boa índole, pô, vai dizer: _ Vou te ajudar como? Vou te ressarcir. Vou mandar de novo o reagente pra gente rever o teste. Porque é uma coisa séria, pô é gado de elite. É 5 mil reais uma vaca dessa. Entendeu? A raça das vacas é Girolanda. $\frac{3}{4}$, $\frac{5}{8}$ são vacas lindas, de ótima. Chegaram muito bem aí, mas aí chegou à seca e elas sentiram. Abaixou a imunidade e aí as que estavam acometidas começou a manifestar os sintomas e tal. [...] um amigo lá identificou e me deu as orientações e me ajudou também a ir atrás para saber quem eram as pessoas. Ele disse: _ Não mexe, não que é até perigoso. Isso gera um ciclo absurdo gente né! Imagina eu tenho lá na minha chácara lá 50 novinhas de capital de giro, que é uma reserva. Eu não mexo com gado de corte, só assim precisou de alguma coisa de urgência, uma máquina quebrou se pega e vende uma lá e resolve. Aí pô, se imagina além das vacas virem acometidas com tuberculose, passar para o meu rebanho de corte. Funcionário doente, a família do funcionário. E eu fui atrás se tinha aí alguma jurisprudência em relação a esse tipo de coisa, tal. Aí nós identificamos que no Brasil tem 6 mil processos desse tipo aí e nenhuma causa ganha. (Sr. Antonio)

Se tudo isso ocorreu com Sr. Antonio que é um produtor atento ao gerenciamento e análise de seu negócio e das estratégias de investimentos dos seus recursos, imagine-se a que situações estão sujeitos os pequenos produtores do Assentamento Santa Marta, na zona rural do município de Piraquê – TO, que não podem ao menos escolher seu gado na hora da compra, pois como já foi abordado nesta pesquisa, no financiamento adquirido por crédito rural o dinheiro é creditado direto na conta do fornecedor do gado.

Porque esses empréstimo aí você faz, mas aí não dá dinheiro para gente. Porque no caso vem para comprar tantas vacas. Já vem os preços

determinado. Aí você vai e compra o gado da pessoa. Aí passa o GTA pro banco e aquele dinheiro já cai na conta do cara do dono do gado. Então você não vê nem a cor. [...] Porque só compra o que o banco determinar. [...] Porque eu penso assim, não sou eu que vou pagar o dinheiro? Você está entendendo do que eu estou falando? Acho que podiam vir o dinheiro para fazer o que eu quisesse. Comprar em qualquer lugar. Não era, não? Podia até encontrar mais barato que esse valor do gado porque foi muito caro mulher, no banco. Muito caro! Naquele tempo as vacas vieram com preço era de 1800 cada uma vaca. Nós fizemos empréstimo e começamo a pagar. [...] Com certeza a negociação o preço da vaca se a gente negociasse não era esse preço. Certeza que não era não. Naquele tempo não era não. (Sr. Joca)

Assim, a subordinação e a falta de autonomia são reveladas nas falas do Sr. Joca, sujeitando-se a comprar exatamente o que foi estabelecido pelo banco credor do empréstimo. Em outro trecho da entrevista, o Sr. Joca relata que precisou apresentar um projeto ao banco demonstrando a que seria destinado o financiamento.

E esse meu aqui foi pior ainda a coisa, porque quando o projeto foi para fazer uma represa, fazer uma cerca e comprar umas vacas. 9 vacas. Aí eu tinha pegado um dinheiro de umas novilha que eu tinha aqui minha mesmo e dividido e feito a cerca. Nós tava precisando da cerca. Quando o menino que trabalha na Ruraltins veio aqui ver a cerca me enganou dizendo que a cerca passava. Fui lá com ele. E quando foi na hora foi a pior coisa que eles não queriam mais nem soltar esse dinheiro do gado. Porque eu já tinha feito a cerca. Esse dinheiro da cerca eu peguei foi 4 mil e 600. E esse dinheiro quando eu peguei da cerca eu comprei umas novilha para repor as minhas que eu tinha gastado. Ah foi pior. O fiscal do banco veio aqui foi três vezes para poder liberar esse dinheiro do gado. Dizendo que eu tinha feito a cerca. Mas foi confusão menino! (Sr. Joca)

A burocracia existente na liberação do dinheiro em caso de financiamento ao pequeno produtor, a intensa fiscalização e constrangimentos são revelados nas falas do Sr. Joca que acha inconcebível a forma como foi tratado, pois para ele “não sou eu que vou pagar o dinheiro?”, poderia fazer o que quisesse, todavia observa-se que se trata de mais uma forma de controle do Estado e da lógica econômica capitalista.

Ao longo do tempo, muitas alterações são sentidas pelos pequenos produtores de leite que dizem respeito ao modo de vida tradicional, principalmente após a reterritorialização no município de Piraquê, visto que em sua maioria vieram de Babaçulândia – TO, porque foram impactados com a construção da Usina Hidrelétrica do Estreito (UHE).

Uma das principais alterações sentidas diz respeito à escassez de água nas terras do Assentamento Santa Marta, como já foi mencionado anteriormente, são muitos desafios enfrentados pelos pequenos produtores, pois em Babaçulândia tinham acesso ao Rio Tocantins na “porta de casa”, como afirma o Sr. Joca:

Lá na chácara eu tinha 700 metros de água do lado do rio e tinha um ribeirão que todo do outro lado e tinha mais uma nascente assim bem pertinho de casa. Rico de água lá. Lá era tudo da roça. Comprava uma coisinha pouca como a carne, sabão, tempero essas coisas. Vinha tudo da roça. Farinha, milho, feijão, arroz. Negócio de fartura não tinha lugar melhor de trabalhar não. Mudou muito aqui. (Sr. Joca)

A abundância de água e alimentos existentes no lugar em que viviam proporcionava qualidade de vida para estes sujeitos, pois a água é o único recurso natural que está relacionado com vários aspectos da sobrevivência humana, essencial para o desenvolvimento agrícola e elemento simbólico da sociedade nos valores culturais, sociais e religiosos. Todo ser vivo depende de água para viver.

Mas não tem o rio aquela água que a gente tinha e do ribeirão que passava. Era muito bom. Era fartura de água mesmo. Era bom para plantar. A gente não pegava água do rio e nem desse córrego para beber não. Tinha uma cacimba. Mas pense numa água boa! Pra plantar era bom demais! Assim que eu cheguei aqui. Ave Maria! Eu não podia ver um ventinho do mês de maio que batia uma saudade. Agora não, acostumei! (Sra. Jussara)

A Sra. Jussara, esposa do Sr. Joca, expressa em sua fala a importância que este lugar de abundâncias representava para eles, na frase “pense numa água boa” não se refere apenas ao sabor, mas ao prazer de matar a sede, de preparar os alimentos com uma água limpa, de oferecer água à sua família e aos animais domésticos, enfim, memórias de um lugar e condições de vida que não são mais vivenciadas por eles. E na frase: “Eu não podia ver um ventinho do mês de maio que batia uma saudade”, provavelmente recorda as muitas experiências vividas no lugar em que viveu por mais de trinta anos.

O meio ambiente [...] pode agradar aos olhos, mas frequentemente carece da personalidade estimulante que pode ser proporcionada pelos odores variáveis e agradáveis. Eles imprimem caráter aos objetos e lugares, tornando-os distintos, fáceis de identificar e lembrar. Os odores são importantes para os seres humanos. (TUAN, 1983, p. 13)

Os sabores, odores e sensações são importantes ao ser humano e os fazem lembrar e recordar das experiências vividas naquele lugar.

Lá eu achava muito bom mesmo. Eu sinto saudade assim nuns ponto eu sinto. Porque eu nasci e me criei lá e gostava do lugar. Nasci lá. Gostava demais de lá e achava bom demais. Lá tinha a natureza, o rio. Achava bom demais. Só depois que tá o lago para mim eu vou lá e não gosto mais né. Que acabou tudo que a gente achava bom. A gente vê tudo debaixo d'água onde a gente labutava. Só água e aquele sequeiro veio. Tudo seco. (Sr. Joca)

Sr. Joca também viveu a vida toda em Babaçulândia – TO, e a importância atribuída à água na vida deste casal foi aspecto determinante para a escolha do novo lugar no Assentamento Santa Marta e percebe-se que se fosse para escolher entre ficar ou sair de Babaçulândia a preferência seria permanecer naquele lugar que construiu sua família e história de vida.

Para Tuan (1983, p. 4), “Os lugares são centros aos quais atribui-se valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. Hoje, ao retornar ao seu lugar de origem lamenta o fato de ver tudo destruído “debaixo d’água onde a gente labutava”. Parafraseando Woortmann (1990), o trabalho também possui significado na vida deste sujeito, “a terra é o espaço da família”, então trabalho, família e espaço estão intrinsicamente ligado em um significado imensurável.

Que quando a gente foi negociar com a barragem eles perguntaram se eu queria uma terra para eles comprar ou se eu queria o dinheiro. Eu digo: _ Não. Eu quero mesmo o dinheiro que eu faço o que eu quero! Se não vai botar a gente num lugar que a gente nem se agrada. [...] Aí eu negocieei, peguei o dinheiro e vim aqui. O dono tava aqui para vender esta parte e eu comprei dele. Igual tem muitos que ficou em lugar que não tem água. Na minha opinião, [...] eu só fiz porque tinha que sair, mas não dava não. (Sr. Joca)

Sr. Joca não foi obrigado a escolher uma das terras do Assentamento Santa Marta, visto que durante a negociação para receber a indenização pode determinar o que queria fazer. Durante toda a sua vida trabalhou com roça e ao se firmar no assentamento decidiu trabalhar com gado leiteiro por perceber que nas terras havia pouca água e o espaço reduzido.

Eu aqui nuns ponto eu melhorei aqui, né! Acho melhor do que lá. Aqui é porque é mais fácil, tem estrada mais melhor, tem energia, lá não tinha. Pelejei para botar lá nunca conseguia. Lá era perto da rua, mas ficava difícil de ir. Praticamente a gente não tinha nem uma bicicleta. Aqui a gente tem a motinha, tem o gado que evoluiu. Bem melhor! Aqui é fácil de ir para rua. (Sr. Joca)

Novas experiências, novas demandas em seu processo de des-re-territorialização o fizeram reconstruir outros significados para o “que é melhor” para si e para os seus.

Com todos os desafios enfrentados no Assentamento Santa Marta, o Sr. Joca consegue administrar sua renda recebida da venda do leite e também cria gado de corte. Ao todo possui 70 animais, dos quais 35 são vacas leiteiras.

De vez em quando eu vendo a carne. Tem que vender. Quando nasce macho. Porque não dá nada não e o trem pesa. Eu tenho umas vacas branca. Eu crio os dois. Porque é o seguinte, eu falo pros companheiro aqui,

numa chácara desta daqui se você souber controlar dá de criar pouco, mas dá de fazer os dois. Que o gado branco é mais melhor de você vender o bezerro. O gado cruzado você judia o bezerro por causa do leite e fica judiado. E quando vai vender não tem valor não. Fraquinho, fraquinho mesmo. E um bezerro criado aí por conta e dá para vender bem vendido. Não vende hoje porque hoje tá acabado. O gado caiu foi tudo e não tem preço não. (Sr. Joca)

Todos os outros pequenos produtores de leite também possuem gado de corte, como já mencionado em capítulos anteriores, sendo mais uma alternativa de “reserva de valor” para cobrir despesas em momentos de necessidades e configura-se ainda uma forma de utilização e aproveitamento das terras.

[...] transformar o sítio em pasto é economicamente mais racional que nela praticar a lavoura, [...] É também pela via do gado que se adquire terra, pois o gado é uma forma de “acumulação”. O gado é ainda a principal defesa contra a seca e uma reserva de valor para qualquer situação de crise e, finalmente, ocupa posição central no sistema de herança. [...] (WOORTMANN, 1983, p. 215)

As terras do assentamento possuem 7,5 alqueires e não possibilita aos pequenos produtores ter um rebanho de gado só de corte, além da falta de água que também inviabiliza a atividade, como afirma o Sr. Joca.

Tivesse onde criar compensava que a terra devia ser maior. Aí compensava. Os pastos desta compensava. Porque você, mesmo que você não deixasse eles dá, não ficar um boi grande, mas se vendesse ele com 12 arrouba um pelo outro compensava. Mas aí não tem onde criar, então não compensa. Não tem jeito de criar. Tem de amarrar porque não tem onde botar. Um tempo desse para trás vendia o bezerro bom, mas agora que tu vê o bezerro a gente vende por 800, 700 que os cara paga. Hoje se eu for vender um bezerro que valia 1200 um tempo desse aí para trás, se achar um cara que paga bom, paga 800. Tá vendendo bem vendido. O bezerro é uns 8 meses. Não vende para esses cara recriar, para recria pra fazenda. Pra formar boi. (Sr. Joca)

Woortmann (1983, p. 214), ao pesquisar sobre a importância do gado para a reprodução financeira do pequeno produtor afirma “[...] Trata-se do gado criado “na corda”, isto é, conduzido amarrado a uma corda [...]”, devido à falta de espaço adequado para a criação de gado de corte e que para dar lucro teriam que investir e como já foi discutido anteriormente, “só ganha dinheiro quem tem dinheiro para investir”.

Para os camponeses e também para os chamados de agricultores familiares só há um lugar submisso neste projeto: integrarem-se às cadeias produtivas do agronegócio, tornarem-se empreendedores, fazendo de sua produção agropecuária um “agronegocinho”. (OLIVEIRA, 2007, p. 149)

Nos versos do Sr. Otacílio Reis, mencionados no segundo capítulo são enfatizadas estas questões: “não podemos fazer roça, como é que vai ficar”, ou seja, se intensificar a produção de capim de qualidade em sistemas rotacional de

piquetes, não sobrarão espaços suficientes para poder plantar comida, visto que é base da agricultura familiar, resta tentar empreender este “agronegocinho” e sujeitar-se a negociação com a cooperativa Vallecoop.

Convém ressaltar, que o modo de vida tradicional não apenas garante a produção de alimentos, é o que dá sustentação a reprodução cultural e material do território, sendo de primordial importância para o desenvolvimento da comunidade, desde que sejam valorizados as práticas de caráter familiar do modo de produção agrícola, os valores e a cultura desses sujeitos.

Por outro lado, a maneira de trabalhar para intensificação da produção de leite determinada pela cooperativa, tende a extinguir o trabalho tradicional, aquele que os pais ensinaram e que são rememorados nas narrativas dos pequenos produtores com apego ao passado citado nos capítulos anteriores, além de perceberem que o agronegócio não tem trabalho para todos, só veem o avanço do plantio de soja e desmatamento.

É só soja e eucalipto aí perto da fazenda do meu tio. Meus primos que moram lá hoje. Não tem mais nada lá hoje ninguém vê mais nada. Não vê um plantio de nada, não vê mais nada. E é só aumentando cada vez mais. E soja desmata tudo pra plantar. Uma terra dessa aqui, igual eu falei para um menino ali. Eu acho que ainda dá é muita coisa porque isso aqui muitos anos atrás já foi tudo desmatado, virou fazenda e tudo repisado. Para voltar tá o mesmo manejo né! E dá é muita coisa ainda a vista o que é. Eu tenho uma sobrinha ali que mexe com plantio de melância, tem ano que eles planta lá e quando começa a eramar morre tudinho. Dá tipo um negócio que elas morre todinha. (Sr. Joca)

Alguns narradores já sinalizam os impactos ambientais causados pelo avanço do agronegócio, devido à intensa degradação ambiental provocado pelo uso do agrotóxico, sentido na dificuldade em cultivar suas terras.

Hoje aqui eu tenho um bucado de amigo meu que plantava melancia. Plantava, plantava. Mas tá parando de plantar. Porque não tá dando. A melancia nasce, começa a eramar e morre tudinho. Não é seco. Eu digo que é por causa do veneno. A gente foi fazendo uma represa. Nós tem uma represa ai. Não é tão boa porque a gente não tem ajuda da prefeitura. É só pra gente mesmo. Abastecido com chuva. O ano passado tentei mexer com a horta, mas ai eu usei a água da represa. A represa começou a secar e eu fui e parei. Ai este ano eu não mexi com horta. Por causa da represa. Não aguenta. Ela seca. Porque é muito seco. (Sr. Jânio)¹⁰⁹

A seguir, é apresentado mais um repente do Sr. Otacílio, que representa em seus versos a desestruturação do modo de vida tradicional enfatizando a importância dada ao dinheiro presente na relação entre seres humanos.

¹⁰⁹Entrevista concedida pelo Sr. Jânio. **Entrevista**. [Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

Padim Ciço falava pro cearense, os caboclos
 Meu filho, plante batata até na cabeça dos toco
 Depois de dois milênio vocês vão ver o papoco
 Vai chorar quem nunca chorou
 Vai sorrir quem nunca sorriu
 Essa era já chegou
 Pois tudo isso se viu.

No saco de cereais pelo um litro de dinheiro
 Mas já reinou o Reais e sepultaram o Cruzeiro
 A situação piorou
 Teve muitos pobres que até chorou
 Neste torrão brasileiro.

Mocinha e rapazinho formam um grupo de marginais
 Fazendo falsos projetos protesta contra os seus pais
 Tão matando e roubando e muito até secretando
 Só pra pegar no Reais.

O Padim Ciço falava
 Bom tempo pra pouco tem
 Cabou o valor do dinheiro
 Só vale o medicamento (bis)

Morreu Dom Pedro I
 Ficou Dom Pedro II
 Mas todo mundo ia se ver
 Se não fosse o Lula e o PT
 Nosso Brasil ia ao fundo
 Mas eu tô dizendo os versos
 Mas não me chame de vagabundo. (Sr. Otacílio Reis)

Nestes versos, Sr. Otacílio Reis faz menção ao Padre Cícero, santo padroeiro da cidade de Juazeiro do Norte – CE, que durante sua vida teve importante participação no cenário político do sertão nordestino. Seus conselhos, vida e trajetória até hoje são lembrados com respeito e devoção por muitas pessoas do Nordeste. E na frase, “meu filho, plante batata até na cabeça dos toco”, refere-se à falta de espaços para produção de alimento, pois o que se vê é a expansão do agronegócio na produção de grãos como milho e soja, além de eucalipto, culturas que degradam o meio ambiente e causam desgastes irreversíveis ao solo inviabilizando o cultivo de alimentos, como afirma “vocês vão ver o papoco/vai chorar quem nunca chorou”, já imaginando como será o futuro se continuar desta forma, então alerta em seus versos que o mundo vai mudar e quem não se organizar, e quem não tiver suas reservas pode vir a chorar.

Já na frase “No saco de cereais pelo um litro de dinheiro”, leva a refletir sobre e a desvalorização dada ao cultivo de alimentos como feijão, arroz, trigo, dentre outros, e pela exacerbada valorização dada ao dinheiro que faz o pobre chorar no sertão brasileiro, pois muitas vezes, o agricultor pensa em cultivar grãos não apenas

para subsistência, mas também para vender e completar a renda familiar e lamenta pela desvalorização do seu produto e do seu trabalho.

Quando Sr. Otacílio Reis cita em seus versos “Mocinha e rapazinho” mais uma vez, faz refletir sobre a dimensão de valor dada ao dinheiro fazendo os jovens “protesta contra os seus pais”. Em outros tempos, os pais confiavam aos filhos, seus herdeiros das terras, dar continuidade à tradição rural, plantar e colher, cuidar do gado, vida simples, mas o que se vê é que as alterações impostas pelo capitalismo estão ameaçando esta continuidade que é motivo de desgosto dos pequenos produtores ao ver os filhos buscando empregos nas cidades maiores e até se desviando para rumos indesejados, pois não conseguem atender as necessidades de consumo dos filhos e se sentem impotentes diante desta situação.

Na última estrofe do seu verso, Sr. Otacílio Reis relembra a afirmação do Padre Cícero que poucas pessoas conseguem ter “bom tempo” referindo-se a desigualdade social e econômica existente em nosso país caracterizada pela pobreza, desemprego, desnutrição, marginalização e violência geradas, principalmente pela má distribuição de renda, no qual a maioria da população que é pobre não tem acesso à educação de qualidade, nem a serviços básicos de saúde, saneamento e transporte públicos, sujeitos a baixos salários e a injusta política fiscal, mas para ele “se não fosse o Lula e o PT/ Nosso Brasil ia ao fundo”, uma vez que foi um governo que aumentou a renda do pobre através de programas sociais e de políticas públicas para a erradicação da pobreza. Ou seja, o Sr. Otacílio Reis canta por meio de seus repentes a própria desestruturação do modo de vida tradicional rural, ficcionalizando imaginativamente sua realidade e a realidade do assentamento como uma forma de revelar tal desestruturação por um lado, e por outro dando lições de como poderia ser diferente.

Neste capítulo, procura-se problematizar que a parceria existente entre pequenos produtores de leite do Assentamento Santa Marta e a Cooperativa Vallecoop e suas exigências de intensificação da produção de leite beneficia apenas uma parte, a da cooperativa e do laticínio. Ao pequeno produtor resta continuarem se acomodando, negociando, resistindo como podem, buscando se adequar a voracidade do capitalismo e cada vez mais à falsa ilusão de status do “agronegocinho”, pois seus valores culturais e tradição estão sendo ameaçados perante aos novos sentidos e valores exigidos pelo mercado competitivo, pela

concorrência e pela padronização de qualidade do leite da lógica econômica capitalista.

CONSIDERAÇÕES

É praticamente impossível não perceber a constatação que o avanço do agronegócio tem sido devastador na sua forma de reprodução da lógica econômica capitalista no Assentamento Santa Marta, forçando os pequenos produtores a incorporar a racionalidade de produção destinada ao mercado e a geração de lucro dos que menos se envolvem no processo produtivo.

Neste sentido, pude-se observar que as dinâmicas territoriais foram construídas a partir do princípio de uma série de desdobramentos para atendimento do capital para o desenvolvimento de atividades altamente lucrativas apoiadas pelo Estado, incorporando o termo “remanejado” que trás imbricado a ideia que esses sujeitos são “objetos” que podem ser levados de um lugar para o outro sem que nenhum impacto seja percebido.

Os pequenos produtores de leite foram imersos nesta lógica de produzir mais e melhor para o atendimento das demandas do agronegócio através da relação hegemônica, ou seja, são comandados em termos econômicos e sociais gestados para produzir leite, mas não só garantindo a quantidade em litros a ser coletado e sim, à denominação de quem será capacitado para melhor incorporar os intensos conteúdos científicos e tecnológicos modernos, desqualificando os valores rurais que colabora em grande medida para a ruptura das formas de produção tradicional e familiar, fazendo com que os jovens não se sintam interessados em permanecer no meio rural.

Dessa forma, torna-se necessário o entendimento do caráter heterogêneo das relações de negociação e submissão entre os produtores de leite e a cooperativa, bem como, a precarização da agricultura familiar de subsistência que dá lugar a intensificação da produção de leite e do aprofundamento de preceitos de valorização redentor do empreendedorismo rural, o “agronegocinho”, seguindo os padrões balizados pela lógica econômica capitalista. Assim, são pressionados a “mudar” e a redefinir suas vidas e “todo processo social” ajustando seus meios de produção para atender os pressupostos do “mercado” e que ainda permitam competir e permanecerem na atividade, visto que é o único meio de renda financeira de suas vidas.

Quanto à renda financeira gerada pela produção do leite, a pesquisa demonstrou a precariedade dos pequenos produtores de leite. Em período de estiagem, que são produzidos menos leite a renda mensal chega a R\$ 400,00, valor destinado ainda para adquirir insumos e complementação da alimentação do gado. Em períodos chuvosos em que o leite é produzido em abundância (média 70 litros por dia), os produtores esperam poder lucrar com uma renda mais atrativa e satisfatória, mas justamente por haver abundância da oferta os laticínios aumentam o poder de barganha na negociação do preço do leite.

Para a cooperativa, responsável pela negociação e em garantir o escoamento da produção, afirmou que “faz de tudo” para conseguir um bom preço do leite, mas na verdade tal afirmação esconde outros interesses, ou seja, o valor retido de R\$ 0,10 (dez centavos) por cada litro de leite produzido, pois quanto mais leite for entregue ao laticínio, maior também a margem de lucro para a cooperativa. Este aspecto revelou ainda, que a iniciativa de promover cursos de capacitação para aprimoramento da produção preconizado em seu Estatuto, beneficia apenas os que produzem mais, ou seja, aqueles produtores considerados médios ou grandes que possuem condições financeiras de investir na produção ou que seja, alçado à posição de “modelo” em produtividade, o que justificou a falta de assistência técnica relatada pelos pequenos produtores.

A imposição estabelecida pela cooperativa de alteração no plano organizacional da produção para produzir mais e melhor, subjuga-se o saber tradicional como ignorante e resistente às mudanças, não considerando os aspectos culturais e a construção social que envolve o modo de vida dos pequenos produtores. No entanto, é estabelecida uma relação de conflito entre produtores e cooperativa. Por um lado, os produtores para ganhar mais precisam intensificar sua produção através de inovação tecnológica, segundo a cooperativa, e para isso, tornam-se subordinados ao capital financeiro de bancos e linhas de créditos.

Dessa forma, o resultado da relação de conflito entre cooperativa e cooperados resume-se ao processo de exploração dos pequenos produtores de leite enunciados por discursos carregados de controle, articulações, ideologias políticas, econômicas e sociais reproduzindo o comportamento adequado de ordenamento territorial, pois os produtores incorporam pressupostos mercadológicos e produtivistas, mediado por um sentimento de imobilidade devido os altos custos da

expansão almejada enfatizada na recorrente expressão consoladora “viver do leite, não dá”.

Os versos e prosas do Sr. Otacílio Reis, são lacunas existentes nesta pesquisa merecendo interpretação e tratamentos específicos devido à riqueza de detalhes existente na relação de subjetividade social, da desestruturação do modo de vida tradicional sendo sua percepção representativa referente aos demais pequenos produtores.

Outros elementos poderão ser elencados numa pesquisa futura, diz respeito a uma série de questionamentos relacionados à excessiva burocracia na liberação de recursos através da concessão de empréstimos e financiamentos contraídos pelos pequenos produtores utilizados para intensificar a produção. Para eles, tem gerado muitos constrangimentos, visto que tal liberação só é efetivada mediante projeto de investimento e fiscalização da necessidade elencada. Sem falar que o dinheiro concedido não é repassado direto ao pequeno produtor, mas sim a pessoa ou empresa que irá atender exatamente o que está elencado no projeto e, ainda, o banco que fica responsável em determinar quem serão os fornecedores de tais atendimentos. Considera-se este relato uma denúncia grave, pois o pequeno produtor não pode escolher o seu gado na hora da compra ficando sujeito a adquirir animais acometidos com doenças graves podendo ainda comprometer a sanidade animal do leite e a qualidade, como foi o caso do Sr. Antonio.

A luta pela sobrevivência está intimamente relacionada a forma de como o produtor utiliza-se da sua propriedade, de como extrai da terra, da criação de animais e da produção do leite o seu sustento financeiro. A herança rural de cada um deles foi o que fundamentou a base do processo de reterritorialização no Assentamento Santa Marta, mas também configurando na preocupação imbricada na problematização referente a possibilidade de desaparecimento do modo de vida e das formas de produção tradicional, sem contar os graves problemas que são forçados a enfrentar devido as transformações das atividades humanas e intensificação da produção, causando degradação ambiental irreversíveis que afetam a qualidade de vida desses sujeitos.

Portanto, enquanto houver a busca incessante e irrestrita de acumulação de capital, haverá a busca pela fragmentação e desestruturação de todo e qualquer empecilho a sua realização, seja ela relacionada ao uso das técnicas, seja do conhecimento incentivador de novas mediações do homem, ou mesmo da extinção

ou continuidade de um modo de vida baseada no trabalho, ou nos seus pressupostos de criação de valores que formam os elementos dão sentido ao ser social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O admirável mundo novo de Alexander Chayanov**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n32/v12n32a06.pdf>. Acesso 01/02/2017.

_____. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3ª. ed. - São Paulo: Edusp, 2007.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História, São Paulo, vol. 14: 125-136.1995. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/AMADO%20-%20O%20grande%20mentiroso.pdf. Acesso em 24/04/2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002a.

_____. **NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos**. Rio de Janeiro, 2002.

Bíblia OnLine. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/17>. Acesso 20/04/2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. – 11ª ed. - Rio de Janeiro, tradução Maria Helena, Bertrand Brasil, 2012.

_____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **A Produção da Crença: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3 ed. Porto Alegre-RS: Zouk, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Salário Mínimo. O valor do salário mínimo atual – Ano de 2017. Disponível em <http://www.salariominimo.net.br/>. Acesso 20/09/2017.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. 5ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**. Niterói: Editoria da UFF, 1997.

LITTLE, Paul E. **Espaço, memória e migração. Por um teoria de reterritorialização**. *Textos de história*. Vol. 2, nº 4, p. 5 – 25, Brasília, Editora Universidade Brasília, 1994. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5757/4764>. Acesso: 20/12/2016.

_____. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia nº. 322. Brasília: Departamento de Antropologia. 2002. Disponível em http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/PaulLittle__1.pdf . Acesso 25/12/2016.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. IN SAQUET, Marcos Aurélio. SPÓSITO, Eliseu. (Organizadores). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1ª.ed., São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Mundialização da Agricultura Brasileira**. São Paulo: Landé Editorial, 2016, 545p.

_____. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labor Edições, 2007, 184p.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos**. Narração, Interpretação e significação nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 2, 1996, p. 59-72. Disponível em <http://www.historia.uff.br/tempo/site/?p=230>. Acesso em 08/04/2017.

_____. **Ensaio de história oral/ seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago**; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago; - São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. IN SAQUET, Marcos Aurélio. SPÓSITO, Eliseu. (Organizadores). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. --1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. IN SAQUET, Marcos Aurélio. SPÓSITO, Eliseu. (Organizadores). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. --1.ed.-- São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOCANTINS, **Estatuto Social da Cooperativa de Produtores do Vale do Araguaia Ltda – Vallecoop**. Alteração estatutária aprovada na Oitava Assembleia Geral Extraordinária, realizada no dia 14 de Outubro de 2013, 22p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Dipel, 1983.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WOORTMANN, Klaas A. A. "**Com parente não se neguceia**": o campesinato como ordem moral. In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 87. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990, p. 11 – 73.

_____. **A transformação da subordinação**. Seminário Saber Camponês. In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/1981. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

NARRADORES

Antonio. **Entrevista**. [14 de Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2016. Não houve gravação desta entrevista somente sendo anotadas as informações pertinentes.

Antonio. **Entrevista**. [19 de Jul. 2017] Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo, Araguaína, 2017. 1 arquivos Software Smart Recorder 144,7 MB (1 h, 19 min e 1 seg.).

Jânio. **Entrevista**. [14 de Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 2 arquivos Software Smart Recorder 49,8 MB (27 min e 12 seg.).

Joca e Jussara, **Entrevista**. [08 de Ago. 2017] Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo, Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 82,2 MB (44 min. e 54 seg.).

Jussara. **Entrevista**. [14 de Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. Não foi permitido a gravação em áudio das falas.

Maria Etelvina. **Entrevista**. [27 de Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 77,1 MB (42 min. e 6 seg.).

Moacir. **Entrevista**. [27 de Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 69,7 MB (38 min. e 5 seg.).

Otacílio Reis. **Entrevista**. [14 de Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 26,8 MB (14 min. e 38 seg.).

Otacílio Reis. **Entrevista**. [27 de Jan. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2017. 3 arquivo Software Smart Recorder 94,3 MB (46 min e 33 seg.).

Otacílio Reis. **Entrevista**. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo, Piraquê, 08 de Agosto, 2017. Pedro. **Entrevista**. [14 de Set. 2016]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Piraquê, 2016. 1 arquivo Software Smart Recorder 29,7 MB (16 min. e 12 seg.).

Presidente do Conselho de Administração da Vallecoop. **Entrevista**. [31 de Jul. 2017]. Entrevistadora: Giane Lourdes Alves de Souza Figueiredo. Araguaína, 2017. 1 arquivo Software Smart Recorder 59,2 MB (32 min e 8 seg.).

